

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

NARA FALQUETO CALIMAN

UMA ITÁLIA QUE NÃO EXISTE NA ITÁLIA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE
EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE - ES

VITÓRIA

2009

Nara Falqueto Caliman

UMA ITÁLIA QUE NÃO EXISTE NA ITÁLIA: TRADIÇÃO E
MODERNIDADE EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE - ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito total para obtenção do Grau de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. João Gualberto Moreira Vasconcellos

VITÓRIA

2009

NARA FALQUETO CALIMAN

**UMA ITÁLIA QUE NÃO EXISTE NA ITÁLIA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE
EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE - ES**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Administração, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito total para a obtenção do Grau de Mestre em Administração.

Aprovada em 29 de abril de 2009.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. João Gualberto Moreira Vasconcellos
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Sérgio Robert Sant'Anna
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Gelson da Silva Junquilha
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Dantas
Universidade Federal da Bahia

Ao meu filho Pedro, essência da minha vida e incentivo da caminhada – ausências, conquistas, aprendizado e crescimento – meu amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de estudos pelo período de um ano, decisiva para o cumprimento da fase de disciplinas deste mestrado.

Há muitos a quem agradecer pela trajetória que culminou na realização desta pesquisa. Essencialmente agradeço a Deus no seu amor incondicional que abre caminhos.

Aos meus pais, Ida e Antônio, incansáveis no seu trabalho, apoio e dedicação de uma vida. Um agradecimento especial por serem mais que avós, verdadeiros pais para o Pedro na minha difícil, mas necessária ausência durante metade do mestrado. Jamais vamos nos esquecer.

À tia Talita, minha eterna gratidão. Sem seu olhar atencioso, sua sensibilidade, dedicação, persistência, ousadia e principalmente suas corajosas atitudes em minha vida, eu dificilmente teria chegado até aqui.

Ao meu amado Umbelino, ombro, colo e incentivo, que viu de perto esse projeto entrar e sair do papel, tomar forma e se concretizar. Agradeço a você, que inventou – e encarnou tão bem – o sentido da palavra “compania” (assim mesmo, sem “h”).

Ao meu orientador João Gualberto, pela convivência e amizade prazerosas e enriquecedoras, pela generosidade e atenção dedicada no orientar, pelo ponto de equilíbrio e incentivo nos momentos difíceis e pelo respeito às minhas escolhas - o que é uma maneira delicada de falar da sua paciência sem fim com minha teimosia e auto-suficiência. Muito me orgulha ter sido sua orientanda, afinal - acho que - aprendi nessa convivência a resposta à sua pergunta, por vezes desconcertante: “para que serve um orientador?”. Obrigada por ser parte especial na minha caminhada.

Ao professor Sérgio Robert, por seu olhar atento e meticuloso, sua sensibilidade, sua proximidade, seu interesse e principalmente por suas perguntas instigantes e intrigantes, que foram motivadoras de uma grande guinada nesta obra e mais, no meu jeito de ver as coisas.

Aos colegas e professores de mestrado, companheiros de crescimento acadêmico e pessoal e, em especial à Josiana Binda, que nos seus afazeres de representante de turma e “mãe do mundo”, foi, no meu então infundável vai-e-vem dos dois anos de mestrado entre Venda Nova e Vitória, meu suporte estrutural e emocional; minha irmã, confidente e parceira de leituras, reflexões, conversas, experimentações e releituras

de autores que forjaram, além de minha bagagem acadêmica na Administração, uma Nara mais madura e humana.

Ao amigo Uleuter, por seu ouvir sempre atento e generoso, pelo crescimento e pelos sábios conselhos de vida que vou carregar sempre comigo.

Aos colegas de trabalho, em especial a Victor e Verônica, pela compreensão, palavras, gestos e ações de apoio e incentivo. Agradeço por dividirem e suportarem com bom humor os rompantes, ruidosos *insights*, o turbilhão de palavras, as mudanças, angústias e ansiedades nessa etapa da minha vida.

À jornalista e amiga Lilia Gonçalves, guerreira no registro da história de Venda Nova em seu Jornal Folha da Terra, cujos escritos também deram suporte a esta pesquisa.

Ao fotógrafo e amigo Manzi, que colocou seu banco de imagens da cidade à nossa disposição e gentilmente cedeu os direitos autorais de suas fotos para este trabalho. E ao igualmente talentoso fotógrafo e inquieto repórter Leandro Fidélis, amigo de longa data, meu muito obrigada pelo pronto atendimento no envio de suas fotos.

A todos os que estiveram próximos, irmãos, amigos e familiares, que dividiram as alegrias de cada pequeno passo dado; aos entrevistados, aos que colaboraram com este estudo e especialmente aos voluntários reconhecidos ou anônimos, que construíram a história registrada nestas páginas e em nossas vidas, a minha admiração e gratidão.

Confesso que foi um desafio abordar – como pesquisadora que não deixa de ser filha de Venda Nova – a permanência das tradições locais. Um assunto vivenciado, debatido coletivamente e tão entranhado nos que ali vivem e no seu cotidiano; trabalhar esses aspectos na trajetória da cidade; falar de pessoas tão próximas, de fatos vivenciados por nós e também escritos e registrados por amigos e parentes; restringir, não sem uma pontada no coração, temas e assuntos apaixonantes a fim de manter o foco do trabalho; buscar percepções diferentes acerca de tudo isso, como quem busca olhar com os olhos do outro. E, sobretudo, o esforço de não deixar que por vezes a rigidez do trabalho acadêmico se sobrepusse ao deleite de se mergulhar nesse universo tão rico em cultura, sabores, cores, costumes, cheiros, canções, rituais e gentes que é Venda Nova. Um desafio que enfrentei com dedicação nesses dois anos, e que espero tê-lo feito à altura do leitor que o desvende. A você, leitor, o meu agradecimento prévio por seu interesse e o desejo de uma boa e prazerosa leitura.

“Na vida, passado e futuro são como o lançamento de um arqueiro: para lançar a flecha, é preciso envergar o arco, puxar a corda. Quanto mais puxamos a corda para trás, mais à frente lançamos nossas flechas.”

Trecho da fala de abertura de Padre Cleto Caliman (1914 – 2005) em reunião com a equipe de voluntários para organização do Encontro da Família Caliman em Venda Nova – Dezembro/2001.

LISTA DE SIGLAS

AFEPOL – Associação Festa da Polenta

PRONOVA – Cooperativa dos Cafeicultores das Montanhas do Espírito Santo

ALCIES – Associação de Língua e Cultura do Espírito Santo

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	127
TABELA 2- Venda Nova – População residente.....	128
TABELA 3- Venda Nova – Taxa geométrica de crescimento.....	128
TABELA 4- Venda Nova – PIB a preços correntes.....	128
TABELA 5- Venda Nova – PIP – Taxa de variação total (%).....	128
TABELA 6- Venda Nova – Renda média <i>per capita</i> e percentual de pobres..	128
TABELA 7- Venda Nova – Habitação – Acesso básico a serviços.....	128
TABELA 8- Venda Nova – Empregos formais por setor econômico.....	129
TABELA 9- Venda Nova – Número de empresas por setor econômico.....	129
TABELA 10- Venda Nova – Indicadores de mortalidade e longevidade.....	129

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Festa da Polenta 2008 – Panorâmica do público no momento do maior Tombo da Polenta, que acontece no almoço de domingo.....	131
Foto 02 – O Tombo da Polenta – Edição 2008.....	132
Foto 03 – Cantarola italiana antes do Tombo da Polenta – Edição 2008.....	132
Foto 04 – Detalhe da estrutura e equipe da cozinha – Edição 2008.....	133
Foto 05 – Visão geral da estrutura da cozinha – Edição 2008.....	133
Foto 06 – Benção de abertura da Festa da Polenta 2008, pelo pároco da cidade.....	134
Foto 07 – Homenagem aos voluntários na Festa da Polenta 2008.....	134
Foto 08 – Homenagem ao Padre Cleto Caliman na abertura da Festa da Polenta 2008	135
Foto 09 – O apresentador da Festa com Dona Sunta, personagem que incita a participação dos nativos na programação da rádio local.....	135
Foto 10 – Show do sábado à noite, voltado ao público jovem	136
Foto 11 – Show de grupo de música italiana – Edição 2008.....	136
Foto 12 – O grupo infantil de dança italiana di Ballo Bambini.....	137
Foto 13 – O grupo de dança local di Ballo Granello Giallo.....	137
Fotos 14 e 15 – Cenas do Paiol do <i>Nonno</i> : jogo de <i>boccias</i> (esq.) e preparação do açúcar mascavo (dir.) – 2008.....	138
Foto 16 – Paiol do <i>Nonno</i> : engenho de cana tocado a boi – 2008.....	138
Foto 17 – Casa da <i>Nonna</i> , cenário da Festa – fazendo pães como as matriarcas imigrantes.....	139
Foto 18 – Casa da <i>Nonna</i> , cenário da Festa – a polenta e o café no fogão a lenha, como as cozinhas das matriarcas imigrantes.....	139
Foto 19 – Padre Cleto Caliman.....	140
Foto 20 – Padre Cleto Caliman no ritual Os tempos do Nunca Mais.....	140
Fotos 21 e 22 – O ritual do Plantio do Milho para a Festa da Polenta 2008 – divisão do trabalho masculino e feminino (esq.) e três gerações plantando juntas ambas).....	141

Foto 23 - O ritual do Plantio do Milho para a Festa da Polenta 2008.....	141
Foto 24 – Cantarola italiana após o Plantio do Milho para a Festa	142
Foto 25 – Detalhe do ambiente do Plantio do milho: expressão idiomática italiana inscrita.....	142
Foto 26 – Os Tempos do Nunca Mais – passagem do cocar do anfitrião anterior para o atual.....	143
Foto 27 – Os Tempos do Nunca Mais – canções de seresta.....	143
Foto 28 – Os Tempos do Nunca Mais – a mesa farta com alimentos trazidos pelos participantes.....	144
Foto 29 – Serenata Italiana 2008: Grupos saem cantando das comunidades e celebram o encontro no pátio do Colégio Fioravante Caliman, como na 1ª Festa da Polenta.....	144

Obs: recomendamos ao leitor uma visita a este ensaio fotográfico antes da leitura do trabalho para melhor compreensão dos rituais, hábitos, costumes e personagens descritos.

SUMÁRIO

RESUMO	12
ABSTRACT	13
1 INTRODUÇÃO	14
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
2.1 A NATUREZA DO ESTUDO.....	24
2.2 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DOS DADOS.....	26
2.3 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO.....	29
3 MARCOS TEÓRICOS E REFLEXÕES SOBRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM GIDDENS	31
3.1 TRADIÇÃO E MODERNIDADE: OPOSTOS?.....	31
3.2 ENTENDENDO A TRADIÇÃO: ELEMENTOS FORMADORES E MANTENEDORES	36
3.3 A LÓGICA DA ACUMULAÇÃO E A DETERMINAÇÃO DOS ESTILOS DE VIDA	41
3.4 A TRADIÇÃO COMO ESTILO DE VIDA: O PAPEL DA REFLEXIVIDADE	43
4 ESPÍRITO SANTO: COLÔNIA, IMPÉRIO E IMIGRAÇÃO ITALIANA	48
5 VENDA NOVA – CONTEXTUALIZANDO A CIDADE	57
6 PADRE CLETO, O ARQUEIRO: ARTÍFICE DA HARMONIA ENTRE PASSADO E FUTURO	66
7 FESTA DA POLENTA: A HISTÓRIA DE VENDA NOVA RECONTADA EM TRÊS DIAS ...	82
7.1 A POLENTA: MARCO IDENTITÁRIO DOS IMIGRANTES ITALIANOS	82
7.2 FESTA DA POLENTA: UMA BREVE HISTÓRIA.....	84
7.3 O MODELO DE ORGANIZAÇÃO DA FESTA: PRODUTO E PRODUTOR DA SOCIEDADE LOCAL	94
7.4 A PROFISSIONALIZAÇÃO DA FESTA: O DIVISOR DE ÁGUAS ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE	98
7.5 A FESTA DA POLENTA E O VENDANOVENSE: IDENTIDADE COLETIVA, AUTO-ESTIMA E A RELAÇÃO COM O “OUTRO”.....	105
7.6 MUDANÇAS, SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE LOCAL E POSSÍVEIS CAMINHOS PARA O FUTURO DA FESTA	107
8 UMA ITÀLIA QUE NÃO EXISTE NA ITÁLIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
9 REFERÊNCIAS	125
APÊNCICES	128
Tabelas.....	128
Fotos	131
ANEXO I - Os Presidentes da AFEPOL	145
ANEXO II - Estrutura da Festa da Polenta – equipes.....	146
ANEXO III - La Bella Polenta – Letra da música.....	147

RESUMO

CALIMAN, Nara Falqueto. Uma Itália que não existe na Itália: tradição e modernidade em Venda Nova do Imigrante - ES. 148 p. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

Esta dissertação trata das configurações da tradição no contexto da modernidade em Venda Nova do Imigrante, cidade colonizada por imigrantes italianos no final do séc. XIX, localizada na região serrana do Espírito Santo. Analisa – por meio entrevistas, de análise documental, observação participante e análise de indícios – como as tradições dos imigrantes italianos, em suas diferentes formas e sentidos, permanecem, reinventam-se e se resignificam na atualidade e o papel dos sujeitos nessa construção social. Utiliza a trajetória de uma das mais importantes manifestações culturais da cidade – a Festa da Polenta – e a história de vida de seu fundador – Padre Cleto Caliman – como fio condutor para compreender como a tradição – ou as tradições – reinventa-se, apresentando-se como um estilo de vida na modernidade, através da lógica local de “inovar preservando”.

Palavras-chave: tradição; modernidade; estilo de vida; gestão; imigração italiana.

ABSTRACT

CALIMAN, Nara Falqueto. An Italy out of in Italy: tradition and modernity in Venda Nova do Imigrante - ES. 2009. 148 p. **Dissertation** (Master's Degree in Business Administration) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

The present dissertation deals with the different patterns of tradition as far as modernity is concerned in Venda Nova do Imigrante, a town in the mountains of Espírito Santo that has thrived after the Italian immigrants arrived there in the end of the 19th century. A range of varied analyses - documental and indicative analyses, interviews and participatory observation - shows how the Italian immigrants' traditions remain, in their different ways and meanings, rearranged and renewed at present as well as the role of the subjects in this social construction. Its guideline is one of the major cultural manifestations in town – the Polenta Festival – and the life story of its founding father – Father Cleto Caliman – in order to grasp how such tradition – or traditions – are made over coming out as a life style nowadays through the local logic of “innovating though preserving”.

Key words: tradition; modernity; life style; management; Italian immigration.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo, baseado na ideia de tradição como uma opção de estilo de vida entre as inúmeras escolhas no contexto da modernidade, tem a oportunidade de visualizar a relação de paradoxo e coexistência entre ambas, e através da ideia de estilo de vida, entender alguns mecanismos de funcionamento, adaptação e manutenção da tradição a despeito do cenário de pluralidade e vastidão de escolhas da modernidade.

Num primeiro olhar, a tendência da tradição na atualidade parece ser a de diluir-se e ter cada vez menos adesão e força na sociedade. Mas as nuances e sutilezas da questão tradição-modernidade merecem um olhar mais atento e se mostram um ambiente rico de conhecimento e contribuição para a compreensão da sociedade atual.

A escolha de Venda Nova do Imigrante como *locus* de estudo deve-se – além da ligação e do interesse de contribuição da autora pela compreensão desta sociedade por ser nativa – à consistência do estilo de vida tradicional na cidade, sua trajetória ligada à imigração italiana e à existência de uma identidade coletiva marcante, devido ao contingente de descendentes desses imigrantes.

Colonizada por imigrantes italianos no final do século XIX, quando a imigração europeia foi utilizada como estratégia imperial brasileira de substituição de mão-de-obra escrava e ocupação dos vazios territoriais, Venda Nova do Imigrante manteve – por razões que perpassam desde o relativo isolamento geográfico até questões culturais que procuraremos explorar ao longo deste estudo – uma influência marcante de valores que são percebidos como tradicionais e que atravessam todos os momentos de sua constituição até os dias atuais, sendo reconhecidos como marcos característicos que a tornam um dos principais remanescentes da cultura da imigração italiana no Espírito Santo. Essas características tornam Venda Nova – como é mais conhecida –

atraente para a visualização da atuação dos elementos formadores e mantenedores da tradição.

Entendemos que, através da compreensão dos mecanismos de funcionamento da tradição na nossa sociedade; das estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelos sujeitos e pela coletividade para sua perpetuação, podemos ter outra visão das escolhas e da ação dos sujeitos, analisar a lógica das reflexões de Giddens sobre a tradição em Venda Nova e se ela pode contribuir para a compreensão de outros contextos – indivíduos e grupos.

A importância de estudar esses mecanismos, portanto, se evidencia não só na contribuição para o resgate sócio-histórico e compreensão dessa trajetória em particular, como principalmente no entendimento da trajetória da ação dos sujeitos e da construção coletiva das sociedades na atualidade. A mesma questão pode ser observada em outros grupos da sociedade brasileira.

Analisamos também questões relativas à escolha dos *estilos de vida* nos dias atuais, ou seja, na modernidade. Nesse contexto, segundo entendemos, os sujeitos fazem suas escolhas de forma reflexiva diante da gama de possibilidades. A tradição é vista como uma dentre essas possíveis escolhas. Assim podemos avaliar, para cada contexto social atual, o peso da tradição enquanto estilo de vida: temos cidades, regiões e localidades onde a globalização e a pluralidade características da modernidade desenham cenários heterogêneos com a existência de múltiplos grupos menores; locais onde a predominância de uma identidade coletiva sugere a prevalência do estilo tradicional, porém não sem agregar adaptações e mudanças por influência da *globalização*, onde “os materiais antigos são usados para fins modernos”; e também possibilidades de combinações sociais onde o que restou da tradição foram *hábitos e relíquias*, que vêm a ser, segundo Giddens (2001), rotinas individuais de repetição que têm um certo grau de unidade pela repetição regular e objetos que são vestígios da memória despojados de sua estrutura coletiva. Ambas são estruturas frágeis que remetem a um passado que não se desenvolveu ou não manteve sua identidade com o presente.

No contexto atual, a pluralidade e a grande gama de escolhas traçam a tendência de que as tradições percam o sentido e a autenticidade junto à comunidade. Influências globalizantes, vasta gama de opções de estilos de vida, a prevalência do conhecimento, não personificado, em detrimento da sabedoria muitas vezes não questionada das lideranças tradicionais, promovem também mudanças na configuração das tradições.

Discutir o tema tradição no contexto da pluralidade cultural mundial, dos conflitos étnicos e quadros de intolerância nos parece bastante pertinente e atual. Para Giddens, a tradição é efetivamente uma maneira de evitar choques entre diferentes valores e modos de vida. As temáticas da pluralidade cultural e da relação dialética entre global-local também dizem respeito ao nosso *locus* de estudo, a pequena cidade de Venda Nova do Imigrante, no interior do Espírito Santo.

No cenário internacional, ressaltamos o interesse da Itália por estudos acerca de seus descendentes, com esforços concentrados em comunidades no Brasil, grande destino de fluxo imigratório na segunda metade do século XIX. O interesse atual por esses grupos de descendentes se justifica pelo grande fluxo migratório em direção à Itália e a necessidade de estimular a “imigração de retorno” e repovoar a Itália preferencialmente com seus descendentes. Para isso, são promovidas políticas de atração para as cidades italianas do interior, a exemplo da que é feita em conjunto com entidades como o *Circolo Trentino*¹, para capacitação no agronegócio e formação de profissionais de acordo com o perfil por eles desejado.

Sob o ponto de vista da gestão, este trabalho situa-se no campo das subjetividades, um universo que tangencia o imaginário, a construção social dos sujeitos, elementos que constituem o campo dos interesses públicos e

¹ Os *Circolos Trentinos* são organizações afiliadas à Associação Trentini nel Mondo, com o objetivo de fazer a ligação entre os trentinos e descendentes espalhados pelo mundo, promovendo o intercâmbio cultural e social. No ES existem quatro *Circolos*, sendo um deles em Venda Nova do Imigrante. Para maiores informações, ver www.trentini.com.br

privados. Nesse contexto, achamos ser impossível entender o campo da gestão em qualquer sociedade sem entender seus elementos constitutivos.

No aspecto da contribuição deste estudo para o entendimento da sociedade capixaba, é premente destacar a importância da imigração italiana no Brasil e especialmente no Espírito Santo e sua contribuição para a formação social do Estado. Observando-se a questão da formação da identidade capixaba, vemos nitidamente a importância do aspecto do trabalho na construção da identidade coletiva no ES, que está intimamente ligada à questão da imigração italiana:

Os capixabas de hoje são descendentes de um processo civilizatório tardiamente iniciado no século XIX com a chegada de legiões de italianos, pomeranos, poloneses e outros grupos minoritários. Os italianos – estes sim, francamente majoritários – estabeleceram-se no campo com estruturas de pequenas propriedades, cultivadas com a mão-de-obra familiar. Trabalhava-se muito nestas pequenas unidades quase que autônomas. Produzia-se café para a venda no mercado internacional. Destas pequenas unidades produtivas rurais tocadas com o suor de toda uma família de imigrantes e seus descendentes nasceu uma lógica vinculada ao trabalho. O Espírito Santo tem um processo de criação de identidade coletiva nascida no trabalho. (*“O trabalho como matriz de uma identidade cultural”*. Resumo do grupo de trabalho sobre Identidade Capixaba na 21ª. Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 1998²).

A imigração italiana tem, então, papel fundamental na formação cultural, social e econômica do Estado. E deixa como legado uma cultura baseada em valores como ética do trabalho, organização do grupo com base no núcleo familiar e outros, como religiosidade, cooperação, solidariedade e espírito comunitário. Aspectos que ainda hoje são valorizados e tidos como tradicionais desse *ethos*, que se diferencia das demais cidades onde os imigrantes não fizeram história.

O legado dos imigrantes italianos no Espírito Santo faz parte do imaginário coletivo capixaba, como percebemos nesta declaração:

A representação positiva sobre os imigrantes italianos, alimentada pela dedicação ao trabalho, já está sedimentada no imaginário coletivo. Prova isso a declaração³ de Eliezer Batista, ex-presidente da CVRD, que atribui ao fenômeno étnico uma das vantagens do Espírito Santo em relação aos demais Estados. Referindo-se aos italianos, afirma: “Eles são engenhosos, trabalhadores, e o progresso do Estado, sem dúvida, é levado pelas suas mãos”. (COLBARI, 1997)

² Disponível em <http://www.ufes.br/~cisoufes/gts/gt21.htm>. Acesso em 15/07/07

³ Fonte: “Capixabas são cada vez mais italianos”. *A Tribuna*, 31/7/1994. p. 2.

Venda Nova do Imigrante, cidade de cerca de 20 mil habitantes, está localizada na região serrana do estado do Espírito Santo. Essa região tem peculiaridades que valem ser estudadas, uma vez que foi colonizada no final do século XIX por imigrantes europeus, no caso de Venda Nova, italianos. Seu desempenho nos índices de IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (ver Tabela I, p. 128) –, ocupando o 8º lugar entre os 78 municípios do ES suscita o interesse em analisar as causas e origens que a fazem diferenciar-se no contexto social e econômico.

Um aspecto que chama a atenção é que, diferente de outras cidades colonizadas ou ocupadas por imigrantes italianos no estado, como Castelo, Colatina e Santa Teresa, Venda Nova ainda porta muitos elementos característicos da cultura italiana, presentes no biotipo de muitos moradores, no sotaque característico e uso de expressões no dialeto vênето (foto 25, p. 142), na arquitetura, nas cores de escolas, imóveis públicos e das flores dos canteiros centrais (cores da bandeira italiana), nos nomes das empresas e casas comerciais, na culinária, na música, nos rituais, nos hábitos e costumes como os corais e grupos de dança, as músicas e religiosidade. Alguns destes presentes no cotidiano e outros que, mesmo que apenas nos rituais como elementos “teatrais” – trajes típicos, danças, músicas, uso de objetos –, dão à cidade essa referência identitária ligada aos imigrantes italianos.

Este estudo concentra-se, portanto, em entender na sociedade vendanovense os mecanismos de perpetuação, adaptação e mudança da tradição – ou das tradições – através do resgate histórico de seu processo de formação, de suas formas atuais e indícios futuros. Em outras palavras, visa analisar, nesta sociedade, em que medida os valores tradicionais convivem com o ambiente de múltiplas escolhas característico da modernidade, qual o peso da tradição na sua construção cotidiana, identificando indícios de sua projeção no futuro.

Para a compreensão desta realidade, realizamos um levantamento sócio-histórico dos elementos que mais se destacam como tradição na sociedade

vendanovense, identificando a existência de sujeitos-chave na construção coletiva da comunidade, e registrando alguns dos mecanismos de atuação nessa construção.

A partir desse levantamento, optamos por utilizar como recorte a Festa da Polenta, uma festa anual da cidade, considerada popularmente como a maior festa da cultura italiana no Espírito Santo. As peculiaridades de sua criação, a complexidade e riqueza que envolvem sua realização ao longo do ano, a atuação peculiar de sujeitos-chave e sua importância como vitrine para a manifestação da cultura e identidade locais nos fazem crer que a Festa da Polenta⁴ é um *locus* privilegiado de observação da organização social de Venda Nova.

Como toda sociedade no contexto globalizado, Venda Nova também porta um contingente populacional pequeno, mas qualitativamente considerável nas regiões periféricas da cidade, onde condições de baixa escolaridade e renda renovam o ciclo da pobreza e desigualdade social. Segundo Braz Delpupo⁵, um breve olhar sobre a história recente da cidade (a partir da década de 1990) aponta que a prosperidade dos produtores de tomate e café atraiu trabalhadores rurais vindos de outras cidades que, com sua remuneração acima da média de um trabalhador rural na região, trouxeram suas famílias e outros parentes. Porém, oscilações de mercado e crises na produção geraram desemprego e a estrutura da cidade não comportou esse excedente de mão-de-obra, gerando o empobrecimento nessas áreas. A cidade também porta um grande contingente de não descendentes de italianos, alguns estabelecidos há décadas e outros que se achegam por novas oportunidades ligadas ao agronegócio ou simplesmente atraídos pela tranquilidade da vida no interior.

Nosso trabalho concentra-se, porém, na compreensão do estilo de vida tradicional dos descendentes dos imigrantes italianos e seus mecanismos de

⁴ Um caminho semelhante foi trilhado pelo antropólogo Roberto DaMatta em sua obra “carnavais, malandros e heróis” (1990), que buscou explicar o comportamento do brasileiro pela análise do *carnaval*.

⁵ Prefeito Municipal de Venda Nova, à frente do poder executivo nas gestões 2001-2004 e 2005-2008. Entrevista concedida em 19/07/08)

perpetuação e adaptação, uma vez que este estilo de vida está ligado à identidade cultural e à imagem da cidade como experiência turística a ser vivenciada, aspecto que ganha importância no local a partir do final da década de 1990.

Nesse caminho, foram identificados alguns personagens importantes na trajetória da construção coletiva dos valores tradicionais da comunidade, dentre os quais destacamos Padre Cleto Caliman (fotos 19 e 20, p. 140) e Máximo Zandonadi. O primeiro, por sua atuação como líder religioso e por sua influência em diversas frentes: social, cultural, econômica e política, ultrapassou as expectativas do comportamento esperado de um Padre.

Já Máximo Zandonadi, por sua referência como líder de importantes movimentos como o cooperativismo na agricultura, seu envolvimento em questões sociais e econômicas, sua postura visionária quanto à vocação turística da cidade, a preocupação constante com os valores religiosos, morais e éticos e a continuidade das tradições. Autor de três livros que registram importantes fatos da história da comunidade – *Venda Nova, um capítulo da Imigração Italiana*, livro publicado em 1980; *Reminiscências de um século (1998-1989): fatos e contos de uma imigração italiana*, de 1987 e *A Igreja na História de Venda Nova*, de 1984 –, Máximo também figura neste cenário de importantes lideranças e referências locais.

Pelo enfoque dado a este estudo, nos ativemos a detalhar a atuação de um deles, o Padre Cleto Caliman. O critério de seleção remonta a seu enquadramento como guardião da tradição e é corroborado pelo fato de ter sido ele o criador e entusiasta da Festa da Polenta, um dos grandes marcos identitários da cidade, vitrine que exhibe as transformações das tradições dos imigrantes ao longo da história de Venda Nova. A Festa é um *locus* privilegiado de observação, onde as histórias de vida de criador e criatura por vezes se mesclam, revelando um modelo de organização e construção social que ao mesmo tempo influencia e é influenciado pela comunidade.

Padre Cleto Caliman, fundador da Festa e um dos principais indutores do desenvolvimento de Venda Nova, foi categorizado neste estudo como guardião da tradição, segundo Giddens. O guardião é o repositório das tradições porque identifica os seus detalhes, relaciona-os com o presente, projeta-os no futuro enquanto interage com os outros da sua idade e por fim transmite-os aos jovens. É ele quem faz o trabalho contínuo de interpretação para identificar os laços que ligam o presente ao passado. O conceito de guardião será detalhado e contextualizado posteriormente.

Em suma, nosso problema de pesquisa concentra-se em, através da análise da trajetória da Festa da Polenta e de seu fundador, Padre Cleto Caliman, compreender os processos de manutenção, adaptação e reinvenção das tradições em Venda Nova. O trabalho está assim estruturado: No Capítulo 2 apresentamos os procedimentos metodológicos desta pesquisa. Os marcos teóricos que orientam nosso estudo encontram-se no capítulo 3. Já o capítulo 4 traz um resgate histórico sobre o Espírito Santo desde a colônia até a imigração italiana para introduzir o estudo sobre Venda Nova, que se inicia no capítulo 5. Uma análise da história de vida do Padre Cleto Caliman como guardião da tradição é feita no capítulo 6 e para o capítulo 7 reservamos um panorama sobre a Festa da Polenta, a fim de concluir este estudo com nossa análise e considerações finais.

Na estruturação dos elementos da pesquisa, optamos por concentrar as fotos em um ensaio ao final do trabalho, a fim de criar uma ambientação do cenário da Festa da Polenta e de aspectos culturais da cidade como um todo. Como sugestão, recomendamos um passeio pelas fotos (p. 131 a 144) e pelas tabelas com dados sócio-econômicos (p. 128 a 130) antes da leitura do trabalho, para uma visão geral de Venda Nova. Ao longo de todo o texto, as fotos também são convocadas – com indicações de número e página – para trazer ao leitor uma visualização de aspectos particulares que abordamos e que são mais facilmente compreendidos pela visualização das imagens. A seguir descrevemos os caminhos que percorremos para a realização desta pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A complexidade das sociedades na atualidade requer das ciências sociais uma postura reflexiva diante dos problemas a serem estudados. A necessidade de diálogos entre diferentes visões e correntes de pensamento torna-se fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais, pois permite um melhor entendimento. A importância da transdisciplinaridade na compreensão das sociedades é abordada pelo antropólogo Gilberto Velho (2006, p 15), que defende também o uso das histórias de vida, instrumental das Ciências Sociais, na compreensão da sociedade brasileira.

Ainda em sua pesquisa, Velho resgata dois importantes sentidos de cultura – objetiva e subjetiva –, inspirado nos estudos do sociólogo Georg Simmel. Em suas reflexões, os conceitos não são absolutamente análogos, uma vez que a cultura subjetiva é o objetivo principal:

Sua medida [*a da cultura subjetiva*] é a extensão em que o processo da vida psíquica utiliza esses bens e realizações objetivas. Obviamente não pode haver cultura subjetiva sem cultura objetiva, pois o desenvolvimento ou a condição de um sujeito é a cultura, através da incorporação de objetos cultivados com que se defronta. Em contraste, a cultura objetiva pode ser parcialmente independente da cultura subjetiva, na medida em que foram criados objetos “cultivados” – ou sendo cultivados – para fins culturais que não se limitam a sua utilização por sujeitos. (VELHO, 2006)

Dentro dessa perspectiva, os cortes, o olhar, os indivíduos que são privilegiados nessa nossa pesquisa, a forma com que cortamos falas, com que categorizamos assuntos segundo nossos critérios, resumimos, intervimos, “tudo delinea o âmbito de arbitrariedade em que se move o pesquisador-autor”. Nesse sentido, as fronteiras entre o conhecimento científico, objetivo, e uma interpretação de natureza mais subjetiva, não são tão óbvias. Os personagens falam. Mas, ao retraduzir seus discursos através de um texto de nossa autoria, estamos “misturando às suas falas, perplexidades, dúvidas e hesitações” VELHO (2006), ao mesmo tempo em que uma preocupação teórica estabelece um distanciamento que nos assegura um equilíbrio do olhar subjetivo na construção do conhecimento.

Destarte, quando delineamos os sujeitos, em especial Padre Cleto Caliman, e utilizamos sua história de vida para explicar a trajetória da sociedade de Venda Nova, trazemos à tona, com a reflexão de Gilberto Velho (2006), o olhar para o “papel do sujeito no mundo” e também a “clássica dicotomia indivíduo-sociedade, as ideologias individualistas, a problemática da aliança, os códigos contraditórios, tudo isso remete à problemática do sujeito.” Ao privilegiar subjetividade e sociabilidade, o autor aproxima-se da perspectiva de uma “cultura subjetiva associada a uma sociabilidade qualificada”. A valorização da história de vida dos sujeitos, instrumento utilizado pelas ciências sociais, deve, na concepção de Gilberto Velho, ser mais utilizada por outras áreas do conhecimento com a preocupação de entender a trajetória da sociedade brasileira e suas nuances.

É importante ressaltar que não nos eximimos aqui da influência de uma subjetividade na elaboração deste trabalho. Antes valorizamo-na enquanto produção autêntica que contribui para a compreensão do objeto estudado, onde a subjetividade deve ser incorporada ao processo de conhecimento desencadeado, levando em consideração emoções, sentimentos e crenças. A problemática tratada aqui nos inclui, sendo, portanto, inevitável a influência da nossa subjetividade. Nossos esforços de distanciamento por vezes nos soaram engraçados, mas sempre nos pareceram legítimos. Espero termos encontrado enfim o equilíbrio que permita a produção de um conhecimento relevante acerca das tradições em Venda Nova.

Para compreender como as tradições perduram, se modificam, se adaptam a novas realidades e se resignificam na sociedade vendanovense, complementamos nosso olhar com a ajuda da observação de indícios e pistas, a fim de montar algumas peças do “quebra-cabeça” da realidade que se apresenta. Esse instrumento nos ajudou a “farejar” aspectos interessantes, que a princípio pareciam irrelevantes, como a integração de sujeitos externos à comunidade local e suas implicações na trajetória de atores sociais relevantes, que influenciaram diretamente na organização da Festa da Polenta.

Quando nos propusemos a entender as manifestações atuais da tradição dos descendentes de imigrantes italianos em Venda Nova, foi necessário buscar na história a razão e as condições de sua vinda ao Brasil, que remontam à formação do Brasil imperial, do despontar econômico e social da capitania do Espírito Santo, da ocupação das colônias de imigrantes em Alfredo Chaves, o Núcleo Castello (*sic*), para posteriormente compreender o processo de ocupação de Venda Nova propriamente dito. A partir daí, buscamos explicar – usando como fio condutor uma manifestação social e cultural local de forte impacto na comunidade, que é a Festa da Polenta – as transformações e resignificações por que passaram as tradições até os dias atuais.

Quando estudamos essas tradições, não nos preocupamos com suas origens, o começo absoluto, até porque ele não é determinável em um momento do tempo. O que seguimos foi buscar na história do tempo em que foi possível retroceder, as causas de que dependem as tradições, ou seja, o contexto social que permeou os registros do que primeiro foi observado como traço tradicional, identificado por ser repetido posteriormente, transformado, adaptado e resignificado pelas gerações.

Também nos apoiamos na observação participante, que nos permitiu, através da aproximação, convivência e interação, observar, sentir, absorver, trocar, ler e interpretar esse universo complexo e particular.

2.1 A natureza do estudo

Nossa pesquisa é essencialmente uma pesquisa qualitativa. Por ser um estudo sobre uma realidade social delimitada, e por envolver aspectos como tradição, rituais, guardiães da tradição e aspectos tão diluídos e “camuflados” no cotidiano, foi importante adotar procedimentos que captassem as nuances dos sentimentos e emoções, leis e costumes que se escondem por trás do comportamento social, que dificilmente são revelados somente em entrevistas em profundidade. A partir da observação de indícios e pistas diante desse

complexo cenário, fizemos inferências, principalmente tendo em vista que o principal sujeito da pesquisa, Padre Cleto Caliman, faleceu em 2005 e assim nos servimos de relatos de seus familiares e contemporâneos, documentos, periódicos e da observação participante como fontes de informação.

Nesse contexto, a convivência da observação participante nos proporcionou presenciar fatos ocorridos dentro de seu contexto natural, que por sua vez geram reações como comentários, expressões de concordância ou indignação e ações espontâneas que ajudam a desvendar os códigos e mecanismos culturais.

Assim, a observação participante, além de possibilitar nossa familiarização com o objeto de estudo e a conquista da confiança das pessoas, permitiu atingir conhecimentos mais profundos do grupo estudado, tornando possível inclusive analisar a existência de inconsistências entre discursos e práticas.

A condição de nativa – atuante em áreas do poder público municipal e com envolvimento direto com líderes e instituições locais citadas neste trabalho nos anos de 2001 a 2006 – facilitou e agilizou esse processo de conquista da confiança, permitindo uma aproximação natural e na maioria dos casos, imediata.

Em suma, a observação participante, a utilização de indícios e pistas como base para inferências, aliados às entrevistas em profundidade foram os procedimentos que possibilitaram absorver, além das informações *ditas* pelos entrevistados, as nuances de comportamento e *ação individual e coletiva*, ou seja, a diferença entre o discurso e a ação e as informações deixadas pelos sujeitos através da organização social da cidade.

Através do levantamento de elementos da trajetória de vida do Padre Cleto Caliman e da Festa da Polenta, pinçamos aspectos tradicionais de Venda Nova, a cultura do trabalho, valores como o voluntariado, cooperação e

solidariedade e também costumes, hábitos que permaneceram, foram resignificados e/ou resgatados.

2.2 Procedimentos para obtenção dos dados

Foram utilizados como fontes e procedimentos para obtenção dos dados:

i) Estruturação de um referencial teórico com levantamento bibliográfico sobre os conceitos de tradição, modernidade e elementos relacionados, bem como do contexto sócio-histórico da formação do Espírito Santo e de Venda Nova. Foram importantes para a montagem deste “quebra-cabeças” e para o entendimento da lógica social local, a leitura de autores nacionais, estudiosos da problemática capixaba e livros do vendanovense Máximo Zandonadi, uma referência como liderança na história da cidade através de suas ações e publicações;

ii) Pesquisa documental em periódicos locais, onde foram analisados relatos de fatos históricos e cotidianos, de hábitos e costumes. Nesta etapa foram fundamentais as edições anuais do Caderno Especial da Festa da Polenta, bem como a leitura semanal do periódico semanal local Folha da Terra, que tem abrangência regional, embora sediado em Venda Nova;

iii) Entrevistas em profundidade com seis dos sete coordenadores da Festa da Polenta, que se alternaram em dez ciclos de gestão (três presidentes foram reeleitos), sendo eles anteriores ou não à criação da AFEPOL – Associação Festa da Polenta. Além de outros atores sociais que se destacam na trajetória da constituição da cidade no âmbito político, social ou econômico, representantes de instituições ativas no âmbito social, com papel ativo nos rituais a serem estudados, que têm ou tiveram contato com personagens estudados ou portadores de conhecimentos sobre eles através de estudos relevantes também foram selecionados. O critério de escolha desses atores foi a citação nos periódicos e livros pesquisados ou nas próprias entrevistas da pesquisa.

Também foram entrevistados: a diretora do periódico semanal local; quatro lideranças locais importantes no processo de formação da cidade ao longo de sua história; e três familiares do Padre Cleto Caliman. Além destes, lideranças locais como presidentes de cooperativa agrária, ex-prefeitos, personagens envolvidas ativamente na realização de várias edições da festa e voluntários também fizeram parte do grupo de entrevistados. Ao todo, foram realizadas 20 (vinte) entrevistas.

Para a realização das entrevistas, seguimos uma listagem de tópicos que deveriam ser abordados, tendo o cuidado de não deixar nenhum tópico sem ser abordado e ao mesmo tempo não direcionar, induzir ou cercear a espontaneidade dos sujeitos, conduzindo de forma mais natural e próxima de uma conversa informal possível. Falando o mínimo necessário, ouvindo e observando (e gravando), a fim de não direcionar os conteúdos. Isso proporcionou mais espontaneidade aos relatos, sendo conduzidos, dentro do possível, na lógica e na ordem de pensamento do entrevistado e não na sequência do roteiro. Isso, por consequência, gerou entrevistas mais extensas e complexas na categorização, porém nos presenteou superando expectativas quanto à profundidade, abrangência, riqueza e diversidade das informações.

O roteiro previa os seguintes itens: *Sobre aspectos gerais da Festa da Polenta*: relação do entrevistado com a festa; pontos a destacar na sua trajetória; o que mais te marcou na história da festa; importância da festa para a cidade; a importância/sentido da festa para o entrevistado; o que é tradicional na festa; relação com a estrutura de organização da festa; relação da festa com a organização social da cidade; voluntariado; lideranças; o papel do gestor da AFEPOL no direcionamento da festa; o futuro da festa; o papel do poder público na festa. *Sobre o Padre Cleto Caliman*: Quem foi; o que representou para a cidade; histórias pitorescas de sua vida e trajetória; a opinião do entrevistado a respeito de sua atuação; a continuidade da festa sem Padre Cleto. *Sobre Venda Nova e as tradições*: quais são as mais marcantes; o que

elas representam nos dias atuais; como surgem/ressurgem/se transformam; o futuro das tradições em Venda Nova.

iv) Observação participante com registro em diário de campo. Foram realizadas mais de 60 horas de observação participante, durante 9 meses. As observações incluíram desde triviais conversas com taxistas da cidade durante as viagens e deslocamentos, conversas informais com lideranças locais, turistas e visitantes, vizinhos, conhecidos e familiares; visitas à AFEPOL onde conhecemos sua equipe e pudemos ver de perto um pouco de seu funcionamento, até a participação em manifestações culturais e religiosas como a Festa do Galo Caipira, a Missa da Dez, Os Tempos do Nunca Mais (fotos 26 a 28, p. 143 e 144), os rituais de Plantio (fotos 21 a 25, p. 141 e 142), Montoa e Colheita do Milho⁶ para a festa, a Serenata Italiana (foto 29, p. 144) e, claro, a própria Festa da Polenta. Essas manifestações serão mencionadas e descritas ao longo deste trabalho, em diferentes níveis de detalhamento.

Durante a festa, pudemos participar, pela primeira vez – mesmo sendo nativa – como voluntária, integrando a equipe de limpeza. A escolha da equipe se deu pela característica do trabalho, que nos deu oportunidade de estar “por dentro” da estrutura de voluntariado e, ao mesmo tempo, circular por todo o espaço da festa, observando e sentindo o seu desenrolar. E, por isso, pudemos participar – também “de dentro”, enquanto participante homenageada – da festa de homenagem aos voluntários, que acontece anualmente, três semanas após a Festa da Polenta.

Cabe salientar como influência nesta pesquisa o nosso envolvimento como nativa, especialmente entre os anos de 2001 e 2006, como técnica atuante no poder público municipal, tendo envolvimento e participação nos aspectos sociais locais e interação com seus diversos atores. Esse particularmente

⁶ O plantio, montoa e colheita do milho para a Festa, bem como a serenata italiana, são eventos que fazem parte do calendário anual da Festa da Polenta, numa dramatização que resgata hábitos, costumes, trajes e utensílios dos imigrantes italianos que fundaram Venda Nova.

tornou-se um desafio constante ao longo do trabalho, pelo relacionamento entre os conhecimentos intrínsecos da nativa e o olhar da pesquisadora.

2.3 Construção e análise da informação

Os dados coletados por meio de entrevistas foram gravados e transcritos. Os indícios originados da leitura de jornais e livros locais, das notas dos acontecimentos e fatos cotidianos e as informações oriundas da observação participante foram selecionados, registrados sob forma textual, categorizados e analisados. No cruzamento desses dados, foram encontradas confluências de opiniões, que foram compiladas. Também confrontamos as opiniões divergentes dos entrevistados sobre certos temas. Sobre essas confluências e confrontos fizemos nossas reflexões, tendo como referência o marco teórico inicial e nosso olhar sobre o objeto. Nosso referencial teórico também foi sendo complementado, adaptado e construído ao longo da pesquisa, de acordo com o desenrolar da pesquisa e com base nas informações encontradas no campo empírico.

O aporte teórico de Giddens sobre tradição e modernidade – nosso ponto de partida – foi, portanto, se expandindo com a inclusão de outras reflexões do autor e “se encaixando” aos resultados do campo, bem como outros autores foram sendo “convocados para a conversa” à medida que a complexidade do campo demandava. Dessa forma, buscamos contribuir para a compreensão de até que ponto as tradições persistem, se perpetuam, se adaptam às mudanças do mundo globalizado, quem são os principais atores e de que forma se configuram essas construções coletivas.

Na elaboração deste relatório foi privilegiada, sempre que possível, a transcrição literal dos relatos dos entrevistados, informantes e fontes, de maneira que eles aparecem com bastante frequência. O que pode parecer, para alguns, cansativo ou curioso, reflete nossa intenção de dar ao leitor acesso a dados primários e a possibilidade de assim fazer suas próprias inferências e questionamentos sobre o que foi relatado, não ficando preso

somente à nossa percepção e interpretação. Esperamos abrir, assim, um caminho para o “diálogo” entre informantes, autora e leitor, uma construção dinâmica do conhecimento, uma vez que não existe “a verdade”, e sim verdades múltiplas, complementares, opostas ou paradoxais, dependendo do enfoque e do olhar de quem observa.

3 MARCOS TEÓRICOS E REFLEXÕES SOBRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM GIDDENS

Os conceitos estruturais sobre tradição e modernidade neste estudo têm como referência as reflexões de Antony Giddens a respeito de tradição e modernidade. Sociólogo britânico contemporâneo, Giddens é conhecido por sua teoria da estruturação, além de abordar temáticas como a história do pensamento social, a estrutura de classes, elites e poder, nações e nacionalismos, identidade pessoal e social. Sua produção intelectual é marcada também por reflexões sobre a modernidade e seus impactos sobre os indivíduos e a sociedade, sendo um dos primeiros autores a trabalhar o conceito de globalização. E é sobre essas reflexões do autor que nos atemos neste trabalho.

3.1 Tradição e modernidade: opostos?

A adoção do referencial teórico baseado nas reflexões de Giddens sobre a tradição se deve à sua postura de tradição *não oposta* à modernidade e de modernidade como reconstituidora da tradição enquanto a dissolve. Dito de outra forma, pela relação paradoxal entre tradição e modernidade e coexistência de ambas, que culmina na possibilidade de se ter a tradição como uma opção entre a infinita gama de estilos de vida, passando pela *reflexividade*, que permite aos sujeitos e à sociedade questionarem o que está posto através do conhecimento da natureza, das condições materiais e do próprio conhecimento adquirido através da sua construção. Assim, temos que:

A modernidade, quase que por definição, sempre se colocou em oposição à tradição; não é verdade que a sociedade moderna tem sido “pós-tradicional”? Não, pelo menos da maneira em que me proponho a falar aqui da “sociedade pós-tradicional”. Durante a maior parte da sua história, a *modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia*. (GIDDENS, 2001, p. 22, grifos nossos)

As relações dialéticas entre o local e o global – a relação entre as decisões do dia-a-dia e os resultados globais, em conjunto com seu reverso, a influência

das ordens globais sobre a vida individual – compõem, segundo Giddens (2001, p. 24), o principal tema da nova agenda da ciência social. Os grupos sociais não desaparecem por conta disso, mas tendem a ser reorganizados e reformulados segundo essa nova agenda.

É comum se relacionar conhecimento a controle. Pensadores do Iluminismo e muitos sucessores viam que a crescente informação sobre o mundo social e material trariam um controle cada vez maior sobre eles. E quanto mais tivermos posição ativa para fazer história, mais podemos orientar a história rumo a nossos ideais. Mas essa lógica não captura o mundo da alta modernidade ou da modernidade tardia⁷, que é muito mais aberto do que sugerem essas reflexões. E isso acontece, segundo Giddens (2001, p. 24), por causa – e não apesar – do conhecimento que acumulamos sobre a sociedade e o ambiente material. É um mundo onde oportunidade e perigo estão equilibrados.

Dessa forma, “quanto mais tentamos colonizar o futuro, maior a probabilidade de ele nos causar surpresas”, diz Giddens. O cálculo do risco continua sendo feito, sob a ótica da tentativa de controle, com base em um mundo que, em grande parte, permanece como “dado”, inclusive a natureza e as formas sociais coordenadas pela tradição. Quando a natureza é invadida – e até destruída – pela socialização, e a tradição é dissolvida, novos tipos de incalculabilidade submergem. Pela grande diversidade de fontes de informação e conhecimento, muitas delas divergentes e contraditórias, o máximo que pode ser dito com alguma certeza é que não há certezas e sim uma gama de “cenários possíveis”, cuja plausibilidade depende, entre outros fatores, da quantidade de pessoas que aderem a cada um deles.

Nesse aspecto, encontramos um elemento que, segundo Giddens, é central: a reflexividade, que é desta forma por ele conceituada:

Reflexividade se refere à suscetibilidade da maioria dos aspectos da atividade social e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa, à luz de

⁷ Nomenclatura que Giddens utiliza para classificar os dias atuais

novo conhecimento ou informações. [...] [É] o uso regularizado do conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação. (GIDDENS, 2002, p. 25-26).

O aspecto do questionamento e revisão do que está dado, que a reflexividade ressalta, de certa forma, é uma potencial ameaça à tradição, caracterizando-se pelo constante aperfeiçoamento na busca pelo novo. Dessa forma, as práticas sociais modernas organizam e, sobretudo, transformam a própria sociedade, tomando por base um conhecimento que é permanentemente renovado à luz de suas próprias práticas. A reflexividade da modernidade “solapa a certeza do conhecimento”, num contexto onde a dúvida inquieta não só os filósofos, mas os indivíduos comuns. Assim:

No mundo social, em que a reflexividade institucional tornou-se um elemento constituinte central, a complexidade dos “cenários” é ainda mais marcante. [...] Por isso [*pela incalculabilidade dos riscos totais e pela multiplicidade de cenários possíveis, que dependem da postura reflexiva dos sujeitos e não de uma realidade dada como certa como no ambiente tradicional*], em âmbito global, a modernidade tornou-se experimental. Queiramos ou não, estamos todos presos em uma grande experiência, que está ocorrendo no momento da nossa ação – como agentes humanos – mas *fora do nosso controle*, em um grau imponderável. Não é uma experiência do tipo laboratorial, porque não controlamos os resultados dentro de parâmetros fixados – é mais parecida com uma aventura perigosa, em que cada um de nós, querendo ou não, tem que participar. (GIDDENS, 2001, p. 25, grifos nossos)

Observamos aqui que o risco é intrínseco das sociedades modernas, porém não é exclusividade delas. A modernidade, digamos, apenas mudou a natureza dos riscos. A modernidade introduz novos parâmetros de risco pouco conhecidos ou inteiramente desconhecidos em épocas anteriores. Nesse contexto de riscos desconhecidos e de amplitude quase infindável de escolhas individuais, a confiança é fundamental, como posto por Giddens:

Em circunstâncias de incerteza e múltipla escolha, as noções de confiança e risco têm aplicação particular. A confiança, afirmo, é um fenômeno genérico crucial do desenvolvimento da personalidade [...]. A confiança nesse sentido é fundamental para um “casulo protetor” que monta guarda em torno do eu em suas relações com a realidade cotidiana. [...] [*a confiança*] é um meio de interação com os sistemas abstratos que esvaziam a vida cotidiana de seu conteúdo tradicional ao mesmo tempo em que constroem influências globalizantes. (GIDDENS, 2002, p. 11).

A questão do risco e da confiança, na concepção de Giddens, tem relação com a busca da segurança ontológica proporcionada aos sujeitos pela tradição no contexto tumultuado da modernidade. Saul (2006) destaca essa relação, só aparentemente contraditória, analisando publicações de Giddens. Em seu artigo, Saul chama a manutenção das tradições de conservadorismo, como se segue:

O conservadorismo filosófico implica a *combinação entre modernização e conservadorismo* e se apresenta como a forma mais adequada para enfrentar a *nova combinação entre risco e responsabilidade*. Essa *combinação de modernidade e conservadorismo é só aparentemente contraditória*. [...]. Na verdade, na perspectiva do autor, o social se traduz em práticas com extensão espacial e duração temporal que são constituídas a partir de relações de *confiança*, funcionando esta como base da *segurança ontológica* [...] que liga as subjetividades às instituições ou às estruturas e aos sistemas. É importante referir que a noção de *segurança ontológica* parece ser um dos conceitos centrais de toda a teorização social do autor, marcando presença desde seus primeiros trabalhos. (SAUL, 2006, grifos nossos)

No âmbito das escolhas individuais, o horizonte é amplamente aumentado no contexto das sociedades modernas:

Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções (GIDDENS, 2002, p. 13).

Assim, nas sociedades modernas, as escolhas de estilo de vida são constitutivas da vida cotidiana. Os sujeitos são obrigados a fazer escolhas a todo o momento. Veremos no decorrer deste estudo o quanto essas escolhas de estilos de vida podem impactar – e ser impactadas – pela permanência de aspectos tradicionais em suas variadas formas de combinação na sociedade vendanovense.

Nesse cenário, o papel do sujeito, segundo Giddens (2002, p.9), é ativo, de construtor de sua individualidade e da realidade social onde atua. Ele não é uma entidade passiva, determinada por influências externas, “ao forjar suas auto-identidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos

da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas conseqüências e implicações”.

Ele afirma ainda que o sujeito, bem como os contextos institucionais em que atua, tem que ser constituído reflexivamente, tarefa esta a ser realizada em meio a uma enigmática diversidade de opções e possibilidades (GIDDENS, 2002, p. 11). É notável aqui a importância da postura reflexiva nas escolhas dos sujeitos e a intensidade desta reflexividade, do questionamento da validade do que está posto mediante o conhecimento e aprimoramento constantes; evolui à medida que se ampliam, na gama de possibilidades de escolha, os riscos e incertezas.

Antes de nos aprofundarmos no entendimento dos elementos que constituem e mantém a tradição, cabe uma observação sobre o termo globalização, que será muito empregado neste estudo. A globalização, segundo Giddens (2002, p. 27), diz respeito à interseção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais, à distância com contextualidades locais. Dessa forma, a globalização “tem que ser entendida como um fenômeno dialético, em que eventos em um pólo de uma relação muitas vezes produzem resultados divergentes ou mesmo contrários em outro”.

Esses aspectos afetam as pessoas que vivem em ambientes mais tradicionais, fora das partes ditas mais “desenvolvidas” do mundo. Ele afirma ainda que não é mais possível para membros de sociedades menores viverem suas vidas somente em termos de seu próprio conhecimento local. O contexto globalizado abre caminhos para uma interação mais direta entre o indivíduo e a sociedade global. (GIDDENS 2002, p.34). Portanto, quando utilizamos o termo *globalização* neste estudo, nos referimos ao conceito giddensiano desse entrelaçamento de ações, eventos e relações sociais distantes com o contexto local, no âmbito coletivo e individual.

Nesse contexto globalizado, os processos de reforma e mudança na vida cotidiana têm um papel importante, dada a relação dialética entre o local e o global e suas mútuas influências, como já mencionamos anteriormente. E é nesse contexto que analisamos os elementos que compõem a tradição.

3.2 Entendendo a tradição - elementos formadores e mantenedores

A tradição tem um importante papel na construção de uma sociedade. Ela tem uma dimensão de organização sobre o tempo. Nas palavras de Giddens:

A tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente. Mas evidentemente, em certo sentido e em qualquer medida, a tradição também diz respeito ao futuro, pois as práticas estabelecidas são utilizadas como uma outra maneira de se organizar o tempo futuro. O futuro é modelado sem que se tenha a necessidade de esculpi-lo como território separado. A repetição [...] chega a fazer o futuro voltar ao passado, enquanto também aproxima o passado para reconstituir o futuro. (GIDDENS, 2001, p. 31, grifos nossos)

Sob o aspecto da funcionalidade, a tradição tem a missão de manter coesão e influenciar a ordem social. Para ilustrar essa colocação, Giddens (2001, p. 29) analisa a tribo *Kung* e seu ritual instituído de depreciar a caça trazida pelos caçadores, e que tem a função de manter a condição de igualdade entre os membros da sociedade e não estimular a vaidade e destaque dado ao caçador mais bem-sucedido.

O autor observa, porém, que essa funcionalidade não se opera de maneira mecânica e repetitiva ao longo do tempo, como propõem as interpretações correntes. Ela se constitui, neste caso, por uma intencionalidade de perpetuar os aspectos que geram identificação e segurança. Nesse contexto, o ritual tem um sentido, posto de forma intencional pelo guardião – e incorporado também como algo dotado de sentido pelos membros da sociedade. Eles conhecem a intencionalidade e estão conscientes do sentido do ritual de depreciar a carne.

Transferindo essa lógica de forma análoga para o contexto de Venda Nova, perceberemos ao longo desse estudo que a repetição das tradições como rituais, mesmo que reinventadas e resignificadas, tornam-na uma opção de estilo de vida que fornece segurança pela adesão a uma identidade cultural.

Por isso, é mais importante a autenticidade da tradição, ou seja, sua legitimidade naquela sociedade, que seu tempo de existência. E essa autenticidade se dá pela habilidade em reconstruir o passado com base no presente. A partir daí, surgem elementos fundamentais ligados à tradição, como vemos abaixo:

A tradição está ligada à *memória*, especialmente [...] a “memória coletiva”; envolve *ritual*; está ligada ao que vamos chamar de “noção formular de verdade”; possui “*guardiães*” e, ao contrário do costume, tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional. (GIDDENS, 2001, p. 31).

Há quatro conceitos importantes nas reflexões de Giddens (2001, p. 32-35) que são pertinentes para a compreensão das tradições em Venda Nova: memória, ritual, guardiães da tradição e especialistas. Tratamos desses quatro conceitos a seguir, ao mesmo tempo em que introduzimos algumas reflexões prévias sobre suas implicações sobre nosso objeto de estudo :

i) Memória

“A memória, como a tradição, [...] diz respeito à organização do passado em relação ao presente. O passado não é preservado, mas continuamente reconstruído, tendo como base o presente.” (GIDDENS, 2001). Essa reconstrução do passado é parcialmente individual, mas, mais fundamentalmente, é social ou coletiva. A memória é um processo ativo, social, que não pode ser identificado como a lembrança. Nós reproduzimos continuamente memórias de acontecimentos ou estados passados e essas repetições conferem continuidade à experiência.

ii) Ritual

É um meio prático de se garantir a preservação, já que a tradição é necessariamente ativa e interpretativa. Ele é o que confere integridade às tradições, traz a tradição para a prática. Mas tende a ficar separado, de uma maneira mais ou menos clara, das tarefas pragmáticas da atividade cotidiana. Usa, portanto, uma linguagem denotativa, não convencional, da qual não faz sentido discordar nem contradizer. Essa distância que o isola do cotidiano é fundamental, pois *ajuda a conferir a crenças, práticas e objetos rituais sua autonomia temporal que pode faltar às tarefas mais rotineiras*. O ritual precisa ser interpretado, não por um laico, mas por alguém que consiga interpretar a verdade formular por entre os seus aspectos. Mas apenas algumas pessoas têm pleno acesso a ela. Dessa forma, envolve os guardiães, na medida em que eles têm acesso à verdade formular, transformada em sistemas abstratos e “codificadas” numa linguagem ritual.

iii) Guardiães

São aqueles nos quais se acredita que são agentes ou mediadores essenciais dos poderes causais da verdade formular. Lidam com os mistérios, mas suas habilidades provêm mais de seu envolvimento com o poder causal da tradição do que do seu domínio de qualquer segredo ou conhecimento esotérico. O guardião é o repositório das tradições porque identifica os seus detalhes, relaciona-os com o presente e projeta-os no futuro enquanto interage com os outros da sua idade e, por fim, transmite-os aos jovens. É ele quem faz o trabalho contínuo de interpretação para identificar os laços que ligam o presente ao passado. Por isso, podemos dizer que a tradição é um *meio organizador da memória coletiva*.

Assim, a integridade da tradição *não* deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do “trabalho” contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado. O status de líder proporciona ao guardião a continuidade daquela tradição, por ser ela não só o

que “é” feito, como o que “deve ser” feito. Seu status na ordem tradicional, mais do que sua competência, é a principal característica do guardião.

iv) Especialistas

“O especialista é qualquer indivíduo que pode utilizar com sucesso habilidades específicas ou tipos de conhecimento que o leigo não possui”, diz Giddens (2001, p. 62). A especialização é, portanto, mutável, desincorporadora, pois baseia-se em princípios impessoais, que podem ser aprendidos, desenvolvidos e transportados, independente do contexto. O especialista pode então ser “substituído” por outro cujos conhecimentos se tenham sobressaído ou sejam mais aplicáveis ao momento.

O guardião, sob alguns aspectos, poderia até ser comparado ao especialista da era moderna. Em alguns casos eles até coincidem numa mesma pessoa, mas entre eles há uma diferença crucial no aspecto da autoridade. O guardião (GIDDENS, 2001, p. 60), nas culturas tradicionais, age de determinada maneira em virtude do seu acesso especial a poderes causais da verdade formular. O termo “sabedoria” pode ser a ele aplicado, em oposição ao termo “conhecimento” adequado ao especialista. A estabilidade da liderança tradicional depende mais de acesso a símbolos que perpetuam a “aura” necessária, e não da liderança conquistada pela detenção de conhecimento, que precisa ser atualizado cotidianamente. Esta última está mais ligada a aspectos reflexivos e precisa ser constantemente ampliada, uma vez que é também constantemente questionada e posta a prova no cenário de diversidade da modernidade tardia. A especialização é intrínseca do mundo da alta reflexividade. “Em contraste com a sabedoria, a ‘competência’ está especificamente ligada à especialização” (GIDDENS 2001, p. 71).

Outro aspecto que influencia o comportamento social é o conteúdo moral da tradição, que influencia no aspecto a segurança ontológica. Sobre ele, Giddens acrescenta:

Todas as tradições têm um conteúdo normativo ou moral que lhes proporciona um caráter de vinculação. Sua natureza moral está intimamente relacionada aos processos interpretativos por meio dos quais o passado e o presente são conectados. A tradição representa não apenas o que “é” *feito* em uma sociedade, mas o que “deve ser” *feito*. Isso não significa, é claro, que os componentes normativos da tradição sejam necessariamente enunciados. A maioria deles não o é: são interpretados nas atividades ou orientações dos guardiães. *A tradição abarca o que faz, e pode ser inferida, porque seu caráter moral apresenta uma medida de segurança ontológica* para aqueles que aderem a ela. Suas bases psíquicas são afetivas. Há, em geral, profundos investimentos emocionais na tradição [...]; eles se originam dos mecanismos de controle de ansiedade proporcionados pelos modos tradicionais de ação e de crença. (GIDDENS, 2001, p. 35, grifos nossos).

Assim, o direcionamento e a uniformidade dos comportamentos no contexto tradicional geram um certo conforto típico do “saber o que fazer” e de saber que “o que se deve fazer é o certo a fazer”, eliminando a ansiedade das escolhas e fortalecendo a identidade coletiva pela redução dos questionamentos por parte dos sujeitos.

Analisando a transição das sociedades tradicionais para as modernas, é comum considerar a tradição como intrinsecamente *conservadora*. Porém, Giddens enfatiza seu papel de *transformadora*, e é justamente nessa transformação, nessa reconstrução, que se faz a ligação presente-passado, limitando a gama de escolhas:

Nas sociedades pré-modernas, a tradição proporciona um horizonte relativamente fixo. A tradição, como tem sido enfatizado, envolve processos ativos de *reconstrução*, particularmente quando filtrados por seus guardiães. É comum considerar-se a tradição como intrinsecamente conservadora, mas em vez disso podemos dizer que ela *transforma* muitas coisas externas em atividade humana. A verdade formular, associada à influência estabilizadora do ritual, interdita uma variedade indefinida de possibilidades. (GIDDENS 2001, p. 50-51, grifos nossos)

Giddens faz uma importante diferenciação entre tradição e os estados de repetição, compulsão e vício. Em suma, o que os diferencia é exatamente a intervenção da *reflexividade*, nesse caso, o questionamento da validade e do sentido da repetição. É o que ele chama de “processo de escavação” (GIDDENS 2001, p. 47), que vem a ser, como um trabalho arqueológico, a identificação e conexão entre os aspectos que são repetidos, sua “exumação” e

a promoção de uma “limpeza no local”. Ou seja, cavar fundo numa tentativa de limpar os resíduos do passado e eliminar a repetição e o vício, saindo do “único mundo que conhecemos” e expondo-nos a “valores estranhos” e novas opções de escolha.

Transpondo essa reflexão para a Festa da Polenta, vemos que a continuidade ou mesmo o resgate de antigas tradições da comunidade como o plantio do milho para a Festa da Polenta (fotos 19 e 20, p. 140) ao modo dos *nonnos*⁸, trazem consigo uma nova gama de sentidos e significados que não os que se tinha anteriormente. Neste caso, tem o valor simbólico de um ritual de identidade cultural que serve à coesão social e ao atrativo turístico, não tendo mais o valor funcional de seus antepassados, que plantavam de forma rudimentar para sua subsistência. Esse processo de “releitura” das tradições oferece àquela sociedade a possibilidade de um estilo de vida ainda ligado aos aspectos tradicionais, porém inserido e influenciado pela modernidade globalizante.

3.3 A lógica da acumulação e a determinação dos estilos de vida

Nas sociedades tradicionais, a lógica da subsistência – ou da troca – orientava a forma de consumo. Nas sociedades modernas, regidas pela lógica do capitalismo, ampliam-se as possibilidades de opções e escolhas, uma vez que é possível produzir, acumular capital com a comercialização dos produtos e escolher o que e como consumir, numa gama cada vez mais variada – e quase infinita – de produtos ou serviços.

Segundo Rocha (2005), a noção de escolhas e opções variadas de estilos de vida não tem significado nos contextos tradicionais, pois neles as questões fundamentais da existência humana são dadas como respondidas. Já a sociedade de consumo oferece não *uma* resposta, e sim *muitas*. Qualquer escolha configura um estilo de vida, com seus comportamentos, valores e

⁸ *Nonnos*: “Avós”, em dialeto vêneto.

hábitos de consumo característicos. Sobre isso, Rocha segue fazendo uma interessante reflexão à luz de Giddens⁹:

Fazer parte de uma tradição significa precisamente que não se pode escolher, que as instituições escolhem por nós. Nesse sentido, é enganoso ver na redescoberta de modos de vida tradicionais, tais como a acupuntura, a ioga, a astrologia, o zen-budismo, uma retomada da tradição. A própria “liberdade” de escolha significa que não se trata, aqui, de tradição. Quando se pode escolher entre tantas opções, é porque o que está em questão *não é mais sua dimensão tradicional* – que torna cada uma dessas categorias irreduzível às demais – mas *seu valor de troca*, segundo o qual todas podem ser intercambiáveis. (ROCHA, 2005)

Trazendo essa reflexão para a configuração atual da cidade de Venda Nova em função do turismo – capitaneado especialmente pela Festa da Polenta, que é sua principal vitrine – a possibilidade de acumulação é um elemento fundamental para a compreensão do que propomos enquanto reflexão. Analisando a Festa da Polenta em particular, e a organização da cidade como uma experiência turística no geral, percebemos que a primeira foi grande indutora do turismo, ao mesmo tempo em que se resignificou e se adapta permanentemente em função do turismo, muitas vezes para atender a expectativas dos consumidores-turistas. Vemos aí que a necessidade de acumulação possui lugar comum, comandando a lógica de diferenciação da oferta do que será consumido.

As reflexões de Rocha (2005) avançam para uma discussão interessante sobre a posição da valorização das culturas locais como efeito da sociedade de consumo:

Do mesmo modo, estaríamos enganados em supor que a sociedade de consumo se afirma em escala mundial substituindo produtos e comportamentos locais por outros, globais. Ao contrário: tudo que é étnico, exótico ou regional surge como autêntico ou diferenciado. Assim, a busca de raízes étnicas ou a valorização das culturas nacionais não constituem uma resistência à globalização, mas são antes um de seus efeitos. Em outras palavras, é do interesse da economia global que haja culturas “locais” a serem consumidas. (ROCHA, 2005)

⁹ O autor usa como referência: GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, s/d.

E complementa com uma abordagem de Stuart Hall sobre o valor das etnias:

É aquilo que Stuart Hall denomina “retorno das etnias”, e que ocorre na música, na moda, na culinária, no turismo: o terceiro mundo, o “étnico”, o exótico, o oriental tornam-se bens de consumo valorizados (como ilustram o fenômeno da *world music* e as tendências étnicas na moda). Dito de outro modo, globalização não é sinônimo de padronização; o que é global é a lógica do consumo, e não o consumo de determinados produtos. (ROCHA, 2005)

Analisando Venda Nova sob essa ótica, por um lado, temos os sujeitos locais inseridos na lógica do consumo da era capitalista, expostos à gama de opções do mercado globalizado, sendo consumidores, que se percebem à frente de inúmeras possibilidades e variedades de produtos, podendo optar por padrões de consumo diferenciados, que conferem outros estilos de vida que não aquele predominante na cidade ou aos outros que a própria cidade pode oferecer.

Por outro lado, quando observamos os sujeitos enquanto produtores/ofertantes de produtos e serviços, podemos dizer que a manutenção de um discurso da tradição – corroborado pelo resgate e releitura de hábitos, costumes e relíquias do passado – pode representar o elemento diferenciador, conferindo identidade ou imagem à cidade enquanto experiência turística a ser vivenciada, de maneira tal que o seu consumo reforça-a como uma opção de escolha oferecida aos turistas, visitantes e aos próprios habitantes locais. Um exemplo é demonstrado quando os aspectos tradicionais tornam-se um “teatro”, uma representação que acontece em ocasiões festivas, com finalidade de ser uma experiência a ser vivenciada por visitantes e também por nativos que a apreciam.

3.4 A tradição como estilo de vida: o papel da reflexividade

A modernidade, como vimos no início deste capítulo, preconiza aspectos de riscos, incerteza e pluralidade, cenário que abre cada vez mais espaço para a reflexividade e autonomia individual e coletiva, reduzindo o espaço de atuação e permanência dos aspectos tradicionais:

A modernidade institucionaliza o princípio da dúvida radical e insiste em que *todo conhecimento tome a forma de hipótese* – afirmações que bem podem ser verdadeiras, mas que por princípio estão sempre abertas à revisão e podem ter que ser, em alguns momentos, *abandonadas*. (GIDDENS, 2002, p. 10-11, grifos nossos)

Para determinado grupo ou indivíduo que opta por retornar ou manter um aspecto tradicional já em desuso, enfraquecido, Giddens tem um posicionamento interessante, considerando-se o aspecto da *reflexividade* e dos *estilos de vida*:

Quer essas ideias sejam ou não difundidas, um processo de seleção desse tipo [*retorno a tradições*] não é um redespertar da tradição, mas algo *novo*. É a adoção da tradição como sendo em si uma decisão de estilo de vida. (GIDDENS, 2001, p. 54)

Vemos em Venda Nova que os hábitos antigos ressurgem, mas resignificados, para ambientarem o cenário dos imigrantes, que atrai turistas. Assim, a adoção da tradição como estilo de vida, ou seja, a tentativa de manter esses valores, *não os fazem retornar ao que eles eram anteriormente*, uma vez que o contexto sócio-histórico que os cerca é outro. *Aparece como uma postura reflexiva, de escolha*. A tradição é chamada a “se justificar” e reafirmar sua validade nesse novo cenário. Voltaremos a este tópico mais adiante.

A tradição também pressupõe a diferenciação entre “o iniciado” e “o outro”. Nesse aspecto, é também um meio de identidade:

A tradição é um meio de *identidade*. Seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe *significado*, mas também pressupõe o processo *constante* de *recapitulação* e *reinterpretação* [...]. A identidade é a criação da *constância através do tempo*, a verdadeira união do passado com o futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da *identidade pessoal* e sua conexão com *identidades sociais amplas* é um requisito primordial de *segurança ontológica*. [...] As ameaças à integridade das tradições são, muito freqüentemente, se não universalmente, experimentadas como ameaças à integridade do eu. (GIDDENS, 2001, p. 56, grifos nossos)

Vemos como uma identidade se reconstrói no cotidiano, de forma intencional, e que essa referência é base para coesão, através da identificação dos

indivíduos com a identidade coletiva da comunidade. Esse aspecto de segurança ontológica, ligado à confiança, tem grande importância na constituição e no cotidiano das sociedades.

A reflexividade é, portanto, um fator primordial que traz à tona e diferencia o ambiente tradicional do ambiente moderno. Mas essa, digamos, transição, entre um e outro cenários deve ser bem compreendida:

A modernidade destrói a tradição. Entretanto (e isso é muito importante), *uma colaboração entre modernidade e tradição* foi crucial às primeiras fases do desenvolvimento social moderno – período em que o risco era calculável em relação a influências externas. Essa fase é concluída com a emergência da alta modernidade ou daquilo que Beck chama de modernização reflexiva. Daí em diante a tradição assume um caráter diferente. Mesmo a mais avançada das civilizações pré-modernas permanece firmemente tradicional. (GIDDENS 2001, p. 73, grifos do autor)

Nessa transição das sociedades pré-modernas para a modernidade, há uma fragmentação da comunidade local. A reflexividade institucional tornou-se a principal inimiga da tradição. Mas, segundo Giddens, esse foi um processo complexo, passando pelo que Hobsbawm chama de tradições inventadas:

No processo de entrada na modernidade, “as primeiras instituições modernas não somente dependiam das tradições pré-existentes, mas também *criaram algumas novas*. A verdade formular – e os rituais associados – foi posta em ação em outras áreas. [...] As “tradições inventadas” não são necessariamente construídas de uma maneira deliberada, embora isso às vezes aconteça. [...] Os “materiais antigos” são usados para fins modernos. (GIDDENS, 2001, p. 75, grifos nossos.)

Temos que essa perpetuação e continuidade de valores pode se dar de forma repetida e continuada, ou então adaptando-se, inventando-se ou incorporando “novas tradições” a fim de criar o ambiente seguro e confiável necessário para organização da memória coletiva e da coesão e organização sociais. A essa incorporação de novas tradições, Hobsbawm dá o nome de tradição inventada.

Entrelaçando as reflexões de Giddens, temos que nas sociedades tradicionais, uma tradição inventada ganha autenticidade pela ação de um guardião. Um

líder que, por sua credibilidade, confiança, “sabedoria” e legitimidade junto à determinada sociedade, consegue, além de identificar detalhes da tradição, fazer a conexão entre passado e futuro, adaptando, inventando e incorporando elementos à tradição e transmitir e “contagiar” as novas gerações. Assim, enquanto a tradição for suficientemente eficaz para ser legitimada e ganhar autenticidade social – passando pela reflexividade, releituras e ressignificações – ela perdura.

Esse mesmo mecanismo funciona também nas sociedades modernas. Porém, nesses contextos, a pluralidade de escolhas de estilos de vida faz com que essa conexão entre passado e futuro seja cada vez mais frágil.

Porém, há outros formatos em que a tradição se transforma quando não “sobrevive” a esse questionamento. “Na ordem pós-tradicional, mesmo nas sociedades mais modernizadas da atualidade, as tradições não desaparecem totalmente; na verdade, em alguns aspectos, e em alguns contextos, elas florescem”, diz Giddens (2001, p. 85). No mundo moderno, as tradições, quer sejam antigas ou novas, existem em uma das seguintes estruturas: os hábitos ou as relíquias.

Os hábitos podem ser formas puramente pessoais de rotinização. São rotinas individuais, que têm um certo grau de força unificadora, simplesmente em virtude de sua repetição regular. Se os traços pessoais estiverem mais intimamente conectados aos costumes sociais, então os hábitos perderam todos os laços com a verdade formular da tradição. O caráter frágil desse comportamento é indicado pelo limite indistinto que os separa do comportamento compulsivo.

Já as relíquias não são simplesmente objetos ou práticas que vivem como um resíduo de tradições enfraquecidas ou perdidas. Elas estão revestidas de significado como exemplares de um passado transcendente, significantes de um passado que não se desenvolveu, ou pelo menos cujas conexões causais

com o presente não são parte daquilo que lhes confere identidade. Uma relíquia não tem conexão efetiva com a área em que ela existe, mas é produzida como um ícone para a observação de qualquer pessoa que deseje visitá-la. É como um vestígio da memória despojado de suas estruturas coletivas.

Quando observamos hoje em Venda Nova o retorno de aspectos tradicionais que já não se realizam no dia-a-dia, como o que é retratado no Paiol do *Nonno* (fotos 14 a 16, p. 138), na Casa da *Nonna*¹⁰, nos rituais do Plantio e Colheita do milho para a festa (fotos 19 e 20, p. 140), da Serenata Italiana (foto 29, p. 144), percebemos que estes são relíquias; ícones e representações que não têm mais o sentido funcional que tinham no contexto tradicional, e sim a função de retratar e reforçar a cultura enquanto identidade local e também a função de ser uma experiência a ser vivenciada por turistas.

Por fim, essa reflexão abre caminho para a coexistência pacífica da tradição – ou poderíamos dizer “das tradições”, sob quaisquer de suas formas – no âmbito da modernidade. O autor pondera o equilíbrio pela manutenção intencional e permanentemente refletida de aspectos tradicionais enquanto estilo de vida:

Como humanidade coletiva, não estamos condenados à irreparável fragmentação. Além da compulsividade está a oportunidade de se desenvolverem formas autênticas de vida humana que pouco devem às verdades formulares da tradição, mas nas quais a defesa da tradição também tem um papel importante. (GIDDENS, 2001, p. 94).

Enfim, vimos os elementos que compõe o cenário das tradições e sua trajetória no cotidiano das sociedades até os dias atuais e o papel da reflexividade nas mudanças, adaptações e resignificações das tradições. Agora iniciamos a análise do cenário capixaba desde o período colonial até a chegada dos imigrantes italianos, que contextualiza nosso olhar sobre Venda Nova.

¹⁰ Paiol do *Nonno* e Casa da *Nonna* são ambientes temáticos criados dentro do espaço de realização da Festa da Polenta, onde se representam hábitos, costumes e utensílios dos imigrantes italianos (ver também fotos 16 a 18, p. 138 e 139).

4 O ESPÍRITO SANTO: COLÔNIA, IMPÉRIO E IMIGRAÇÃO ITALIANA

Uma doação de 50 léguas de terra na costa brasileira, feita pelo Rei de Portugal Dom João III a Vasco Fernandes Coutinho em 1534 inicia a história do Espírito Santo (OLIVEIRA, 1975, *apud* CAMILETTI, 2007). O *ethos* desbravador e aventureiro de seu donatário não o fez desanimar nem diante da recepção hostil que aqui encontrou ao aportar em 23 de maio de 1535:

Era, sobretudo, o espírito de aventura, o desejo de enriquecimento rápido que movia os portugueses. Mas, é bom lembrar que o espírito da colonização não era o mesmo que animava a vida social portuguesa. Ele era, antes de tudo, o resultado da transferência de uma mentalidade ligada ao lucro fácil para uma sociedade povoada sobretudo por escravos, fossem eles negros ou índios. (VASCONCELLOS, 1995, p.103).

Porém, o marasmo econômico e pequena ocupação territorial demonstravam o fracasso da colônia (OLIVEIRA, 1975). De acordo com Vasconcellos (1995, p.104), o desejo de enriquecimento rápido forjou aqui uma ética da aventura. Esse elemento central do imaginário das elites, transferido para a colônia, marcaria profundamente o destino do Espírito Santo, “com consequências tanto no plano econômico quanto na formação das consciências e do imaginário dos personagens.”

A presença dos jesuítas também marcou o processo de colonização, por sua forma de condução da mão-de-obra indígena.

É [...] das aldeias ligadas aos projetos inicianos que derivaram quase todos os núcleos de povoação da Capitania, mais tarde transformados em cidades e vilas. [...] os índios aldeados [...] [representavam] a mão-de-obra dos jesuítas e formavam as entradas para o Sertão. (VASCONCELLOS, 1995, p.90)

A perda provocada pela retirada e extinção da Ordem dos Jesuítas, em 1759, causou, segundo Oliveira (1975, p. 90), a falência da agricultura local pela perda da referência da instrução e catequese que tinham os jesuítas sobre os indígenas.

A chegada da Família Real ao Brasil em 1808 abriu uma oportunidade de acabar com o marasmo que tomava conta de algumas províncias, como a do Espírito Santo. O cenário capixaba, bem como o nacional, sofreu alterações. A lógica de transformar a Colônia na nova sede do Reino passou a ser vigente e trouxe a perspectiva de abertura de novos espaços econômicos, solução para o marasmo econômico em terras capixabas. Mas os sonhos de riqueza e prosperidade desmoronam. Em Vasconcellos (1995), temos que:

A capital [*Vila Nova*] que não conseguiu se elevar à situação de cidade possuía nove igrejas e dois conventos. Mas as condições das outras localidades não eram melhores. [...] Vila Velha possuía 40 casas, mais ou menos, das quais a maior parte era coberta de palha. A navegação com a Europa e a África tinha desaparecido. [...] [*na capitania destacava-se a*] estrada que ligou a baía de Vitória a Vila Rica, em Minas Gerais. [...] [*Mas*], apesar das vantagens fiscais concedidas pela Coroa para o transporte da mercadoria, a Estrada Nova do Rubim não motivou o comércio [*devido principalmente aos ataques dos violentos botocudos. Nesse período*], no esforço de defender a Colônia, o próprio Dom João inauguraria o movimento migratório europeu que tantos trabalhadores traria para o Brasil. Trinta casais de açorianos foram enviados ao Espírito Santo e instalados em Viana, a aproximadamente 18 quilômetros da capital. (VASCONCELLOS,1995, p. 108)

A imigração europeia, especialmente a italiana e alemã, para o Brasil, caracterizou-se fundamentalmente como atrativa por parte do Brasil e não só expulsora por parte dos países de origem. Isso, segundo Pollini (2005, p. 66-69), gerou certa facilidade na aceitação e adaptação dos imigrantes ao novo território e uma propensão, mesmo com todas as adversidades, ao sentimento de pertença destes à nova terra. O mesmo não aconteceu com os índios, que, após tentativas frustradas de catequização e “civilização” para o trabalho, tiveram sua população reduzida, nem tampouco com os negros, que foram trazidos da África na condição de escravos.

Havia uma diferenciação entre a imigração demandada pela Província de São Paulo e a destinada ao Sul do país. A de São Paulo tinha como finalidade a substituição de mão-de-obra escrava. Já nas demais, a ocupação territorial e a

intenção de se estabelecer um sentido de nação através da ocupação desses vazios demográficos.

Assim, é possível distinguir em terra brasileira, no âmbito do fenômeno migratório europeu e italiano em particular, duas diferentes fases e tipos de imigração: aquele caracterizado pelos proprietários agrícolas, sobretudo no Brasil meridional [*porção sul*] e aquele relativo à condição de “braçais” ou semi-escravos nas *fazendas*, em modo particular na província (Estado) de São Paulo. (POLLINI, 2005, p.58, grifos do autor).

Já no Espírito Santo ela teve configuração semelhante às províncias do sul do país:

A configuração territorial do Estado, então, se baseou na pequena propriedade de estrutura familiar localizada em sua maioria em Vitória e nas regiões de montanha do Estado, mais próximas do clima europeu e de mais fácil adaptação para os imigrantes. Segundo Rocha (2000) parece que o Espírito Santo foi a “cobaia” perfeita do discurso da imigração no Brasil, pois, assim como outros estados, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, foi a pequena propriedade a estrutura vigente. (PANDOLFI e VASCONCELLOS, 2005)

No Espírito Santo, a imigração inaugura o início do crescimento capixaba e a saída da apatia econômica. A imigração e o cultivo do café escreveram essas páginas. É importante ressaltar que nessa época já haviam latifúndios na região litorânea do Estado, detentores de mão-de-obra escrava. Surge, então, a importância da cultura cafeeira que se expandiu em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, encontrando aqui enormes porções de terra cobertas ainda de mata virgem. A cultura do café se tornou dominante, atraindo para si todos os olhares da Província, ajudada pela queda do preço da cana-de-açúcar no mercado internacional e o crescente aumento da demanda por café na Europa e Estados Unidos.

No início, a expansão cafeeira do Espírito Santo seguiu o modelo colonial existente, o latifúndio exportador e escravagista, base da economia brasileira. Porém, a partir de 1870, o início do trabalho livre na lavoura é marcado pela chegada e fixação do contingente de imigrantes europeus no Espírito Santo (PANDOLFI e VASCONCELLOS, 2005). Seu papel de ocupação do território capixaba foi decisivo. Estes receberam do governo da província títulos de

propriedade das terras que ocuparam, onde cultivavam café e produtos para a própria subsistência (CAMPOS JR, 1985).

A estrutura fundiária capixaba, baseada na pequena propriedade familiar, tem origem nesse contexto, como vemos neste trecho do estudo de Pandolfi e Vasconcellos (2005), com base na pesquisa do Antropólogo Geert Bank (1998):

A crise propagada pela falta de mão-de-obra cativa na grande lavoura cafeeira na região sul da província e a falta de sensibilidade dos cafeicultores em perceber o fim da escravidão, como fizeram outros cafeicultores de outras províncias, trouxeram conseqüências para os fazendeiros. Muitos latifundiários tiveram que repartir as suas terras em pequenos lotes e vender aos colonos italianos. Em contrapartida, o colono deveria vender a produção à sua firma de comercialização. Essas terras eram vendidas aos colonos a preços módicos e a longos prazos. Com freqüência cada vez maior os fazendeiros subdividiam as suas propriedades em lotes para vendê-los em seguida aos colonos (PANDOLFI E VASCONCELLOS, 2005).

Pandolfi e Vasconcellos (2005) fazem também uma importante reflexão sobre a ética do trabalho do imigrante, com base na análise de Sérgio Buarque de Holanda em sua obra Raízes do Brasil:

Holanda (1995) [...] ao criar o dueto aventureiro e trabalhador permite diferenciar o típico homem português que para cá veio do imigrante estrangeiro. [...] Ele acaba por apresentar um novo perfil: a da ética do trabalho, pautado numa nova moral em contraposição ao universo lusitano. [...] O autor permite analisar, a partir da sua afirmação de que existe uma ética aventureira e que existe uma ética do trabalho, uma distinção do mundo português (pautado na ética aventureira) e um outro mundo que ele não exprime qual, mas que é regimentado pela ética do trabalho. E esse mundo, o do trabalho, é o timbre dos imigrantes, já que estes vieram para cá para trabalhar, se sujeitar ao trabalho pesado da lavoura, ao esforço, a enfrentar o trabalho manual. [...] Não havendo, portanto, como dissociar o mundo do trabalho da imigração, muito pelo contrário, uma vez que falar em trabalho é pensar imigração e vice-versa. (PANDOLFI e VASCONCELLOS, 2005)

Assim, essa lógica da ética do trabalho ligada à imigração italiana se aplica, portanto, à realidade capixaba. Os imigrantes que vieram para o Espírito Santo se afixaram na terra e contribuíram como importantes peças para a construção do panorama econômico, social e cultural capixaba, já que tinham, além das atribuições de trabalhar a terra e produzir, a de povoar a província. O mesmo não aconteceu em São Paulo, onde os imigrantes não receberam a

propriedade da terra e tampouco preocuparam-se com a fixação na propriedade. Esse reforço na pequena produção familiar deve-se à política do Império de distribuir frações de terras às famílias europeias, principalmente italianas e germânicas, que, com um pequeno pedaço de terra, “geraram uma importante estrutura de minifúndios e foram responsáveis por parte significativa da produção cafeeira, sobretudo a situada na região central e de montanhas”

Segundo o Projeto Imigrantes¹¹ (1995), capitaneado pelo Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, somente a partir de 1847 – por ocasião da criação da Colônia Imperial de Santa Isabel, às margens do rio Jucu – é que se dá continuidade à colonização por meio de imigrantes europeus na província do Espírito Santo, com a chegada de 163 alemães católicos, luteranos e alguns calvinistas. Em 1858, verifica-se a entrada de 29 imigrantes italianos, então denominados de sardos, pois eram provenientes do Reino Sardo-Piemontês. Em março de 1857, chegam os primeiros imigrantes, suíços e alemães, para a Colônia Imperial de Santa Leopoldina, que logo se configuraria como uma das mais prósperas do Brasil Imperial. Mas, a partir de 1874, os italianos dominam amplamente o fluxo de entrada em Santa Leopoldina que, para receber novos contingentes de imigrantes, expande-se em várias direções. São criados novos loteamentos, a exemplo do Núcleo Timbuhy (atual Santa Teresa) e o Núcleo de Santa Cruz, cujo acesso se dava por meio do rio Piraquê-Açu.

O relatório do Projeto Imigrantes (1995) prossegue explicando o período colonizador do Espírito Santo no Império, em especial a formação, a partir de 1861, do Núcleo Castello (*sic*), extensão da Colônia Rio Novo, situado onde hoje são os municípios de Alfredo Chaves, Marechal Floriano e Vargem Alta:

Em 1854, porém, sob a iniciativa particular do major português, Caetano Dias da Silva, havia sido criada a Associação Colonial do Rio Novo, no sul da Província, próxima ao rio Itapemirim. [...]. Em 1861 essa colônia passa a ser comandada pelo Governo Imperial, tornando-se uma colônia oficial. Mas o incremento de imigrantes se dá apenas a partir de 1875 com a chegada dos italianos do Tirol, então sob o domínio da Áustria.

¹¹ O relatório do projeto encontra-se no *site* <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/historico.html>

A colônia ocupou uma vasta área de terrenos devolutos (do Governo) entre os rios Itapemirim e Benevente. Os núcleos de colonização foram denominados de Primeiro, Segundo, Terceiro, Quarto e Quinto Territórios. Este último foi demarcado já na margem oposta do rio Benevente. [...] Por meio do rio Benevente, que desemboca na atual cidade de Anchieta, entrou o maior contingente de imigrantes. Por esse rio singraram mais de oito mil italianos entre 1875 e 1900. *Em 1879 a região ganha uma nova colônia: Castello.* Demarcada em parte nos antigos terrenos da ex-Colônia de Rio Novo, avançando em direção às cabeceiras do Benevente e atingindo os limites Sul da ex-Colônia de Santa Isabel.

Em suma, a iniciativa pioneira da Colônia de Santo Agostinho, logo no alvorecer do século XIX, resultado da chegada da família imperial em 1808; e a criação das quatro colônias citadas é que se configura o período colonizador no Espírito Santo durante o Brasil Imperial.

Com a abolição da escravatura, em 1888, o fluxo de imigrantes, que havia estacionado desde 1881, ganha um novo impulso. As novas levas de famílias camponesas são agora canalizadas para as antigas fazendas de escravos, para substituir a mão-de-obra negra no cultivo do café. Paralelamente, com a Proclamação da República, o Estado ganha autonomia e passa a demarcar novos núcleos de colonização. [...]. Porém, as fazendas de café ao sul do Estado, nos vales dos rios Itabapoana e Itapemirim, são as que recebem o maior contingente de famílias imigrantes. [...]

De fato, é a partir da criação dos núcleos de colonização oficiais e a conseqüente expansão das suas fronteiras, bem como da necessidade de mão-de-obra nas antigas fazendas escravocratas, é que se verifica a ocupação do território capixaba pela colonização estrangeira. (Relatório Projeto Imigrantes, 1995. Grifos nossos)

Dos imigrantes que se localizaram no Núcleo Castello (*sic*), mais precisamente da região onde hoje é o distrito de Araguaia, em Alfredo Chaves, saiu o primeiro grupo que fundou Venda Nova. Segundo Zandonadi (1980), Amadeo Venturim, em 1891, foi o primeiro a se aventurar pelas florestas nas montanhas com vistas a comprar partes de fazendas de café em decadência, na localidade onde hoje é a cidade de Venda Nova. A partir dele, outras famílias foram comprando pequenas propriedades e se estabelecendo na vila.

O ainda pequeno dinamismo econômico do Estado e o relativo isolamento faziam as comunidades voltarem-se para si e para seus valores. Geert Banck (1978) registrou que, desde a fundação da comunidade de Venda Nova, o espírito de coletividade existente diferenciou o seu padrão do desenvolvimento de outras comunidades vizinhas, inclusive da comunidade de Alto Corumbá, em Castelo, parâmetro de comparação para seu estudo.

Ilustram essa característica diferenciada e refinada as estratégias preventivas tomadas *de forma coletiva* para lidar com a pressão sobre a terra por ocasião das divisões por herança. Com os numerosos descendentes e o direito preferencial da primogenitura, as sucessivas divisões de terra iam até o limite da sustentabilidade da propriedade. E o que fazer então para encaminhar os filhos? As estratégias eram então: (a) o envio dos filhos para estudarem em seminários fora da cidade (sendo que muitos não retornaram, dedicando-se à vida religiosa ou estruturando suas vidas e famílias nas áreas urbanas) e (b) a migração de membros para novas áreas em expansão no norte do Estado, criando comunidades “filiais” nos mesmos moldes da comunidade de Venda Nova.

Já em Zandonadi (1980) vemos que o envio dos filhos para estudarem fora era, além de uma estratégia coletiva de controle da sustentabilidade econômica da propriedade, uma extensão da fé religiosa da comunidade. Havia o estímulo e o recrutamento de jovens por parte das congregações de Agostinianos e posteriormente de Salesianos, que iam ao encontro das carências de “vocações” e de líderes religiosos para darem continuidade à forte religiosidade da comunidade.

Nesse cenário, a religiosidade ocupava lugar de destaque, não só na dimensão espiritual e sua relação com o que é divino, mas especialmente nos aspectos de organização social. “Eles já trouxeram isso da Itália, as famílias que colonizaram Venda Nova eram de uma tradição religiosa muito firme, e se conservou pelas gerações”, informou o entrevistado A.

Os valores dos imigrantes, ligados à religiosidade, trabalho e solidariedade também são expressos por Pandolfi e Vasconcellos:

Não se pode desconsiderar a imigração italiana também como um empreendimento familiar, tendo o seu apoio mais notório no *trabalho e na igreja*. O trabalho em torno dos preceitos religiosos era pautado em valores solidários que sobrepujam às pretensões individualistas. A coesão e os

investimentos em prol da coletividade são aspectos encontrados na vida comunitária das colônias italianas. [...] [*Enquanto que*] Não houve entre a gente lusitana uma religião para o trabalho ou para o apreço às atividades utilitárias. Mas, ao contrário, uma ânsia pela prosperidade sem custo, pelos títulos honoríficos, de posições e riquezas fáceis. Não é de se espantar o uso do trabalho cativo nas lavouras cafeeiras. (PANDOLFI e VASCONCELLOS, 2005)

Observamos em nossa pesquisa e nos relatos de todos os entrevistados o quanto a igreja católica – na figura de seus Padres – teve papel decisivo na orientação dos valores morais e na conduta de organização da comunidade, quer intermediando o envio dos filhos para estudar em seminários, protagonizando o papel de educadora e formadora através da escola local, ou pela disseminação de valores, sendo espaço de convivência e discussão dos problemas da comunidade, espaço de cultura como apresentações de corais, teatro, música e filmes. Todo esse universo de atuação pioneira da igreja fazia dos Padres atores importantes no cenário como intermediadores das informações entre a comunidade e o meio externo.

Destarte, pela evidente precariedade e hostilidade do ambiente, pelo não cumprimento das obrigações contratadas em fornecer facilidades por parte do governo imperial e, posteriormente, com a proclamação da república e contando como pontos favoráveis seus já citados traços de *união familiar, dedicação ao trabalho, religiosidade, solidariedade e cooperação*, os imigrantes iniciavam a construção da comunidade, erguendo coletivamente casas, estradas, igreja e vendas, deixando as marcas de seu espírito empreendedor “no desbravamento de matas e formação de lavouras, na construção de estradas, escolas, capelas e cemitérios, na constituição de povoados que depois se transformaram em vilas.” (COLBARI, 1997)

A imigração italiana tem, então, papel fundamental na formação cultural e social do Estado, deixando como legado uma cultura do trabalho baseada na cooperação, solidariedade e confiança e um grande destaque da igreja como ator de organização social e participante ativa, mesmo que indiretamente, do desenvolvimento local. Aspectos que ainda hoje são percebidos como traços

marcantes desse grupo, que se diferencia das demais localidades onde os imigrantes não fizeram história.

Em Venda Nova, por sua vez, encontramos ainda fortes indícios da presença da cultura dos imigrantes italianos. Elas estão na arquitetura, pelas casas antigas restauradas e também em novas construções que se inspiram nesse estilo; nas expressões idiomáticas cotidianas e na sonoridade do sotaque do dialeto vêneto presente no conversar – embora com cada vez menos intensidade a cada geração; na culinária, através da polenta em suas variadas formas de consumo e seus acompanhamentos, os doces, o socol¹² e outras iguarias; nos hábitos e rituais que veremos ao longo deste trabalho, no ensino do idioma italiano nas escolas estaduais do município; no curso de italiano oferecido pela AFEPOL; na multiplicidade de associações, cooperativas e entidades do terceiro setor e na cultura do voluntariado; no design dos locais e materiais de divulgação dos pontos de agroturismo.

¹² Embutido feito com carne de porco, sal, especiarias e condimentos, que é consumido depois de curtido e cujo sabor é semelhante ao presunto copa. Alimento exibido em outubro de 2008 na edição italiana do “Terra Madre 2008”, feira do movimento internacional *slow food*, que divulga grupos que produzem, transformam e distribuem alimentos de qualidade de forma sustentável e estão ligadas a um território do ponto de vista histórico, social e cultural. Para maiores informações ver em <http://www.slowfoodbrasil.com> e também http://www.radiofmz.com.br/noticias.php?id=1483&id_assunto=

5 VENDA NOVA – CONTEXTUALIZANDO A CIDADE

As características de uma cultura do trabalho baseada em valores como solidariedade e cooperação e a forte presença da igreja são aspectos marcantes dos imigrantes que fundaram Venda Nova. Além disso, o isolamento geográfico foi um dos fatores que contribuiu para uma maior coesão social baseada no fortalecimento dos laços de cooperação e da identidade coletiva.

Essas características começaram a mudar a partir da década de 1980, iniciadas pelo primeiro aspecto de abertura da comunidade: a construção da BR 262 na década de 1970. Esse marco foi citado também por um dos entrevistados, ressaltou que “o isolamento dos imigrantes ajudou a manter os costumes intactos por um bom tempo. Mas com a abertura da BR 262, isso foi mudando, com a chegada das companhias, outros que foram chegando”. Essa inclusão de Venda Nova no mapa do traçado da conexão entre a capital Vitória e Minas Gerais colocou Venda Nova num importante eixo estratégico de localização. O fluxo de mercadorias e pessoas e o acesso facilitado a novos mercados e cidades ampliou os horizontes dos habitantes.

Os que antes iam para fora dos limites do Estado para estudar em colégios de Padres agostinianos e salesianos sob regime de internato como única opção de formação, a partir do final da década de 1970 já mudavam seu rumo para a capital Vitória e outros destinos, possibilitando o acesso à formação acadêmica de nível universitário.

Venda Nova inicia então o processo de sua inserção, especialmente a partir da década de 1980, no que posteriormente se entenderia como mundo globalizado. Alguns indícios e sinais dessa inserção foram relatados por alguns dos entrevistados como a TV aberta e, posteriormente, a TV a cabo e a popularização do DVD, donde podemos inferir a grande influência dos meios de comunicação nesse processo de abertura e conexão da comunidade ao mundo exterior.

Outro aspecto de característica globalizante influenciou o cotidiano de Venda Nova. Na década de 1980, houve a implantação do *agroturismo* como alternativa econômica à monocultura do café. Fortemente ligado aos valores culturais tradicionais, o agroturismo tornou Venda Nova uma referência turística nacional por sua aplicação pioneira. Os costumes culturais e de solidariedade continuaram sendo disseminados às novas gerações, só que agora reconhecidos como ativo econômico através de um produto turístico.

O conceito de agroturismo importado das cidades do interior da França e Itália, mesmo com o claro viés globalizado, vestiu-se de roupagem tradicional com os aspectos locais e foi incorporado, tornando-se uma produção autêntica daquela sociedade, tanto que a cidade foi reconhecida em 2006 pelo Ministério do Turismo com o título de Capital Nacional do Agroturismo.

A realidade da agricultura da pequena propriedade familiar impede os produtores locais de competir com os grandes produtores em escala. Porém, inseridos na lógica da acumulação, os pequenos encontraram um nicho de mercado no estilo de vida tradicional. Então, permanecendo com seus aspectos tradicionais, podem gerar além do aspecto de coesão social, de identidade cultural, um ganho econômico com o agroturismo, atuando nesse nicho onde a cultura local faz a diferenciação. Aí observamos o uso da tradição como estilo de vida e como condição importante não só no aspecto social como também no econômico.

A cultura do trabalho é um forte elemento do *ethos* do imigrante italiano no Espírito Santo. Em Venda Nova, isso fica evidente no depoimento de um entrevistado que se mudou para lá ainda menino e se incorporou:

Eu lembro que a gente era em quatro irmãos e eu observava o trabalho aqui [*em Venda Nova*]. A gente juntava pra “panhar” café e juntava quatro num pé de café. Uns ficavam contando anedota, outro enrolando cigarro, outro xingando [...] a nossa cultura era fraca, não se preocupava se tinha que panhar café ou não, não ligava, né. Eu lembro que ouvia falar que o Anselmo Zandonadi, ele num dia panhou 8 sacos de café. Eu disse: “o que? 8 sacos de

café?” Eu procurei saber onde que era, como foi, aí eu comecei formar aquela mentalidade de pior, que outra pessoa faz e a gente não faz. Aí no ano seguinte eu lembro que eu fiz um carrinho de pau e falei pro meu pai: “pai, hoje o senhor vai limpar o terreiro por que eu e o mano vamos chegar da roça com 10 sacos de café em casa”. Quando foi de tarde, nós chegamos com 10 sacos de café. E falei, de hoje pra frente nós também vamos colher. (Entrevistado C, 66 anos)

Sua família veio de Cachoeiro de Itapemirim e foram colonos de uma família de descendentes de imigrantes em Venda Nova em 1957. Ele analisa que a cidade é diferente: a fatura, os métodos de colher o café, a organização do trabalho, os costumes de aproveitar tudo o que tinham, otimizar a propriedade plantando tudo para subsistência, a cultura da economia nas pequenas coisas. “um pequeno gesto, mas todo dia, no final do ano faz a diferença”.

A cultura do trabalho, especialmente o trabalho voluntário, oriundo de valores de solidariedade, confiança e cooperação, está fortemente presente em Venda Nova, desde sua fundação no final do Século XIX. A mobilização social voluntária se dava em todos os aspectos sociais, como vemos:

O trabalho voluntário é um valor que transformou para sempre a vida de Venda Nova. Quando as primeiras famílias desbravavam o lugar, era comum a ajuda mútua. As que terminavam primeiro o trabalho na colheita ajudavam as outras. Esta mesma disponibilidade se estendia para outros momentos da vida, os festivos entre eles. (Editorial. Caderno Especial Festa da Polenta, 2007)

Segundo todos os entrevistados, esses valores vieram com os imigrantes italianos. Porém, o isolamento geográfico ajudou a manter e fortalecer os costumes por um bom tempo.

As famílias eram geralmente numerosas porque não tinham empregados pra colher o café, mas quando acontecia de alguma família por um motivo ou outro se apanhava atrasada com o serviço as outras ajudavam, quando alguém ficava doente os outros apoiavam, isso, essa cooperação, essa ajuda entre as famílias, ela sempre existiu. Depois se criou esse voluntariado pras coisas públicas, a escola, o hospital, essas coisas. O governo não vinha aqui no meio do mato construir uma escolinha, eles mesmos se juntavam, faziam a escola, e isso criou um espírito de cooperação mútua e voluntariado que existe até hoje. (Entrevistado A, 82 anos)

Um exemplo que retrata a cultura do trabalho e os valores de cooperação e solidariedade na cidade é a construção da estrada que liga Venda Nova a Castelo, por volta de 1935:

A cidade mais próxima era Castelo. Inclusive Venda Nova pertencia ao Município de Castelo. Já era um bom centro, o café de Venda Nova se comercializava lá e não havia nem estrada, isso era por volta de 1935. Então os próprios sitiantes daqui através do Roberto Feitosa e do Vitorino Caliman fizeram uma locação [*um traçado de estrada*] daqui pra Castelo que pudesse passar um carro. Não tinha topógrafo, tudo a olho mesmo. Então fizeram mutirões nos fins de semana e assim fizeram até a Povoação, porque depois tinha estrada. E o traçado que eles fizeram é quase o mesmo onde hoje é a estrada (Rodovia Pedro Cola). Nisso também foi muito forte o voluntariado e a cooperação. Aos sábados iam com o enxadão, um pouco de cada vez. (Entrevistado A, 82 anos)

Além da solidariedade e cooperação dos imigrantes, um aspecto que chama a atenção é a importância atribuída por eles à educação:

O nível de escolaridade passível de ser atingido era o ensino básico, ministrado por professores contratados pelas famílias. As famílias italianas davam grande importância ao ensino, ocupando a educação um lugar de destaque. Assim como, era importante a vida religiosa. Quem tinha oportunidade continuava os estudos, mas dentro dos pressupostos da racionalidade da cultura italiana. (PANDOLFI e VASCONCELLOS, 2005)

Nesse contexto, é esclarecedor para a compreensão da sociedade local um “passeio” sobre alguns aspectos ligados à educação em Venda Nova. Tomando este caminho e contextualizado com os demais aspectos sociais até onde pudemos voltar na história, é possível compreender de que maneira e sobre quais valores se estruturou essa comunidade. Assim, examinaremos com atenção particular este aspecto social, que, contextualizado, nos dá uma visão ampla para a compreensão da comunidade como um todo.

O que veremos é que três ingredientes que contribuíram para os aspectos ligados à educação que descrevemos aqui – família/comunidade, igreja/religiosidade e trabalho/cooperação – estiveram presentes na constituição da comunidade de Venda Nova. Essa análise também é

particularmente interessante para nosso estudo, uma vez que a Festa da Polenta nasce neste contexto, como veremos a seguir.

A educação foi, depois da sobrevivência, uma das grandes preocupações dos imigrantes que se estabeleceram em Venda Nova:

A cultura intelectual de Venda Nova, parece que ela é um lugar diferenciado dos outros. Porque os nossos pais e avós eram quase analfabetos. Mas os que sabiam ler e escrever ensinavam para os outros. O meu irmão mais velho ele ia na casa do tio Joaquim Falchetto de noite, sozinho, ia aprender a ler e escrever, nem escola havia. Mas os pais tinham muito amor ao estudo e queriam que os filhos estudassem. (Entrevistado A, 82 anos)

O antropólogo Geert Banck (1978, p. 101) também identificou em sua pesquisa realizada em Venda Nova a importância dada à educação, registrada num informativo mensal da cooperativa local em 1971, onde constava que os imigrantes, chegados pobres e sem meio de subsistência no Brasil, traziam um grande cabedal de conhecimentos e a cultura do associativismo e cooperação como prática, "... em cada localidade construindo o templo (...) e ao lado do templo ou numa residência mais centralizada, a escola, onde, por falta de professores, o mais douto se dedicava ao ensino das primeiras letras".

E assim foi construída a primeira escola da comunidade:

A primeira escola, localizada no primeiro aglomerado urbano no centro do vilarejo, iniciou suas atividades em 1919 e oferecia o ensino até o que hoje corresponde à quarta série do ensino fundamental. Também aí se encontrava o espírito solidário da comunidade. "As famílias se uniram e fizeram doações para a compra de um terreno de Domingos Perim, que também participou das cotas para a construção da escola. ("A hospitalidade da casa da fazenda", Caderno Especial Festa da Polenta, 2008, p. 06)

Alguns anos depois, na década de 1940, a situação se complicou por ocasião da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial:

Em casa, na igreja ou em qualquer outro lugar, era o dialeto vêneta a única língua usada na comunicação. Na escola acontecia a primeira experiência de contato com a língua portuguesa, assim como só quando o diálogo era com o professor. Entre os colegas, permanecia a língua de origem dos avós. Com a

entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra [a partir de *setembro de 1942*], a cultura do imigrante italiano sofre um golpe poderoso. O Brasil ficou contra a Itália e Getúlio Vargas proibiu os imigrantes de falarem publicamente o dialeto. Se para as crianças a adaptação era difícil, os adultos sofreram ainda mais. Foi nesse período que a língua diminuiu bastante a sua força, pois os mais jovens foram perdendo o interesse e, em alguns casos, tinham vergonha do dialeto.” (O choque no contato do dialeto com a língua portuguesa. Folha da Terra, Caderno Especial Festa da Polenta, 2008, p. 04)

Vimos que, além de contato com a língua portuguesa e as operações matemáticas e um pouco de história, as crianças também tinham noções de higiene. Também era uma das raras oportunidades de contato com pessoas de fora da comunidade, já que os professores que passaram por Venda Nova ao longo do tempo, em sua maioria mulheres, ficavam hospedadas nas casas das famílias. Esta escola foi a opção de ensino em Venda Nova até o final da década de 1940.

Em 1952, o Estado construiu uma escola na sede do então Distrito, também oferecendo ensino até o que hoje corresponde à quarta série do ensino fundamental. Concluída a quarta série, as duas primeiras gerações de filhos de Venda Nova tiveram que fazer uma dura escolha:

A geração dos irmãos Antenor e Máximo Lorenção e Clementino Caliman [*hoje por volta de 79-80 anos*] teve que escolher entre ser Padre ou continuar em Venda Nova e trabalhar na lavoura. Já os seus filhos vislumbraram mais possibilidades, mesmo assim a educação desta geração, que hoje está em torno de 50 anos, esteve ligada à igreja [*católica*]. As opções eram estudar em Santa Isabel - Domingos Martins, Campos - Rio de Janeiro ou em Juiz de Fora - Minas Gerais. (“Da Tapera rumo ao Centro”, Caderno Especial Festa da Polenta, 2008, p. 05)

Porém, essa formação educacional fez a diferença em termos do desenvolvimento da cidade, que se estendeu a outras gerações:

E desses que foram para os colégios, muitos seguiram vocação religiosa. [*Venda Nova*] Era conhecida como um canteiro de vocações religiosas, Padres, freiras. Mas muitos voltaram, não seguiram a vida religiosa, mas voltavam com uma bagagem de conhecimento que davam chance de montar cooperativa, grupo de teatro, banda de música, coral, tudo formado de ex-alunos de colégios religiosos, e isso se criou um ambiente que até hoje o pessoal de Venda Nova tem essa diferença com relação à cultura. Meninos que faziam o segundo grau no colégio Fioravante Caliman, não precisavam fazer cursinho

nem nada, a maioria passava direto nas universidades. ("Da Tapera rumo ao Centro", Caderno Especial Festa da Polenta, 2008, p. 05)

Chama a atenção nos relatos das pessoas que estudaram fora nesta época o choque cultural com que se depararam, tanto pelas limitações materiais e inexistência de acesso a bens de consumo como sabonete, biscoitos industrializados para o lanche, roupas de tecido (as roupas de baixo eram feitas de saco de açúcar), como pelos hábitos diferenciados dos descendentes das famílias de imigrantes, que ainda se mantinham fechados pela dificuldade de acesso e às restrições do idioma citadas anteriormente.

Podemos dizer que as restrições físicas e materiais, o isolamento geográfico e as limitações do idioma contribuíram para a manutenção e também fortalecimento dos laços de interdependência, solidariedade e cooperação na comunidade.

Este cenário de isolamento e limitações é mudado gradativamente, o que se deve, em várias frentes, a iniciativas capitaneadas por Padre Cleto Caliman. A implantação do Colégio Salesiano em 1967 é um exemplo. Ele inicia suas atividades com o quinto ano, continuação do ensino já oferecido na escola estadual Domingos Perim. Em 1973 inaugura o que hoje é considerado ensino médio. Assim estudaram muitos vendanovenses que, mesmo adultos queriam concluir o ensino que não tiveram oportunidade na infância, e que posteriormente tornaram-se professores na mesma escola. O ensino era particular e novamente Padre Cleto confirma seu papel ousado e visionário na história da cidade:

Padre Cleto, o grande mentor da escola, incentiva os pais a colocarem seus filhos para estudar. O ensino era pago e ele buscava recursos em empresas como a [*Companhia*] Vale do Rio Doce [*hoje Vale*], para subsidiar as mensalidades dos alunos, pois não havia escola pública com 1º. e 2º. graus em Venda Nova. Devido à dificuldade de a comunidade manter os filhos estudando, no dia 27 de fevereiro de 1982, o salesiano faz um convênio com o Estado, resguardando o direito de indicar os diretores. Nasce a Escola de 1º e 2º Graus Fioravante Caliman [*nome do pai do Pe. Cleto*] e todos passam a

estudar gratuitamente¹³. (“Salesiano, um divisor de águas na educação de Venda Nova.” Caderno Especial Festa da Polenta, 2008, p. 05 – os trechos entre colchetes são nossos)

Assim, vemos que a igreja era, além de ambiente de religiosidade e fé espiritual, um importante ator social. Mas, é importante também destacar nesse cenário a figura de Padre Cleto Caliman (fotos 19 e 20, p. 140), que, por vezes usando métodos pouco ortodoxos sob a ótica da igreja, utilizava de seu conhecimento, articulação e rede de relacionamentos com políticos e empresários para mobilizar esforços e recursos materiais e humanos para ações de vanguarda na comunidade. Exploraremos sua atuação mais adiante.

A atividade social era estimulada nos momentos de confraternização após as missas aos domingos, que transformavam-se em importantes espaços de socialização e discussão. No pátio da igreja, discutiam-se as questões de interesse da comunidade, partilhavam-se as conquistas e as desventuras das propriedades, as alegrias das famílias, nascimento de filhos, noivados, a partida dos filhos para o seminário, o reencontro nas férias anuais, enfim, tudo era partilhado neste espaço de convivência. Também eram definidos os destinos da comunidade, eram discutidas as carências coletivas – escola, lazer, necessidades individuais das famílias – e daí eram traçados planos para sua solução, que geralmente eram executados por toda a comunidade, em mutirões, doações de dinheiro, terreno ou mão-de-obra.

Os relatos dos periódicos e as falas dos entrevistados deixam claro que a ação empreendedora de Padre Cleto, aliada a sua articulação com políticos e empresários, trouxe para Venda Nova grandes benfeitorias, que marcaram seu modelo de desenvolvimento, sempre ligado aos valores religiosos e ao

¹³ É importante destacar a qualidade do ensino ali ministrado e seu diferencial quando comparado a outras escolas públicas estaduais. Esta foi basicamente a única escola responsável pela formação de nível médio dos filhos de Venda Nova até o ano de 1998, quando a primeira escola particular do município iniciou suas atividades no ensino médio. Ela ainda hoje mantém um bom nível de ensino em relação a outras escolas estaduais, se tomarmos como base o número de aprovações de seus alunos em universidades federais e seu desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM –, promovido pelo Ministério da Educação, tendo ficado em primeiro lugar entre as escolas públicas do ES em 2006.

trabalho, entre eles a solidariedade, confiança e cooperação. A educação, ramo por excelência escolhido pela ordem dos Padres Salesianos em todo o mundo, estruturou-se em Venda Nova por mobilização das famílias locais e consolidou-se pela ação da igreja, capitaneada pelas mãos do Padre Cleto.

A escola passou a ser para a comunidade um novo espaço de convivência, não só pelo espaço físico estruturado ou por agregar os jovens da comunidade, mas por estar ligada à igreja e ter em sua constituição a participação e envolvimento ativo das famílias.

Com o estabelecimento do Colégio Salesiano, que mais tarde se tornou Escola Fioravante Caliman, a escola era, depois da igreja, o espaço de maior convivência comunitária. (“O colégio Salesiano e a Festa da Polenta”. Caderno Especial Festa da Polenta, 2008, p. 08)

E foi no pátio da escola que em 1979 foi realizada pela comunidade a primeira Festa da Polenta. Era o espaço de convivência mais estruturado para receber a comunidade e para a organização de um evento que envolvesse a todos. E, naturalmente, era o espaço gerenciado por seu fundador, o Padre Cleto Caliman, também diretor da Escola.

Em suma, vemos que os mesmos ingredientes que forjaram o cenário educacional – família/comunidade, igreja/religiosidade e trabalho/cooperação – foram os elementos que estruturaram e tornaram possível o surgimento da Festa da Polenta. Mas, antes disso, podemos dizer, estendendo essa lógica, que estes elementos foram os pilares do modelo de desenvolvimento da comunidade de Venda Nova.

6 PADRE CLETO, O ARQUEIRO¹⁴: ARTÍFICE DA HARMONIA ENTRE PASSADO E FUTURO.

É difícil falar da figura do Padre Cleto sem contar aspectos da história de Venda Nova, ao mesmo tempo em que não se conta a história da cidade sem mencionar seu nome ao menos algumas vezes. Em Venda Nova, há um entusiasmo ufanista em tudo o que envolve sua figura: as falas, os relatos, os documentos pesquisados, as homenagens póstumas e as que lhe foram feitas ainda em vida nos transmitem essa sensação de reverência, o que retroalimenta sua imagem de personalidade reconhecida pela percepção da comunidade, normalmente citada de forma poética e saudosista. Por seu falecimento, ocorrido em 2005, é só com fontes indiretas que contamos para a elaboração deste relatório: textos e livro de sua autoria, publicações e matérias jornalísticas a seu respeito, relatos dos entrevistados e indícios que pudemos observar durante a fase de nossa pesquisa.

Buscamos neste capítulo trazer à tona a essência da trajetória de vida do Padre Cleto e suas implicações na história da cidade, mesmo que por vezes elas se confundam e se meschem. Ressaltamos que o texto não segue em sua totalidade uma ordem cronológica, a fim de privilegiar a lógica dos aspectos que desejamos abordar.

Padre Cleto Caliman (fotos 19 e 20, p. 140) nasceu em Venda Nova em 9 de outubro de 1914. Primogênito de 16 filhos do casal Fioravante Caliman e Maria Carnielli, aos dez anos foi matriculado como primeiro aluno interno do Instituto Salesiano Anchieta, em Virgínia, hoje Jaciguá, município de Vargem Alta, onde passou o fim da infância, reencontrando novamente com a família somente treze anos depois.

Com passagens por São Paulo e Campinas, completou sua formação sacerdotal, ordenando-se em 1943 como Padre da ordem dos Salesianos,

¹⁴ A menção à figura do arqueiro remete à frase citada pelo próprio Padre Cleto, que consta no epílogo deste trabalho, onde faz a metáfora entre o lançamento da flecha e a relação passado-futuro.

ordem internacional da igreja católica dedicada à educação. Em nove décadas de vida, dedicou 62 anos ao sacerdócio e nesse tempo articulou muitas benfeitorias para Venda Nova e para as cidades por onde passou. Trouxe conhecimento e experiência de sua vivência como diretor de colégios nas cidades onde estudou. Tinha um dinamismo para acionar e mobilizar a comunidade.

Segundo algumas edições do jornal especial da Festa da Polenta, em Venda Nova, Padre Cleto articulou recursos e contatos para a construção do Colégio Salesiano e dos Correios. Também viabilizou o Hospital Padre Máximo, esteve à frente da telefonia fixa e idealizou o Clube Recreativo Venda Nova – Creven. Criou a Festa da Polenta, incentivou e resgatou eventos e festividades e, a partir de 2002, mobilizou a comunidade a angariar fundos para a construção da Igreja de Santa Teresinha, sua santa de devoção desde que saiu para estudar.

Era por meio da articulação que ele mobilizava recursos financeiros, materiais e humanos para as benfeitorias na comunidade:

O espírito progressista e os bons contatos foram o que tornaram essas realizações possíveis. Para viabilizar as obras, Padre Cleto mantinha relações diplomáticas com os políticos da época, como o governador do Espírito Santo Cristiano Dias Lopes, o deputado federal Oswaldo Zanelo, o senador Dirceu Cardoso, entre outros. (Caderno Especial Festa da Polenta, 2000)

O papel de liderança de Padre Cleto na mobilização da comunidade foi citado por vários entrevistados, dentre os quais destacamos o seguinte:

Havia um solo fértil na comunidade [*pessoas*], mas era necessário um líder para trazer as sementes certas, orientar a forma do manejo mais moderno e mais produtivo para que o campo desse bons frutos. E esse era o papel do Padre Cleto. [...]. As coisas aqui funcionam, mais por causa do voluntariado que se empenha nessas coisas. (Entrevistado A, 82 anos)

No aspecto liderança, um dos entrevistados ressaltou o papel da igreja e do Padre Cleto nesse período, onde as ações do poder público, em sua maioria, não atingiam as pequenas cidades do interior:

Hoje nós não temos mais essa liderança como a do Padre Cleto. Acho que esse papel se reverte hoje para o poder público. Quando Padre Cleto era essa liderança, nós pertencíamos ao município de Castelo, depois a Conceição do Castelo, então toda a liderança política, de empreendedorismo e de desenvolvimento passavam pela questão religiosa. Se você for ver na história, o dízimo correspondia ao imposto que se tem hoje. Porque todos os serviços públicos eram feitos pela igreja. O dízimo era pra isso. Então a igreja tinha essa função, Padre Cleto teve essa função de desenvolvimento, de se preocupar com telefonia, correios, hospital, era coisa ligada à igreja, vinha também de forma política, com recursos, mas tinha muito a ver com religião, com a articulação da igreja. (Entrevistado B, 44 anos)

E conclui com uma observação interessante sobre o papel das novas lideranças locais nesse cenário de mudanças na sociedade:

Talvez hoje, com modéstia, o Dom Décio [Zandonadi¹⁵] vai ocupar um pouco isso. Não pela função religiosa de bispo, mas pelos projetos que tem capitaneado, como a Fundação Máximo Zandonadi, a rádio, comunicação, o centro cultural. Hoje Dom Décio tem projetos pra uma realidade atual, guardadas as devidas proporções, porque a realidade hoje é outra, onde a comunicação agora é essencial. (Entrevistado B, 44 anos)

A ligação de Padre Cleto com a cultura, sua alegria e sua vontade de sempre festejar e celebrar se traduzia na prática, na criação e estímulo a inúmeras festas, encontros e apresentações e manifestações artísticas como música e cinema:

Ele gostava dos bailes. Ele não dançava, nunca vi o Padre Cleto dançar. Mas ele promovia muitos bailes. Eu lembro da primeira festa de debutantes em Venda Nova. Eu ajudei a ornamentar o salão. [...] O Padre Cleto promovia muita festa, tudo tinha sempre o dedinho dele. (Entrevistado C, 66 anos)

Na década de 1960, o Padre trazia rolos de filmes e organizava exposições que deixavam todos, especialmente os jovens, encantados pelo que se passava no mundo, o que, para nós, denota a preocupação em proporcionar aos moradores de Venda Nova, quase isolados geograficamente, o acesso ao que acontecia no mundo em termos de informação, tecnologia e entretenimento:

¹⁵ Bispo de Colatina - ES, vendanovense, filho de Máximo Zandonadi a quem nos referimos algumas vezes neste trabalho.

Quando eu era menino, lembro, tudo o que tinha de novidade, ele trazia para Venda Nova, coisas que você nem imaginava em outras cidades. Filmes lá no Rio de Janeiro, e passava aí na Igreja, não sei como que ele conseguia, ele arrumava projetor, ótimos filmes, ele conseguia por influência trazer filmes que você só via nas grandes cidades. Depois ele devolvia pro dono do cinema, nem sei como ele fazia. Assisti a ótimos filmes que o Padre Cleto trazia quando vinha de férias do Rio. Então nós tivemos contato com essas coisas que outras cidades não tinham o privilégio de ver numa época daquelas. (Entrevistado D, 57 anos)

Sua personalidade irreverente incluía, além de conectar Venda Nova ao mundo através dos sermões e eventos que ajudava a promover, a preocupação em registrar e divulgar hábitos e costumes do seu povo, como vemos:

Com uma filmadora 16 milímetros, Padre Cleto fez registros históricos importantes e também retratou os costumes da época ao colocar em foco os acontecimentos familiares como casamentos e encontros de domingo. Ele gostava de inovar e, ao contrário do senso comum na época, cultivava o hábito de demonstrar seus sentimentos. (Padre Cleto, um homem que amava o amor – Caderno Especial Folha da Terra, 2007, p. 09)

Outros registros como filmagens de cerimônias e festas locais, artigos e textos publicados em jornais, prefácios e apresentações nos livros de Máximo Zandonadi e também a publicação de um livro *La Mèrica che avemo fato: a família Caliman no Espírito Santo*, publicado em 2002, ilustram suas atividades. Ele também foi, segundo informações fornecidas pelo entrevistado A, incentivador da formação do Coral Santa Cecília, coral de música sacra, mas sua participação mais visível é a Festa da Polenta. Como idealizador, arquitetou em conjunto com a comunidade a concepção e a estrutura de organização, mobilizando os valores do espírito de cooperação e voluntariado que hoje são características importantes da festa, instaurando e mantendo um ritual que se repete e se reinventa anualmente, há 30 anos, conforme veremos ao longo deste trabalho.

Sua atuação foi, segundo nossos informantes, além do que se espera de um Padre no sentido estrito de sua função:

Ele foi além do que se esperava do papel de um Padre. Era muito mais ousado, articulador. Ele era político, era um político. Se ele não fosse Padre, ele seria ou um empresário ou político. Ele tinha esse dom de entrar, era “entrão” (*sic*). Ter coragem, meter a cara, que normalmente as pessoas ficam meio retraídas... ele não. [...]. Tinha contato com essas pessoas, Dr. Eliezer Batista¹⁶, dentro do Estado, tinha uma liberdade com essas pessoas que só um político tem. Pra um Padre é meio estranho, né, essa liberdade de chegar com qualquer um deles e conviver tranquilamente. (Entrevistado D, 57 anos)

Sua personalidade atenta à inovação, aliada ao conhecimento adquirido no seminário, nas inúmeras viagens, à já citada articulação que mantinha com políticos, empresários no cenário estadual e nacional e seu carisma de líder religioso o legitimavam como uma liderança respeitada – embora por vezes contestada – que resultou numa atuação além da pastoral, com influência na trajetória política, social e econômica da cidade. E isso ele conseguia quebrando regras:

O Padre Cleto nunca seguiu muito as regras de congregação, né. Obediência pra ele era uma linguagem que não... senão ele não conseguiria fazer essas coisas. Ele tomava atitudes que ele não consultava superiores se podia ou senão podia (*sic*). Essas congregações inibem muito as pessoas a obedecer. Ele falava “vou fazer” e fazia mesmo [...] não dava satisfação a ninguém. Então ele não seguiu muito as regras não [...]. Eu sempre vi ele (*sic*) como um rebelde dentro da congregação. Esse negócio de obediência não era muito com ele não. (Entrevistado D, 57 anos)

Essa visão empresarial contribuiu para a atração de investimentos que tornaram Venda Nova um pólo de referência em serviços na região. Isso é facilmente identificado pelo número de carros, ônibus e vans que circulam diariamente pelas ruas da cidade com placas de municípios do entorno como Conceição do Castelo, Afonso Cláudio, Brejetuba, Castelo, Domingos Martins (especialmente o distrito de Pedra Azul), fazendo compras no variado comércio local ou utilizando serviços como escolas particulares, cursos de inglês, laboratório de mudas, clínicas e serviços médicos e odontológicos especializados, as três faculdades, o hospital de abrangência regional, a cooperativa regional de cafeicultores e outros serviços diferenciados que não se encontram em outras cidades da região. Esse crescimento e atração de

¹⁶ Então presidente da Companhia Vale do Rio Doce, hoje Vale.

investimentos, segundo todos entrevistados, tem influência da ação do Padre Cleto, como vemos a seguir:

Pra mim ele foi mais empresário que Padre. Ele tinha uma facilidade de se relacionar com os bons políticos. E Venda Nova cresceu porque os do entorno falavam “vou comprar um lote em Venda Nova porque tem escola pro meu filho estudar” ou “porque tem um hospital muito bom ali”. Então esses pontos que ele fez, com o dinheiro público que ele conseguia e que foi a chave do desenvolvimento aqui. E por outro lado a gente via nele uma pessoa muito alegre, sempre que ele descobria uma coisa que trazia alegria ele valorizava, como a Festa da Polenta, “os tempos do nunca mais”, então ele era, como se diz, uma pessoa que deixou pra todos nós exemplos de boa convivência, de habilidade. (Entrevistado C, 66 anos)

Sua importância na formação dos jovens e em projetos vitais para Venda Nova foi assim descrita por um dos entrevistados:

Então você tem um cara de muita visão que foi o Padre Cleto, que tinha uma visão regional, uma visão de desenvolvimento. A Festa da Polenta talvez tenha sido a coisa de menos importância que ele fez em Venda Nova. Podemos citar vários outros projetos que tiveram importância muito maior do que a festa. Se preocupar por exemplo com o ensino, com um colégio decente. Olha o nível de alunos daquela geração que saíram daqui direto para encarar universidades do Brasil inteiro e se deram bem, encaravam e passavam. Hoje isso já mudou, mas na época... Essa importância do Padre Cleto com o ensino, telefonia, com comunicação, com correios, com hospital, com saúde, com o lazer, isso foi fundamental. Padre Cleto fez muitas coisas: colégio, correios, hospital, e depois, descansando, criou a Festa da Polenta. A festa foi o descanso dele. (Entrevistado B, 44 anos)

Com base nos relatos e matérias de jornais locais, podemos dizer que é notável seu papel como guardião da tradição, pela identificação dos detalhes e aspectos da tradição, traduzindo-os para a linguagem ritual e transmitindo-os aos mais jovens, cuidando sempre de incrementar e inserir, juntamente com os coordenadores da Festa da Polenta e de outras festas, que cooperavam com suas ações, inovações, tradições inventadas, que são incorporadas e legitimadas como autênticas pela comunidade. Exemplos disso são a agregação do ritual anual do plantio coletivo do milho que é servido na Festa da Polenta e a criação de um grupo de dança italiana. Este último chama a atenção enquanto tradição inventada, uma vez que não há registros anteriores, nem nos inúmeros livros publicados sobre a história mais antiga da cidade,

como os de Máximo Zandonadi, da existência de grupo de danças típicas entre os imigrantes que ali chegaram ou seus descendentes. É notória a incorporação desta tradição inventada como mais uma atração da Festa, destacando a influência de outros locais em seu contexto.

Nos relatos sobre Padre Cleto são destacados seu gosto pela boa culinária, bons vinhos, viagens e a companhia constante de personalidades importantes, aspectos que formavam e ampliavam o cenário “místico” de sua atuação. Nas homilias das missas, seus sermões versavam sobre episódios de suas viagens pela Europa ou a lugares turísticos brasileiros, europeus ou americanos, que cumpriam o papel da disseminação da informação pela tradição oral, uma vez que os meios de comunicação eram poucos, permanecendo ele como um vínculo e mediador entre a comunidade e o mundo exterior, o que reforçava seu papel de liderança perante os membros da comunidade, porém, não raro, desagradava os mais conservadores:

Havia um respeito com ele não só por ser Padre, era muito pelo conhecimento dele. Mas era muito criticado nas suas homilias, era muito criticado. Tinha gente que não aceitava que ele falasse das viagens dele à Itália, à Europa. Mas ele fazia isso pra que? Pra passar conhecimento [...]. Ele não falava só de Ave Maria e Pai Nosso não, tudo que ele via pelo mundo afora ele trazia pra nós, e falava lá no sermão. Mas os mais cabeça fechada não aceitavam. [...] A cabeça dele era 100 anos à frete da gente. (Entrevistado C, 66 anos)

Tendo acesso privilegiado ao convívio e a informações do mundo externo à comunidade e utilizando para sua disseminação uma linguagem deslocada do cotidiano dos fiéis, onde adaptava elementos da realidade externa à linguagem das pregações – e também orientações e recomendações de conduta – Padre Cleto transmitia e mantinha valores de organização social. Tinha a sabedoria da forma de mobilizar o povo para um objetivo, que era, a partir daí, coletivamente sonhado e realizado, como vemos no caso da Construção do Hospital, em 1959.

Todas as coisas que ele iniciou deram certo, né? Falou “Venda Nova precisa de um hospital”. Convenceu as pessoas, a comunidade construiu. Se não fosse ele talvez tivesse demorado muito mais tempo. [...] Fatalmente toda cidade tem

um hospital, mas Venda Nova tinha antes mesmo de Conceição [*do Castelo, município de onde Venda Nova foi distrito até 1989*], que nem sonhava em ter um hospital. (Entrevistado D, 57 anos)

Também vemos em Zandonadi (1980) que a urbanização do bairro mais populoso da cidade, na época da construção da BR 262 em Venda Nova, é mais uma das passagens de Padre Cleto Caliman na história da cidade. Além da mobilização de recursos, sua articulação para a troca de terrenos entre a cooperativa e a família Zandonadi determinou a construção do Hospital em uma área até então rural, deslocando a expansão do núcleo urbano da cidade na direção oposta ao centro, fora do eixo da BR 262, inserindo outras famílias tradicionais no contexto urbano.

Pela notoriedade alcançada, Padre Cleto recebeu em vida várias homenagens. O segundo pavilhão do Hospital Padre Máximo, o Centro de Eventos, a Fundação Educacional – Univeneto – levam o seu nome, em reconhecimento de sua importância para o município. Importante salientar que, para atribuir nome de pessoa viva ao Centro de Eventos, um bem público, foi necessária alguma articulação política para a publicação da lei municipal nº 230/93 denominando o Centro de Eventos Padre Cleto Caliman, que sedia, entre outros eventos, a Festa da Polenta. A lei federal n.º 6.454/77 classifica que tal ato fere o princípio da impessoalidade, mas neste caso foi justificada e declarada legal pela relevância social e cultural do homenageado.

Após sua morte, em fevereiro de 2005, foi publicado no Jornal Folha da Terra, e posteriormente no site da Festa da Polenta, um texto em sua homenagem que destaca algumas de suas características, que revelam como sua personalidade e sua ação eram percebidas e disseminadas na comunidade. Abaixo um trecho:

Polêmico. Corajoso. Amoroso. Galante. Intenso. Quem não conviveu de perto com Padre Cleto Caliman deve estranhar que os predicados mencionados se enquadrem a um homem ligado ao clero. Estes e muitos outros podem ser atribuídos a ele e, talvez, o último resuma melhor quem foi este homem que encantou tanta gente, fez tantos amigos, viveu tantas façanhas e hipnotizou tanto os desafetos. [...]

“Desafetos sim. Nem sempre Padre Cleto foi unanimidade em Venda Nova. O seu jeito “furbo” [*esperto, no dialeto vêneto*] causou polêmica, em especial a maneira como lidava com o poder. A fé dele se manifestou de forma muito particular e até o próprio clero se arrepiava com as suas iniciativas: “Deus é pai, Nossa Senhora é mãe”, dizia para justificar seus bailes nas regras. Ele só se ligava ao principal.

Padre Cleto gostava do que era belo em primeiro lugar, do que era bom em segundo e depois do que era verdadeiro, conforme definiu Dom Décio Zandonadi no sermão da última missa de corpo presente. Ele foi um homem fora do comum. Viveu intensamente e, em meio às suas buscas, não dispensou o prazer do bem viver. (Trecho do texto da jornalista Lilia Gonçalves, por ocasião da morte do Padre Cleto, postado no site da Festa da Polenta).

Propusemos a um dos entrevistados, com forte ligação com as tradições e cultura locais, a título de suposição, um exercício anacrônico de como teria sido Venda Nova sem o Padre Cleto. A resposta foi a seguinte:

É difícil imaginar, mas certamente faltaria muita coisa. Mesmo nas festas populares mais simples, serenatas, canções italianas assim, ele teve muita participação. Reunia um grupo de amigos pra fazer serenata, festinhas assim, e através disso conservou muito da música. E o Coral Santa Cecília, foi ideia dele a criação desse coral. (Entrevistado A, 82 anos)

Isso nos dá uma ideia da extensão da liderança do Padre Cleto e do espaço que ele ocupava nas mentes e corações dos vendanovenses. Outro indício é a própria forma com o que jornal local e os cadernos especiais da Festa da Polenta o mencionam. A nosso ver, essa forma de falar dele, de se referir a suas ações e características, contribuiu consideravelmente para a disseminação e manutenção de sua figura como uma referência-chave, tanto para a comunidade como para turistas, políticos, empresários e pessoas de cidades vizinhas. Várias passagens foram encontradas, dentre as quais destacamos uma:

As inovações trazidas por Padre Cleto mudaram o rumo e colocaram Venda Nova na vanguarda da história. Seu nome é obrigatório toda vez que se fala na trajetória do lugar, tanto pela sua obra como pelo seu temperamento. Dona Brígida Bernabé lembra da rigidez da época e de como o religioso rompeu com muitos costumes [...]. Padre Cleto instituiu a alegria nas missas e principalmente nos casamentos, quando costumava dizer “eu te amo” em vários idiomas. (“Padre Cleto, um homem que amava o amor” – Caderno Especial Festa da Terra, 2007, p. 09)

Interessante observar sua participação no evento conhecido como *Os Tempos do Nunca Mais* (fotos 26 a 28, p. 143 e 144), onde ele incorporava o Cacique Pena Branca, (foto 20, p. 140) personagem que comanda a oca e dá o tom dessa cerimônia que envolve orações católicas, música de seresta e culinária. Pudemos perceber durante o evento a referência – e reverência – constante a ele. E, após sua morte, a cada edição do evento, o quadro com sua foto trajado de cacique com seus artefatos – cocar e chocalho – são passados no início do ritual ao novo anfitrião pelo anterior e ficam sob seus cuidados até realização do próximo evento.

Alguns relatos nos fazem atentar para o fato de que algumas iniciativas já a partir de 1994 não tinham de início a participação do Padre Cleto, mas tão logo ele percebia uma movimentação, uma oportunidade, ele se agregava, intervinha positivamente como fez no resgate do *Pan e Vin*¹⁷ nos anos 90, segundo relato do Entrevistado B. Ou então fazia de uma pequena iniciativa, um pequeno ajuntamento, um acontecimento a ser celebrado, ampliado, repetido ritualmente. Assim criava, ampliava e dava “nome, corpo e personalidade” a um ajuntamento, como é o caso da *Missa das Dez*.

Desse modo, vamos descrever aqui os relatos da influência do Padre Cleto nos dois rituais citados acima, tidos como importantes para a comunidade e seus desdobramentos no contexto da manutenção e resignificação das tradições.

i) O Pan e Vin

A festa do *Pan e Vin* foi uma tradição trazida da Itália, segundo relato de um de nossos entrevistados com base no que seus pais contavam. Na véspera da epifania (dia 6 de janeiro) se fazia uma fogueira, cada casa tinha uma ou duas ou três famílias que se reuniam em torno da fogueira que simbolizava a estrela que conduziu os reis magos a Jesus nascido em Belém, e ali celebravam a

¹⁷ No dialeto Vêneto, “pão e vinho”. Representa a festa do pão e vinho.

colheita. Faziam prognósticos sobre o ano se iniciava, sobre a colheita e as condições climáticas.

Essa tradição veio junto com os imigrantes italianos. Eu me lembro quando era criança o papai juntava com o João Camata, compadre dele, que morava aqui em cima. Juntavam, um ano fazia aqui, outro fazia lá, ali no pai do Ambrósio [Falqueto] fazia outro, e lá em Lavrinhas, eram vários que aconteciam, não era tudo num lugar só. (Entrevistado A, 82 anos)

Mas, após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a partir de 1942, como apresentamos no capítulo 5, o idioma italiano ficou proibido no país e com essa proibição desapareceu o Pan e Vin. Só em 1999 o evento foi resgatado:

Depois nós inventamos de fazer de novo o Pan e Vin. O primeiro foi na casa do Máximo Zandonadi, depois aqui, e depois entrou o Padre Cleto também. E hoje se continua fazendo, mas se concentra tudo num só lugar e às vezes não se tem espaço para estacionamento e tudo, então tem se feito mais no Ambrósio, que tem espaço. (Entrevistado A, 82 anos)

Em 2000, um livro foi lançado por Benjamim Falqueto e Padre Cleto para marcar o resgate desse ritual. Mas esse resgate, cerca de 50 anos depois, se deu num novo contexto social e também com nova conotação, como vemos:

O Pan e Vin ficou esquecido por muitos anos. Há uns 10 anos pra cá se começou a resgatar de novo [...]. Quando o Padre Cleto era vivo ainda ele falou: “nós vamos fazer o Pan e Vin de novo”. E se começou a fazer, mais como um teatro pra mostrar pras pessoas como era e não como uma tradição que vem desde aquela época. Isso se perdeu e depois se começou a fazer de novo pras pessoas saberem como era “esse tal de Pan e Vin”. Mas hoje ele não tem aquele mesmo espírito, tem o espírito de demonstração assim, pras pessoas que não conhecem. O espírito daquele Pan e Vin com certeza não é. (Entrevistado D, 57 anos)

Podemos inferir, com base nos relatos, que essa nova configuração da cidade, num contexto moderno e já com identidade turística, influenciou na mudança do sentido e a funcionalidade primeira da prática do Pan e Vin, que era a celebração e a confraternização por si, passando a ser um ritual de retorno e

reverência à memória coletiva, uma dramatização com intuito de preservar e difundir a identidade cultural junto às novas gerações.

ii) A Missa das Dez

O segundo ritual que analisamos é conhecido na cidade como “Missa das Dez”. A missa mais tradicional da cidade é realizada todos os domingos às nove horas da manhã na igreja matriz no centro da cidade, cantada pelo Coral Santa Cecília, do qual fazem parte gerações de descendentes de imigrantes. Porém, após a missa das nove horas, acontece no pátio da igreja, em torno do bar beneficente da Paróquia, o que já é conhecido como “Missa das Dez”. Trata-se da confraternização e conagração entre as famílias que se repete semanalmente após a missa das nove horas, regada a vinho, cantarolas italianas¹⁸ (a brasileira cachaça também figura entre as bebidas), gestos largos, vozes exaltadas e bochechas rosadas do calor do álcool e da animação.

O interessante é que a diocese de Cachoeiro do Itapemirim, a que pertence a paróquia de Venda Nova, bem como as demais dioceses capixabas, não permite a venda de bebidas alcoólicas nos bares das igrejas. Houve tentativas de acabar com a venda de bebida alcoólica na igreja de Venda Nova, mas a comunidade se manifestou em defesa da tradição quase centenária, que ainda hoje, e somente em Venda Nova, se mantém intocada, mesmo depois da implantação da lei seca nas igrejas da Diocese de Cachoeiro, a partir de fevereiro de 2009, Venda Nova é a única das 41 paróquias que ainda mantém a venda de bebidas no bar da igreja¹⁹.

Este ritual, bem como todo o contexto que o envolve, merece ser melhor analisado para contribuir na compreensão dos elementos da tradição. Este relato com o resgate histórico mostra a sua importância cultural, a força da comunidade e como é vista a atuação do Padre Cleto na sua manutenção:

¹⁸ Semelhante às ilustradas nas fotos 24 e 29 do ensaio fotográfico, p.142 e 144, respectivamente.

¹⁹ Com base em matéria veiculada no site da rádio local FMZ. **Lei seca na igreja: bebidas estão proibidas em festas religiosas**. Disponível em http://www.radiofmz.com.br/noticias.php?id=2002&id_assunto= acesso em 13/03/09.

Essa é outra [tradição] que acho que só existe aqui em Venda Nova. Inclusive o bispo diocesano de Cachoeiro era um pouco contra, O Dom Luiz Mancilha Vilela, hoje é arcebispo de Vitória. Porque em algumas capelas havia um boteco do lado da igreja onde se faziam até excessos, às vezes havia bebedeira, saía alguma briga, então ele proibiu a venda de bebidas alcoólicas em festas religiosas. Ali em Venda Nova sempre tinha essa tradição. Depois o bispo saiu, veio outro, havia uma corrente meio contrária que queria acabar com essa “Missa das Dez” (risos). Eu era da comissão da igreja aqui do conselho pastoral e nós consultamos o bispo. Aí ele perguntou como é que era, se havia excessos, se as famílias ficavam lá, se era só homem, se havia bebedeiras. Então falamos que as famílias ficam lá, que tem um jogo de roleta, que se sorteiam prendas assim, e é tudo em benefício da igreja; toma-se um vinho moderadamente, cachaça tinha algum velinho que tinha costume, mas não muito, mais era vinho mesmo. Aí o Dom Célio veio um dia pra observar de perto, ver como era, e de fato ele veio, veio ali um domingo, assistiu, até tinha almoço na igreja. Ele assistiu, viu, e não disse mais nada. Depois um dia eu tava com o Dom Serafim que é bispo lá de Belo Horizonte e quando terminou a missa ele tava lá nos fundos, lá na sacristia. E ele perguntou: “isso daí que é a Missa das Dez?”. Eu não sei como ele conhecia, assim, com esse nome (risos). Eu falei, é isso aí, nós estamos até já mudando esse nome, que parece meio profano, e estamos colocando “*Encontro Doppo Missa*”²⁰. E ele falou: “não, é Missa das Dez mesmo”. Foi o Padre Cleto também que inventou esse nome. Então ele ficou observando e falou: “Isso daí é o que os primeiros cristãos faziam. Era uma festa quando eles celebravam a eucaristia, se juntavam pra fazer a ceia, como na instituição da eucaristia, que foi feita numa ceia. Mas então os primeiros cristãos começaram a fazer excessos na bebida e então São Paulo acabou botando regras mais duras que tinha que ficar em jejum pra receber a eucaristia, sem excessos. Mas a igreja evolui, passou esses períodos de rigor por conta dos excessos que se cometiam, mas agora que o povo tá mais civilizado, não vejo mal nenhum nisso daí não”. Depois dessa história toda ficou de vez a Missa das Dez! (Entrevistado A, 82 anos)

E então a Missa das Dez se consolidou como um momento de encontro, onde as pessoas colocam os assuntos em dia e discutem problemas da comunidade, com a alegria da música e do vinho. Ali surgiam muitas ideias de como conduzir questões políticas, da pastoral religiosa e da economia locais.

Porém, a Missa das Dez nem sempre teve esse formato:

Antigamente não tinha essa conotação de hoje. Eles tinham o boteco, era mais afastado, mas era da igreja mesmo. Lá eles jogavam bola de pau no pátio e tomava-se o seu golinho. Também nunca teve briga, nunca teve trapalhada, mas esse boteco sempre teve assim do lado da igreja como uma cantina. Porque como a gente ia receber a comunhão na igreja não podia tomar café em casa, era de jejum. Então o café era servido lá, na cantina. Depois da missa então era só café e pão assim. Mas depois esse boteco começou a colocar

²⁰ Em dialeto Vêneto, encontro depois da missa.

refrigerante, vinho, essas coisas, mas era da igreja mesmo. Mas sempre foi esse ponto de encontro e discussão da comunidade. (Entrevistado A, 82 anos)

E as adaptações e transformações não pararam por aí. Esse espaço de reflexão social que é a Missa das Dez começou a ganhar um novo sentido após 1997 e 1998, segundo o entrevistado G, quando a Secretaria de Turismo começou a divulgar esse acontecimento cotidiano como um atrativo turístico. Influenciada por fatores como a incorporação das novas gerações, o crescimento da comunidade com uma população mais heterogênea, inclusive quanto às crenças religiosas, o dinamismo das opções de lazer e entretenimento e a influência do turismo na economia da cidade, a Missa das Dez, afirma G, vem agregando novos contornos de atração turística, uma espécie de encenação das práticas dos antepassados, como a cantarola italiana regada a um bom vinho, gestos largos e um espaço de interação com o turista, que canta, bate palmas, interage, pergunta e recebe todas as atenções dos nativos.

Sobre a continuidade da Missa das Dez, temos a seguinte reflexão, que denota a preocupação com a adesão das novas gerações:

Essa missa das dez – porque na verdade a Missa das Dez é o pessoal se reunir, não é só beber, na verdade é pegar uma sanfona e cantar lá, isso daí sim. Mas isso daí quando morrer esses puxadores aí ela não continua. Alguns dizem “não vai morrer não!”, mas não tem jeito, não tem ninguém pra continuar. Vai se reunir um monte de gente tomando cerveja, mas não é a mesma coisa. O diferencial é o pessoal cantando italiano. Agora se for pra reunir, beber e conversar, isso se faz em qualquer lugar. O diferencial da Missa das Dez é quando tem a cantarola, quando tem essa gente aí. (Entrevistado D, 57 anos)

Por fim, quando se trata de Padre Cleto, outro aspecto interessante que ressalta essa aparente “onipresença” de sua atuação na cidade, foi encontrado neste trecho do *site* da Festa da Polenta:

Pessoas que acompanharam a sua trajetória contam ainda que a construção da BR-262, na década de 50, também teve o dedo dele. Graças a sua interseção, o ministro Mário Andreazza decidiu pela passagem da rodovia federal por Venda Nova. Com vistas ao progresso do lugar, conseguiu a façanha de trazer a BR para uma região tão montanhosa, quando havia no

Estado a opção de caminhos com menos altitude. (*site* oficial da festa da Polenta)

Embora esse indício não tenha podido ser comprovado como verídico por nossa pesquisa, sua existência enquanto informação publicada por si só já denota a imagem onipresente do Padre Cleto no imaginário coletivo da comunidade.

Observando os relatos e registros sobre a história de Padre Cleto Caliman, entendemos que sua influência, carisma e atuação foram de grande sensibilidade, fruto da percepção e observação apurados; porém decisivos e marcantes, de modo que as pessoas atribuem a ele ou à sua influência certos feitos, mesmo que ele não esteja diretamente ligado ao seu início ou tenha apenas uma pequena participação. É como se somente o seu envolvimento em alguma causa fosse o suficiente para gerar nas pessoas a sensação de sua “onipresença”, na falta de palavra mais apropriada.

Interpretamos essas características como um forte indicativo do seu papel de *guardião da tradição*. Esse processo de reordenamento, resignificação e conexão entre passado e futuro para transmissão às novas gerações de uma forma que ultrapassa a linguagem conotativa, ganhando ares de “liderança da qual não faz sentido discordar ou questionar”, é o traço principal que caracteriza o guardião.

Em 2005, após sua morte, foi instituída a Comenda Padre Cleto Caliman, honraria concedida anualmente pela AFEPOL a instituições e personalidades que se destacaram na comunidade. A escolha dos homenageados é feita pelo conselho da Associação, formado pela diretoria e coordenadores das equipes. Entre os homenageados, personalidades com reconhecido trabalho em prol da comunidade como ex-parteiras por cujas mãos nasceram os filhos de Venda Nova quando não havia hospital, religiosos, jornalistas que divulgam o município e instituições filantrópicas. É um instrumento de divulgação da Festa

da Polenta e fortalecimento do relacionamento da instituição, imortalizando o nome do fundador da festa.

Para concluir, há uma passagem muito importante na ação do Padre Cleto que iniciou o principal processo de mudança na trajetória da Festa da Polenta. Esse momento foi relatado por um dos entrevistados:

Teve uma época, acho que em 1989 ou 90, que o Padre Cleto, se reuniu com Dr. Eliezer Batista, eu participei dessa reunião, pedindo apoio pra Festa da Polenta e o Dr. Eliezer fez contato um amigo dele, o Alberico Souza Cruz, diretor de jornalismo da Rede Globo. Aí ele mandou uma jornalista aqui, do Jornal Nacional. Ela fez uma matéria sobre a festa e foi veiculada antes da festa e falava de uma colônia italiana que preservava a cultura. Tinha uma estrutura que no sábado a festa começava à tarde no pátio do colégio e acabava às 8 horas da noite, e então se preparava pro baile que acontecia no ginásio, que era um baile normal, pra 1500 pessoas. Depois no domingo retomava a festa com o almoço, no ginásio. Só que por causa da matéria, que saiu uns 15 dias antes, chegou 8 horas da noite, 9, 10, 11 horas da noite do sábado, tinha 4 mil pessoas no pátio e vendidas 3 mil entradas pro baile e 2 mil pessoas dentro do ginásio já. Aí não tinha estrutura de comida, de bebida, nem gente pra atender. A [Festa da] Polenta naquele ano começou a convocar gente na marra, ali na hora. Assim, quem chegava no balcão que era da comunidade, a gente falava: “fulano, pelo amor de Deus, ajuda aqui”. [...]

Então foi um ano, com essa mídia nacional, de transformação da festa, de reprogramar o tamanho da festa e reavaliar. [...] O Padre Cleto desafiou o Braz [*Delpupo, o prefeito na época*] porque não era possível mais realizar a festa no [Colégio] Salesiano. O “Polentão”²¹ foi adquirido em 1993, em 94 foi construído e em 95 a primeira festa foi realizada lá. (Entrevistado B, 44 anos)

Esse momento foi um divisor de águas na história da Festa. Seus impactos serão melhor explorados e contextualizados ao tratarmos da Festa da Polenta no capítulo seguinte.

²¹ Como é chamado popularmente o Centro de Eventos Padre Cleto Caliman, local onde se realiza a Festa da Polenta e os eventos da comunidade.

7 FESTA DA POLENTA: A HISTÓRIA DE VENDA NOVA RECONTADA EM TRÊS DIAS

A história de vida do Padre Cleto Caliman deixa marcas na história de Venda Nova e na trajetória da Festa da Polenta. Ao realizarmos aqui uma reflexão sobre a Festa, não temos o objetivo de fazer uma retrospectiva cronológica completa, mas sim de trazer à tona aspectos, elementos e fatos importantes que configuraram sua estrutura e influenciam na formação da sociedade e das tradições locais.

7.1 A polenta: marco identitário dos imigrantes italianos

Antes de detalharmos a história da Festa da Polenta, é fundamental que se faça um breve resgate do papel identitário da polenta e de seu consumo, uma vez que essa iguaria em especial, como alimento base da alimentação dos imigrantes italianos oriundos do norte da Itália, foi tomada como um importante elemento cultural de identidade e integração, como nos mostra Damatta (1984):

A alimentação é um artefato diferenciador da identidade humana. Na alimentação encontra-se a forma de viver de uma população e talvez sua forma de ver a vida. Todos os povos têm uma forma própria de comer, assim como a forma brasileira de comer é específica. Temos, então, uma culinária relacional que expressa de modo privilegiado uma sociedade igualmente relacional (DAMATTA, 1984 p. 62).

Segundo pesquisa da turismóloga Elza Maria Feder (2005), a polenta tem origem na região norte da Itália. Era o pão dos tempos antigos: constituía a base alimentar (o prato mais consumido) da população e dos legionários romanos. Inicialmente, era feita de ervas. Posteriormente, passou a ser feita de farinha de trigo. Somente após 1492, com a descoberta da América por Cristóvão Colombo, é que a polenta passou a ser feita de milho. E passou a ser o principal prato nas regiões de Veneza e Friuli, substituindo o pão (feito com trigo) e o macarrão. Inicialmente restrita a essas regiões, em pouco tempo a polenta passou a ter espaço na culinária italiana.

Em Feder (2005), encontramos um destaque da importância identitária desse alimento tão importante para os imigrantes italianos oriundos do norte da Itália:

A polenta pode ser tomada como o *fio condutor da história alimentar dos descendentes de italianos*, desde o grande êxodo do *Vêneto*, como alimento básico das populações rurais e como uma iguaria presente ainda hoje em mesas de diversas cidades brasileiras que tiveram na sua composição *imigrantes oriundos do norte da Itália*. (FEDER, 2005)

Dentre esses imigrantes incluem-se os que ocuparam Venda Nova, vindos da região do Vêneto, norte da Itália.

Em Venda Nova, a importância do milho para a sobrevivência dos imigrantes e o porquê da centralidade da polenta podem ser explicados no relato de um dos entrevistados:

O papai, nós lá em casa, plantávamos muito milho. E quando que ele acabava de botar o milho no paiol ele dizia “Grazzie Dio”, Graças a Deus! Porque ali tava garantida a galinha, tava os ovos, tava a carne, tava a banha, a polenta, tava o porco. Quer dizer, cinquenta por cento do alimento nosso tava ali. Então o paiol de milho era uma bênção. Quando dava uma seca que poderia atingir a colheita, rezava-se, fazia tudo. Quando vinha a colheita farta e o paiol cheio, aí pronto. [...] O paiol de milho era o lugar principal da casa. (Entrevistado C. 66 anos)

Segundo a entrevistada J, de 94 anos, na cidade, a polenta era comum em todos os lares dos imigrantes italianos. A facilidade de ter a matéria prima – milho – estocada durante todo o ano, a simplicidade de seu preparo – fubá, água e sal – seu alto valor calórico e portanto energético para as atividades da lavoura e a facilidade de combinar-se com alimentos doces como o leite ou salgados, como queijo, *puína*²², ovos, verduras, em especial o *radicchio*²³, linguiça e carne de porco, fez com que ela fosse utilizada como base da alimentação em todas as refeições, desde o café da manhã até o jantar. Era sempre cozida pacientemente por cerca de uma hora sobre o fogão a lenha,

²² Tipo de ricota, porém ligeiramente mais cremosa.

²³ Espécie de almeirão, hortaliça de sabor amargo, trazido da Itália.

em panelão de ferro, sendo constantemente mexida com a *mèscola*²⁴ para não queimar e adquirir gosto e cheiro de fumaça.

Seu consumo se dava de formas variadas, ao sabor da criatividade das matriarcas, as *mammas*, diante das restrições materiais impostas pela rude vida local. Podia ser comida fresca, mole como um mingau, acompanhada de leite ou de queijo, lingüiça ou carne, principalmente a do porco criado no quintal, que era cozida e guardada sob a gordura do próprio animal em grandes latas e resistia por meses. Não era comum no dia-a-dia o consumo de carne bovina. A prioridade dos pequenos rebanhos domésticos era o fornecimento de leite e queijo para a família.

Quando a intenção era comer polenta dura – ou com a sobra da polenta fresca – virava-se a polenta cozida sobre uma tábua e cortava-se com fio ou linha de costura. As fatias eram grelhadas num tripé sobre o fogão à lenha até ficarem com uma crosta crocante, sendo assim chamada “*polenta brustolada*”. Era acompanhada de nata, leite ou queijo, fazendo as vezes do pão no café da manhã. Outra opção era a polenta frita em gordura de porco.

Era comum – e ainda é – as crianças e adultos disputarem a saborosa crosta crocante remanescente do cozimento no fundo do panelão de ferro, chamada pelos locais de *crostoli*. A polenta posteriormente ganhou novas roupagens, tidas como mais requintadas, acompanhadas de molhos variados, onde o mais tradicional é à *bolonhesa*²⁵, ou em pratos requintados servidos em restaurantes da região; adaptações e combinações modernas dos *chefs* à iguaria tradicional.

7.2 A Festa da Polenta: uma breve história

Faremos aqui uma incursão pela trajetória da Festa da Polenta, desde seu surgimento até os dias atuais, ressaltando aspectos, elementos e marcos

²⁴ Colher de madeira de cabo comprido, usada para mexer a polenta.

²⁵ Molho à base de tomate, carne bovina moída e condimentos.

importantes para sua compreensão. Este item é fundamental para embasar as reflexões específicas dos itens seguintes.

As informações dessa sessão têm como base o site oficial da Festa da Polenta, edições do jornal Folha da Terra e dos cadernos especiais sobre a Festa da Polenta, com algumas inserções de trechos de entrevistas de nossa pesquisa de campo.

Um texto escrito por Padre Cleto em 1994, 15 anos após a criação da Festa da Polenta, revela que ela nasceu da simplicidade da polenta como prato típico. Sua inspiração veio de uma outra festa da polenta, em Alfredo Chaves, e o objetivo era principalmente a *diversão e confraternização da famílias de Venda Nova*:

Em 1978 – recebi um convite do Sr. Luiz Marchezi para uma Festa da Polenta, em Sagrada Família, no município de Alfredo Chaves – ES. Fui em mais três. Em grande “brondo” (caldeirão), a mescala [*pá de madeira*] mexia o fubá, etc e tal. Provei, gostei, não demais, da polenta [*Padre Cleto não gostava de polenta, como declarou em outra parte deste mesmo texto*] acompanhada de lingüiça e queijo. Tudo bem. Ai veio o estalo de Vieira. Por que não fazê-la em Venda Nova do Imigrante, onde o prato principal é a polenta?

Reuni a patota, uns oito polenteiros(as), e lancei a ideia. Aprovação unânime. Sem saber como, quando e onde, reunimo-nos várias vezes, e sob sugestões práticas resolvemos fazer a Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante. Foi no Colégio Salesiano, precedida de uma santa missa na Igreja Matriz. Improvisou-se tudo, cozinha, caldeirões, fubá, lingüiça, queijo, macarrão, frango, mesas, cadeiras, pratos, copos, vinhos, cerveja, música, etc. Finalidade: ajudar o hospital local e ter meios para novas festas do gênero. *Não havia propriamente uma filosofia sobre o evento. Era ajuntar o povo, comer, divertir-se e agrupar possível saldo credor.* (texto escrito por Padre Cleto em 1994 e publicado no site da Festa da Polenta)

Segundo a história registrada no site da Festa da Polenta, nos dias 7, 8 e 9 de setembro de 1979 aconteceu a primeira festa numa estrutura improvisada no pátio do Colégio Salesiano (hoje Fioravante Caliman). Um público de cerca de 150 pessoas, formado pelas famílias de Venda Nova, degustou a polenta e outros pratos típicos. De acordo com o relato de um grupo das cozinheiras pioneiras, o capelete foi preparado em casa por algumas senhoras, o suficiente

para 200 pessoas. Os outros componentes do prato eram preparados no local: batata, arroz, capelete e, claro, a polenta. A estrutura da cozinha era improvisada e precária. Uma chapa de fogão a lenha, levada da casa de uma das cozinheiras, posta de sobre quatro pedras formava o fogão. Uma lona cobria o espaço de forma a torná-lo quase insalubre pelo calor do cozimento. Os utensílios eram todos emprestados pelas famílias.

As atrações das primeiras festas eram apresentações do Coral Santa Cecília, formado por membros da comunidade. Também uma missa sempre fazia parte da programação, uma vez que a religiosidade estava fortemente presente.

A cozinha era o quartel general do evento. Um cenário que refletia os costumes da época, sendo tarefa exclusivamente feminina nas primeiras edições. Havia sempre uma coordenadora da equipe e além da preparação prévia das iguarias. A preparação anterior ao evento incluía a provisão de lenha para o fogão e o abate, limpeza, corte e tempero dos frangos. Nada era terceirizado ou comprado pronto. Havia uma equipe para lavar a louça, que era reutilizada várias vezes para dar conta da demanda. Uma das voluntárias conta como começou a trabalhar na festa:

Eu estava participando da festa, quando uma amiga me chamou num canto e disse: "Você não pode dar uma ajuda na cozinha? Tem muita gente, não estamos dando conta de lavar a pilha de pratos e a fila para servir está muito grande!". Aí eu fui. Desde então, comecei a ser voluntária. (Entrevistada F, 68 anos)

O mesmo procedimento se dava na equipe do bar e outras. E assim, mesmo no decorrer da festa, a equipe ia ganhando novos adeptos que se incorporavam ao time nas edições seguintes.

Somente na sexta edição da festa, em 1984, um homem assumiu a coordenação da cozinha. Porém, as mulheres continuavam a realizar a maioria do trabalho, enfrentando o calor dos fogões a lenha. Isso foi mudando ao longo do tempo e os homens, pela dimensão e importância que tomou o evento e

também pelas mudanças estruturais e tecnológicas porque passou a cozinha da festa, passaram a integrar a equipe, fazendo principalmente o trabalho pesado.

A Festa da Polenta seguiu durante muitos anos sendo realizada no pátio do Colégio Salesiano. Em 1982 no Colégio Salesiano passou a funcionar a Escola de 1º. E 2º. Graus Fioravante Caliman, a partir de convênio com o Governo do Estado. Com a transferência de Padre Cleto para o Rio de Janeiro em 1984, assume a direção da escola seu sobrinho Sávio Caliman, então professor da Prefeitura de Vitória. Também sob sua responsabilidade ficou a coordenação da Festa da Polenta.

Esse período, segundo o site da Festa da Polenta, representa a primeira grande transição da Festa da Polenta, o afastamento de Padre Cleto Caliman, quando as lideranças voluntárias precisam se organizar e tomar frente do evento.

O dinheiro para realização do evento provinha da captação de patrocínio de empresários regionais, fornecedores de insumos para os negócios da região e de alimentos, além de pequenos empresários e comerciantes locais. A cozinha ainda era estruturada totalmente de forma voluntária e artesanal. Desde a doação dos frangos, da lenha, empréstimos dos utensílios, abate e preparação das iguarias, nada era terceirizado ou comprado pronto, a não ser o macarrão, que substituiu o arroz no prato típico a partir de 1984.

Neste período, a grande atração da festa eram os shows musicais, uma vez que o objetivo principal da festa era a diversão e confraternização dos moradores da cidade. Época em que a comunidade esperava ansiosa para dançar ao som de um show de forró com artistas regionais. A festa era realizada no pátio da escola, onde a entrada era franca. A cobrança de ingressos era feita somente para os shows, que aconteciam no ginásio, à noite.

Na edição de 1985 houve a primeira divisão da organização por equipes. Eram 12 equipes, entre elas cozinha, bar, ornamentação, caixas e programação. Em 1986, a decoração foi o grande diferencial da festa. O ginásio foi enfeitado com o tema musical “La Bella Polenta”²⁶, onde grandes painéis reproduziam a letra da canção e elementos gráficos que a ilustravam. Os painéis foram confeccionados por membros jovens da comunidade com sacos de ração emendados. A maioria desses jovens fazia parte da AMENA – Casa da Cultura²⁷.

Também nesse período se realizava “A Alvorada”. Era a movimentação alegre dos voluntários da limpeza e da ornamentação na madrugada, após o baile do sábado, para organizar e deixar o ginásio pronto para a programação do domingo.

Havia mutirão para limpeza e lavagem do ginásio e depois saíamos todos em grupos para colher rosas e flores pelas casas das comunidades para enfeitar as mesas para o almoço de domingo. A turma era recebida com alegria. Não era trabalho, era sempre um momento de alegria e descontração para quem participava. (Entrevistado I, 54 anos)

O voluntariado já era valorizado neste período. Não foi possível precisar o ano, entre 1986 e 1988, em que se iniciou a festa de confraternização dos voluntários. Este evento consistia num momento de celebração realizado alguns fins de semana após a Festa, onde se reconhecia e celebrava, por meio de uma grande festa, a dedicação do trabalho dos mais de 500 voluntários envolvidos. Este foi um marco importante para a festa, não só pelo reconhecimento formal do papel do voluntário, mas também para o que se

²⁶ A canção é o hino oficial da Festa da Polenta, cantada com coreografia em vários momentos do evento e traz em sua letra, de forma bem humorada, todos os passos do preparo da polenta, desde o plantio do milho até a hora de comer. É bem representativa do saber fazer e do modo de vida dos imigrantes. A letra da música encontra-se nos anexos deste trabalho.

²⁷ Associação criada pelos jovens universitários que estudaram ou ainda estudavam fora da cidade, para trabalhar em prol da cultura no município. A casa da Cultura é responsável, entre outras, pela realização anual do famoso Baile dos Universitários, da Semana Cultural e é também espaço para realização de cursos e eventos locais, sendo sede do Circolo Trentino em Venda Nova.

tornaria mais à frente um dos fatores motivadores da adesão e manutenção de voluntários na Festa da Polenta.

As dificuldades de captação de recursos fizeram com que se iniciasse a discussão da reserva de uma parte do lucro da festa para a realização da edição posterior. A implantação desta ação só aconteceu na gestão seguinte, pois a comunidade ainda decidia como mais importante destinar toda verba para as entidades que beneficiava.

Padre Cleto, que já havia se mudado de Venda Nova desde 1984, acompanhava de longe a realização e sempre estava presente durante o evento. Nesse período já era reverenciado como o criador da Festa da Polenta e como filho ilustre e grande mobilizador de desenvolvimento em Venda Nova.

Com o retorno de Sávio Caliman às suas atividades em Vitória e sua saída da Direção do Colégio Fioravante Caliman em 1988, a organização da Festa da Polenta passa por outra transição de liderança. Em 1989, o ano já passava da metade sem que houvesse definição de sua realização. Um grupo de voluntários se reuniu e definiram quem seria o próximo coordenador, o segundo após a saída do Padre Cleto: Alberto Falqueto.

Na ocasião o que existia era a prática de fazer a Festa com divisão de tarefas, numa organização que funcionava bem dentro de algumas improvisações. No primeiro evento sob sua coordenação, Alberto Falqueto contou com o apoio da família, que emprestou dinheiro para compra de utensílios descartáveis e materiais essenciais para o evento. O evento surpreendeu em volume de público – a cozinha, o bar e outros serviços tiveram dificuldade no atendimento, porém o resultado financeiro foi tão positivo que, pela primeira vez, a coordenação deixa um pouco de dinheiro no caixa para subsidiar a próxima Festa. Ao fim desta edição, a primeira providência foi transformar a organização da festa em uma instituição com personalidade jurídica, com o objetivo de estruturar a festa para a captação de recursos estaduais, federais e

privados. A criação da Associação da Festa da Polenta – AFEPOL –, em outubro de 1991 foi uma importante referência, um exemplo que foi seguido por outras associações de bairro e comunidades de Venda Nova.

No ano de 1991 foi eleito o primeiro presidente da AFEPOL (o terceiro gestor). Foi o período do surgimento da preocupação em extinguir os barraqueiros no entorno do evento. Além da sujeira deixada e da poluição visual, havia também a preocupação com o desvio dos recursos locais que incomodavam os organizadores e alguns segmentos da comunidade, pois os ambulantes levavam receita para fora do município. No final de 1992, a presença dos barraqueiros estava praticamente extinta.

Também neste período começou a preocupação na qualificação da mão-de-obra voluntária e a discussão sobre a possibilidade da cobrança de ingresso, que trouxe a reboque a necessidade de investir numa estrutura apropriada.

As principais atrações da Festa da Polenta nesse período eram importadas do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina. Nasce então o conjunto Toni Boni, de canções italianas, formado por integrantes locais, que entrou na programação de 1992, estreando no almoço de domingo. O conjunto se apresentou sem cobrar cachê e assim o fez outros anos, até se profissionalizar.

O ano de 1994 foi o último em que a Festa foi realizada no pátio e no ginásio da Escola Fioravante Caliman. Na quarta gestão pós Padre Cleto nasce a filosofia de tornar o próprio vendanovense o artista da Festa. Nasceu então a Casa da *Nonna* (fotos 17 e 18, p. 139) e mais tarde o Paiol do *Nonno* (fotos 14 a 16, p. 138), cenários que reproduziam os domínios feminino e masculino das casas dos primeiros imigrantes, com hábitos, costumes, trajes e utensílios típicos.

A valorização dos voluntários como artistas ganhou espaço com a ampliação do calendário anual da Festa da Polenta, com a criação dos rituais de plantio

(fotos 19 e 20, p. 140), montoa e colheita do milho. Com a produção verdadeira e ao mesmo tempo cenográfica, veio a ideia de retratar o transporte do milho colhido, que se transformou no cortejo pelas ruas da cidade.

Mais uma vez as ruas se tornam palco das manifestações culturais típicas. A AFEPOL convida a comunidade a promover a *Serenata Italiana* (foto 29, p. 144), quando os voluntários saem vestidos a caráter de diversos pontos da cidade e se encontram no antigo local da Festa da Polenta, o pátio da Escola Fioravante Caliman. Os voluntários entoam canções antigas e, a cada ano, criam novos elementos para ilustrar a vida da ocasião da imigração. A proposta era envolver os moradores para que passassem a se sentir os donos da Festa.

Nesse período, além de envolver a comunidade numa nova modalidade de voluntariado, houve a incorporação da produção de um queijo gigante, feito dias antes pelos laticínios de Venda Nova e repartido durante a programação da Festa.

Em 1995 tem início a quinta gestão, que é marcada pela estruturação da sede da AFEPOL. Primeiro uma sede provisória numa sala da empresa do presidente, depois, em 1997, uma estrutura de sede própria, que abrigou também a bilheteria e teve pela primeira vez como funcionária uma secretária, pois, até então, as atividades eram todas voluntárias. O resgate documental e fotográfico da festa e a vila cenográfica que ambientou o Centro de Eventos também datam desse período.

A sexta gestão (1998-1999) teve como marcas a criação do Paiol do *Nonno* (fotos 14 a 16, p. 138), na época Rancho do *Nonno*, e um grande processo de organização interna da festa, com aquisição das mesas e bancos de madeira, e a criação de inovações operacionais que facilitaram e ofereceram melhores condições de trabalho e melhor qualidade no atendimento. Também foram promovidas capacitações para aperfeiçoar a mão-de-obra voluntária e a reforma no Estatuto da AFEPOL. Dentre outras mudanças, ficou estabelecida a

eleição bianual da diretora. Também passaram a ser eleitos somente o presidente e o vice, que ficam encarregados de formar o restante da diretoria.

Em 2000, a parceria com Associação da Língua e Cultura Italiana do Espírito Santo – ALCIES – viabilizou o curso de italiano para a comunidade na AFEPOL. Também neste ano, no projeto Resgate da Cultura, é gravado o CD ao vivo com a apresentação dos corais infantis de música italiana na Igreja Matriz. Com um trabalho de divulgação, a Festa da Polenta começa a sensibilizar os moradores e comerciantes para enfeitarem suas fachadas e vitrines para incentivar os moradores a receber os turistas.

Em 2002-2003, há a reeleição do sexto gestor, que continua as melhorias na estrutura de trabalho visando a praticidade e a qualidade no atendimento. Também é o período dos shows de grandes atrações nacionais e atração de um grande volume de público, especialmente jovens de outras cidades.

De 2004 a 2007, os aspectos culturais ganham força com o Tombo da Polenta gigante (fotos 01 a 03, p. 131 e 132). O momento mais esperado da festa dá à polenta visibilidade e status de cartão postal – também no sentido literal – de Venda Nova. A valorização do voluntário como o artista da festa tem grande impulsão nesse período, como também os shows musicais passam a ser mais voltados à cultura italiana ou atrações menores.

Em 2008 foi realizada sua trigésima edição, organizada e executada por cerca de 900 voluntários distribuídos em dezenas de equipes, de acordo com o detalhamento encontrado nos anexos. Mantendo e aprimorando as atrações culturais resgatadas nas edições anteriores e concentrando o foco nas atrações musicais mais voltadas à cultura italiana.

Segundo informações do *site* oficial da Festa da Polenta, pesquisa realizada pelo Instituto Futura em 2008 afirma que a Festa é o quarto evento mais lembrado do Espírito Santo. O evento promovido pela AFEPOL só perde para a

Festa de Nossa Senhora da Penha (28%), a Festa de São Benedito (5,5%) e o Carnaval (5%). Com 4,8%, a Festa da Polenta vem seguida pelo Aniversário de Vitória, com 3,5%). Estes foram considerados os cinco primeiros eventos (festa popular) citados como os mais importantes que ocorrem no Estado.

De cunho filantrópico, desde as primeiras edições, realiza-se uma assembléia após o Evento, onde, diante dos associados, a diretoria presta contas e submete a Festa a uma avaliação, quando é definida a distribuição dos recursos arrecadados para as entidades filantrópicas da saúde, assistência, segurança, educação e cultura.

A Festa da Polenta é realizada anualmente, sempre no segundo fim de semana de outubro, em alusão ao aniversário de seu fundador, Padre Cleto Caliman. Ela atraiu nas últimas edições um público que gira em torno de 25 mil pessoas²⁸, cinco mil a mais que sua população, segundo números do IBGE .

Como atrações, apresenta shows musicais variados (fotos 10 e 11, p. 136) para agradar a todos os públicos, que vão desde bandas regionais de pop rock nacional e internacional – restritos à programação do sábado à noite, voltada para o público jovem – aos grupos de música italiana e tarantela, esses majoritários na programação. Também apresentam-se grupos de dança locais (infantil, jovem e terceira idade – fotos 12 e 13, p. 137), coral infantil, além do desfile da rainha da polenta. O resgate das tradições também fica por conta de espaços especiais no cenário da festa como a *Casa da Nonna* (fotos 17 e 18, p. 139) e o *Paio do Nonno* (fotos 14 a 16, p. 138), já mencionados, que reproduzem ambientes, costumes, artefatos, instrumentos, hábitos e trajes dos imigrantes, como fazer polenta em fogão a lenha, os jogos de *mora* ou *moretina* e *boccias*, as ferramentas, as cantarolas italianas regadas a vinho, as expressões idiomáticas presentes na conversa e na forma de recontar a história e outros elementos tidos como tradicionais.

²⁸ Fonte: “**Festa da Polenta 2008 atrai 25 mil**”. Disponível em <http://festadapolenta.com.br/?p=noticias-detalhes&n=75> .Acesso em 25/02/09

Na culinária, são servidos 3.600 quilos de polenta durante a festa. O Tombo da Polenta (fotos 01 a 03, p. 131 e 132), uma de suas grandes atrações desde 2004, figura no *Guinness Book*, o livro dos recordes, como a maior polenta do mundo, com 1200 quilos do alimento preparados de uma só vez num painelão gigante, réplica dos painelões usados nas cozinhas dos imigrantes.

7.3 O modelo de organização da Festa: produto e produtor da sociedade local

A Festa da Polenta nasceu pelas mãos do Padre Cleto, numa comunidade profundamente religiosa. E essa religiosidade esteve muito presente na festa. E ainda existe uma importante ligação entre a igreja e a festa, pelo forte papel da primeira na organização social de Venda Nova.

No mesmo espaço da igreja após a missa, lá na Missa das Dez, em que se discutem as questões sociais da comunidade, também se avalia a festa, pontos positivos, negativos e seus rumos. Mas devagar vai-se cortando o cordão umbilical da festa com a igreja, mas ainda se tem um pouco de receio nisso. (Entrevistado G, 56 anos)

Podemos inferir que a profissionalização da estrutura de organização da festa com a criação da AFEPOL é o principal elemento dessa desvinculação da festa com a igreja. A presença de líderes que não o Padre Cleto à frente da organização ajudaram a promover esse distanciamento, embora ela ainda mantenha ligações importantes, como, por exemplo, a bênção na abertura da Festa (Foto 06, p. 134).

O planejamento, a organização do trabalho pela divisão em equipes e o refinamento das escalas, áreas e espaços de trabalho, a racionalização das tarefas e os avanços tecnológicos e de organização promovidos ao longo dos anos refletem a profissionalização deste evento, onde os elementos tradicionais são representações e também são tratados como atividades nesta mesma lógica de organização do trabalho. Os serviços de limpeza de

banheiros e segurança são os únicos terceirizados, porque envolvem conhecimentos específicos ou trabalho pesado ao qual é difícil a adesão de voluntários.

Uma das preocupações da AFEPOL era preservar a entidade de influências políticas. Esse sempre foi um de seus princípios, o de buscar o apoio do poder público, mas sem se submeter a ele, e o de se manter imparcial em questões político-partidárias. Isso foi priorizado na elaboração do estatuto:

Uma preocupação que tivemos [...] era tentar preservar a festa de algumas vaidades políticas, né, pessoais, é que quem tivesse mandato eletivo não pudesse participar da diretoria, pra preservar a Festa da Polenta dessas tentativas de trampolim político. (Entrevistado B, 44 anos)

Na Assembléia Geral Ordinária, as contas da AFEPOL são avaliadas, conforme o parecer do Conselho Fiscal, que é levado à aprovação dos associados. Além da prestação de contas, é eleita a cada dois anos a diretoria da associação. A assembléia elege o gestor e, dessa forma, legitima a confiança no presidente e do conselho fiscal eleitos. Os cargos de diretoria e coordenação são de escolha do Presidente. A secretária também é selecionada pelo gestor e é a única remunerada, ficando à disposição da Associação em tempo integral.

Mas, além dos aspectos legais e formais de uma associação, a Assembléia é o grande instrumento de avaliação da Festa, momento de questionamento do que funcionou bem e do que precisa ser aprimorado. Baseados na última experiência, são feitas críticas e sugestões de como agir para melhorar a próxima versão.

As inovações na festa, como dito por vários entrevistados e comprovado por sua trajetória histórica, são marcas do gestor e da diretoria. Tanto marcas positivas quanto negativas. Porque, segundo relatos, é o gestor quem “dá as cartas”. É ele quem forma sua diretoria e escolhe as pessoas com as quais quer trabalhar.

Porque se você estender muito para a comunidade, tem opinião demais e acaba não se chegando a uma conclusão, né? Então vai muito da cabeça do gestor. É lógico que tudo é levado à diretoria, isso aí é decidido na diretoria, mas é muito da cabeça do presidente, cada um tem uma linha de atuação bem diferente do outro, né. (Entrevistado D, 57 anos)

O exemplo da ideia de se fazer uma polenta gigante, que tornou-se uma grande atração da festa, corrobora com a situação descrita:

Na verdade, não é estendida muito à comunidade certas coisas. Quando se pensou em fazer o panelão foi um grupinho que juntou e falou “vamos tentar e fazer com a CST um panelão?” Um grupo de pessoas que foram e tinham contato com a CST e resolveram entrar em contato e ela resolveu bancar. (Entrevistado D, 57 anos)

Outro exemplo foi o projeto Resgate da Cultura em 2000/2001, que culminou com a gravação de um CD com cantarolas italianas apresentadas por corais infantis das escolas do município. Segundo o gestor que o implementou, “Foi uma inovação com muita coragem, o pessoal achava que eu era doido.”

Mas, se cada gestor, com sua diretoria, deixa sua marca, num horizonte de anos e décadas, o que garante a continuidade das tradições e que os objetivos da festa não sejam distorcidos? Como são definidos ao longo do tempo os rumos da festa?

A assembléia anual é também esse instrumento de controle social. Se alguma ação não é aprovada, esse é o momento de corrigir a rota e de discutir os rumos da festa. Percebe-se que a assembléia e, em especial, as lideranças mais ativas, “inclusive o Padre Cleto e outros da comunidade”, dão essa direção e traçam os aspectos importantes a serem feitos naquela edição da festa. E aí escolhem, entre os voluntários, quem tem o perfil para implantar aquelas ações. Como vemos:

Venda Nova abriu os braços pro povo de fora, né. Mas quando a gente abre os braços, a gente recebe as pessoas que a gente quer, e também aquelas que a gente não quer. Então, como eu tinha assim fama de durão, né, eu fiquei com a missão de eliminar os barraqueiros da época e também aquelas pessoas que perturbavam dentro da festa. [...]. Então foi uma missão que a gente trabalhou em cima. (Entrevistado C, 66 anos)

Algumas correções de rota importantes foram feitas por esse instrumento. Talvez o melhor exemplo seja o retorno aos aspectos culturais após os anos de 2001 a 2003. Nesse período, a organização da festa trouxe grandes atrações nacionais, atraindo um público maior do que o evento podia comportar.

Essas foram as maiores festas. Só que se chegou à conclusão que a festa não comportava aquele público. Então se resolveu diminuir, por exemplo, a atração nacional no sábado. Investir menos aí pra diminuir o número de pessoas pra ter um atendimento melhor e também não fugir às características da festa, pra manter uma tradição. Porque pra fazer um show, você faz em qualquer festa. Então começou a se desviar um pouco do objetivo, então os outros presidentes que vieram acharam que você limitando a festa a um público de 20 a 25 mil pessoas nos três dias seria o ideal. (Entrevistado D, 57 anos)

A partir daí, optou-se por uma festa mais intimista quanto possível, com atrações culturais ligadas à imigração italiana, para um público mais “qualificado”, entendendo como qualificado, um perfil de quem gosta de cultura e não da agitação comum em grandes festas. “Se a festa é cultural, vamos continuar como era, voltada pra cultura”.

Outro exemplo de resultado dessa avaliação foi a desvinculação do Enduro da Polenta, que faz parte do calendário brasileiro de MotoCross, da programação da Festa:

E a Festa tem que ter seu foco. Nós temos um produto que foi criado praticamente junto com a festa que é o Enduro da Polenta. O enduro chegou num momento que teve um crescimento e vida própria e se desvinculou da festa, porque tem uma lógica mais profissional, foca em resultados. A Festa da Polenta proporcionou isso, então a polenta é uma grande marca de Venda Nova. O foco da festa não é o enduro, não é a corrida rústica, é a cultura e as tradições. A AFEPOL tem que se voltar pra isso. (Entrevistado B, 44 anos)

Após essa incursão pela trajetória da Festada Polenta, temos o cenário sobre o qual analisamos os aspectos principais deste estudo, descritos a seguir.

7.4 A profissionalização da festa: o divisor de águas entre tradição e modernidade

O próprio Padre Cleto (fotos 19 e 20, p. 140), guardião da tradição e fundador da festa, sinalizou como um divisor na história da Festa a fundação da AFEPOL, destacando que ela marcou novos conceitos e objetivos, diferentes dos que ele tinha quando fundou-a:

As primeiras cinco festas, constataram de um só dia 1.500 pessoas, por sinal muito bom comparecimento. Isso em 1979. De dimensão local a Festa foi tomando vulto, e difundiu-se por todo Estado do Espírito Santo e Estados vizinhos. De um dia, a Festa estendeu-se por três, com *novos conceitos e objetivos que não se divertir e lucrar*. Os 1.500 vendanovenses da 1ª Festa da Polenta, à XV AFEPOL - Associação Festa da Polenta [em 1994], compareceram 20.000 polenteiros do ES, RJ, MG, DF, SP E GO. O evento por pura dedicação (o lucro vem ai), achara por bem dar sentido jurídico a Festa da Polenta. Assim é que foi, elaborado, discutido e aprovado o Estatuto da AFEPOL – Associação Festa da Polenta, dando ao evento número um de Venda Nova do Imigrante o objetivo fundamental que é *MANTER VIVAS E EXPANSIVAS AS TRADIÇÕES HISTÓRICAS, CULTURAIS E OS COSTUMES TRAZIDOS PELO IMIGRANTE ITALIANO*". (Texto do Padre Cleto Caliman, escrito em 1994 e publicado no site da Festa da Polenta. *Letras em caixa alta do autor. Grifos nossos*)

Esse novo objetivo, segundo texto publicado no site da Festa da Polenta após a Fundação da AFEPOL, é *“resgatar e manter viva a cultura do imigrante italiano que colonizou Venda Nova há mais de 100 anos.”*, expresso no tripé *“cultura, voluntariado e filantropia”*. Ele reflete a profissionalização da estrutura da Festa, com a criação da AFEPOL. A forma com que ela busca alcançar esse objetivo está assim expressa, demonstrando claramente o sentido de preservação e representação das tradições às novas gerações e turistas:

Ao festejar o alimento que até hoje faz parte da vida das famílias dos descendentes, enaltecemos a música, as danças, as vestes e outros aspectos. Também colocamos diante dos olhos da atual geração e dos visitantes todos *os costumes de uma época muito difícil* e que deixou muitos ensinamentos. (*site oficial da Festa da Polenta, grifos nossos. Acesso em 11/08/08*)

Essa fase de transição não parece ter sido fácil, tanto que demandou cuidados especiais na sua condução, entre elas algumas conversas com Padre Cleto:

Aí surgiu a ideia de ser criar uma entidade, personalidade jurídica e eu já tinha uma amizade grande com o Padre Cleto e eu fiquei incumbido de explicar isso pra ele né, pra não melindrar o Padre Cleto, não melindrar o Salesiano. E aí ele fez uma exigência, que o nome se chamasse AFEPOL – Associação Festa da Polenta. (Entrevistado B, 44 anos)

A transição ficou assim registrada pela AFEPOL:

O período da primeira grande transição da Festa da Polenta foi o do *afastamento de Padre Cleto Caliman*, quando as lideranças voluntárias precisam se organizar e tomar frente do evento. *Superados os percalços* e com o evento ganhando velocidade nos seus novos arranjos, a gestão de Tarcísio Caliman foi marcada pela mudança de endereço da Festa da Polenta. (*Site da Festa da Polenta, grifos nossos*)

Analisando a sequência dos fatos, o estopim dessa transição foi o grande *boom* da festa provocado por Padre Cleto com sua divulgação em mídia nacional em 1990. Essa atração de um volume de público muito maior do que o esperado mostrou o quanto a estrutura improvisada parecia ser insuficiente para o tamanho que o evento alcançara. Isso demandou o início do processo de sua *profissionalização*, cujos marcos foram a criação da AFEPOL enquanto instituição com personalidade jurídica, em 1991, e a transferência da Festa do Colégio Salesiano para um local maior pela construção do Centro de Eventos, concretizada em 1995.

A partir desse processo de profissionalização, o resgate das tradições – resignificadas ou inventadas – ou inovações foram ações dos presidentes, diretores ou voluntários engajados, mas já no espírito da profissionalização da festa. Entre esses aspectos citamos o desfile da rainha da polenta, a vila cenográfica, a serenata italiana (foto 29, p. 144), o Paiol do *Nonno* (fotos 14 a 16, p. 138), a Casa da *Nonna* (fotos 17 e 18, p. 139) e as atrações que lá acontecem, o grupo musical Toni Boni, o grupo de dança Di Ballo Granello Giallo (foto 13, p. 137), o projeto Resgate da Cultura com gravação do CD de corais infantis das escolas para venda na festa, as vestes do desfile da rainha

da polenta, o queijo gigante, o Tombo da Polenta (fotos 01 a 03, p. 131 e 132). Essa atuação dos dirigentes da festa se enquadra, dentro dos conceitos de Giddens, como a atuação do *especialista*.

Em outras palavras, a profissionalização da festa marca a transição entre a atuação do *guardião da tradição*, personificado na figura do Padre Cleto Caliman, e a dos *especialistas*, os presidentes, diretores e voluntários mais engajados à frente da organização da festa. Nesse cenário, Padre Cleto mantém-se como ator de destaque da festa, porém deixa de atuar como seu principal condutor e passa a figurar como personagem ilustre, o fundador homenageado e reverenciado nas festividades, convidado de honra nos eventos e lembrado por seus grandes feitos em prol da cidade.

O trecho a seguir é um indício que puxa a discussão para uma reflexão interessante sobre as tradições:

Em 1979, a criação da Festa da Polenta foi uma ideia certa para a recuperação de todos os hábitos diferenciados dos imigrantes em relação às demais etnias. Primeiro foi a própria culinária, já com o acompanhamento musical e religioso. Aos poucos, as vestes, as danças e vários outros aspectos da própria alimentação, além de peculiaridades só vivenciadas pelos *nonnos* e *nonnas* foram se incorporando à programação (Caderno Especial Festa da Polenta, 2007)

Percebemos aqui que aspectos como culinária, vestes típicas, danças e outros foram sendo recuperados e incorporados à programação da festa. Ora, se analisarmos mais a fundo, só faz sentido falar em recuperação das tradições quando elas estão ameaçadas de extinção. Do contrário, elas passariam despercebidas no cotidiano como elementos “desta época”, ou seja, modernos. A partir do momento em que há preocupação com sua permanência ou perpetuação, é sinal de que estão ameaçadas sob o perigo de deixarem de figurar como elementos da identidade local e precisam de um cuidado especial que lhes empreste um novo sentido a fim de garantir-lhes a permanência.

O que queremos ressaltar é que, nesse cenário, fica claro que aspectos que a festa busca resgatar ou preservar já não fazem parte do cotidiano da cidade, sendo necessário que sejam adaptados ao contexto atual para que ganhem novo sentido e possam ser preservados em sua essência. Nesse sentido a Festa encontra, num primeiro momento, no sentido de identidade cultural, e posteriormente no turismo, os aspectos que conectam e dão sentido ao resgate e permanência desses elementos tradicionais nos dias atuais.

Tratamos aqui, portanto, não de uma situação local específica, mas de um fenômeno generalizado, que é reflexo das mudanças no contexto global descrito por Giddens: *a transição da ação do guardião, num contexto tradicional, para o especialista, num contexto moderno*. Vamos entender agora em que cenário isso ocorre.

Nesse contexto, entre 2004 e 2005, se consolida a filosofia de “tornar o vendanovense o astro da festa”, quando ele deixa de ser o público-alvo para ser seu “ator principal”, o braço que organiza, que recebe o turista, que prepara a cidade para recebê-lo. É nesse momento que se materializa para o cidadão vendanovense a transição do que até então era uma festa da comunidade e para a comunidade, para uma festa destinada ao turista. Aqui se consolida a preocupação com o resgate e a dramatização dos hábitos e costumes dos imigrantes, da beleza plástica, do resgate dos hábitos e costumes, com o objetivo de atrair e entreter o turista.

Procuramos fazer do vendanovense o centro da festa. Que ele sinta prazer em receber os turistas, que goste de conversar e mostrar nossa cultura e costumes. E ele não só pode como deve aproveitar a festa como oportunidade de negócio. Além disso, ser voluntário é primordialmente ser o grande artista, né, porque é o voluntário que mantém a festa desde quando ela começou. (Entrevistado G, 56 anos)

Evolui desse marco a criação do calendário da Festa da Polenta, estendendo-se ao longo do ano, agregando os rituais do plantio (fotos 19 e 20, p. 140), da montoa e da colheita do milho e da Serenata Italiana (foto 29, p. 144), sendo

que esta última surge justamente para suprir a nostalgia dos nativos pelo formato que a festa da Polenta tinha quando era realizada no Colégio Salesiano, voltada principalmente para o povo da cidade, segundo nos informou o entrevistado G. De fato, seu formato mais intimista e voltado para a participação dos nativos confirma a intenção inicial, embora também conte com a participação de muitos turistas. Uma das rádios locais também aderiu ao envolvimento com a personagem Dona Sunta (Foto 09, p. 135).

A partir daí, quando se concentra no turista e resgata os hábitos e costumes antigos resignificados, a Festa passa a ser um marco identitário que diferenciava Venda Nova das demais localidades, mostrando seu potencial turístico. Assim, passou a ser vista, planejada e realizada com o objetivo de ser uma vitrine da cidade e celebração anual dos costumes e tradições que foram sendo resgatados, resignificados e reinventados ao longo de cada edição.

Mas há opiniões divergentes. Essa visão retrata uma parcela da população que não se identifica com os valores tradicionais locais ou busca na festa o mesmo sentido de diversão encontrado nos seus primórdios:

Pro povo [loca] que gosta de se divertir e não de trabalhar em festa, tem sido um problema, porque pra eles, nesse sentido, a festa não tem sido pra Venda Nova. Quem vai pra Festa da Polenta daqui vai pra trabalhar. Ou vai só num dia porque os ingressos são mais caros que as outras festas daqui e tem outras festas que até são de entrada gratuita. A festa para esse público é a festa de emancipação [com grandes atrações nacionais]. Uma preocupação deve ser que o poder público veja e preserve a Festa da Polenta como a imagem principal do município. Mas é importante também o poder público ter o foco que a Festa da Polenta agrega muito mais pro município o ano inteiro (Entrevistado B, 44 anos)

Para esse público, é como se a Festa da Polenta nesse formato “cultural” fosse anacrônica, destoando do contexto atual e não tendo para eles identificação ou desejo de adesão e participação, pois não corresponde ao seu estilo de vida.

Mas para os adeptos da tradição como elemento do estilo de vida, que comungam com os valores de voluntariado e das manifestações culturais ali apresentadas, há identificação e adesão:

Na verdade, não tem muito sentido você fazer uma Festa da Polenta pra comunidade de Venda Nova. Você tem que fazer pras pessoas de fora mesmo. Porque grande parte da população já trabalha na festa. [...]. Eu trabalho na festa, minha esposa trabalha na festa, a gente curte a festa como as pessoas de fora. Tem gente que não gosta da festa e não vai, mas quem gosta participa. É lógico, você tem que visar trazer gente de fora, mas pras pessoas que gostam, dá pra participar tranquilamente. Talvez nem todos os dias, o almoço de domingo, que é mais tumultuado [...] mas no domingo à noite é tranqüilo, só tem gente de Venda Nova e fica cheio. Também tem a coisa de receber, hospedar pessoas na sua casa e curtir a festa sem problema nenhum. (Entrevistado D, 57 anos)

O formato “cultural” da festa abriu, ainda, espaço para oportunidades de negócio para os moradores da cidade:

Acho que falta um pouco de percepção da festa como oportunidade de negócio pra cidade e pras pessoas, de enxergar a importância de receber o turista e onde cada um pode também ganhar com isso. A festa, além de resgatar, preservar e difundir a cultura em primeiro lugar, gerar recursos para entidades filantrópicas em segundo, é também geradora de renda e qualidade de vida pra cidade. (Entrevistado G, 56 anos)

Corroborando com essa lógica, outros dois entrevistados destacaram a ligação da festa com o agroturismo, afirmando que o agroturismo e as propriedades que dele vivem foram impulsionados pela exposição dos produtos caseiros e posteriormente de todos os produtos pela instalação de uma lojinha no local da festa. Embora o agroturismo tenha surgido na cidade como atividade econômica a partir do início da década de 1990, suas raízes remontam às décadas de 1960 e 70:

Nesse tempo os estudantes daqui vinham de férias e no retorno levavam uma série de produtos daqui pra república onde moravam ou então para o seu chefe, colega de trabalho e tal. O socol, a carne de porco na banha, o queijo, a puína, os ovos caipiras embalados no meio do fubá pra não quebrar e que o fubá depois virava polenta, tudo isso despertava o interesse de quem convivia com eles e gerava demanda. Com o tempo, gerou demanda desses produtos. Aí alguém teve a ideia de comercializar isso e ver como negócio.

A festa da Polenta girou em torno disso, dessa culinária. Ela passou a ser, talvez uns 10 anos depois da sua criação, passou a ser essa ferramenta, esse

instrumento que personificava isso, né. Aliava as tradições culturais e o agronegócio, o agroturismo. (Entrevistado B, 44 anos)

Ao contrário do que esperávamos inicialmente, é explícita a ligação entre a preocupação da festa com a identidade cultural local e o impacto disso no turismo como atividade econômica para a cidade, como mostra esta edição do caderno especial da Festa da Polenta:

Todas as pessoas se alimentam, se relacionam, habitam... morrem. O que as tornam diferentes são os ritos na prática do que é comum entre os povos. Damos a isto o nome de identidade cultural. Isto um povo não pode perder nunca. No máximo, pode adaptar-se às novas necessidades dos tempos modernos. [...]. Quando a Festa da Polenta faz a opção pela valorização da cultura do imigrante italiano, razão do evento, faz um ponto a favor do turismo em Venda Nova. O turista não precisa se deslocar para ver os mesmos shows oferecidos na capital ou em outros centros. Outras festas podem fazer isto na cidade, a Festa da Polenta não. (Editorial: "Quase 115 anos de imigração – do plantio à colheita, os rituais perpetuam a cultura de Venda Nova". Caderno Especial Festa da Polenta, 2005, p. 02)

Também novos negócios e oportunidades de geração de renda surgiram em decorrência da Festa da Polenta, como serviços de Buffet com o conhecimento adquirido na equipe de cozinha (fotos 04 e 05, p. 133); decoração e floricultura pela prática na decoração da festa e do desfile da rainha; a abertura das casas para aluguel durante a festa como complemento de renda; as propriedades de agroturismo que recebem visitação e, porque não, a formação de profissionais liberais e administradores pela prática na gestão ou lideranç a de equipes da Festa. Além disso, ampliou a demanda por serviç os de hospedagem, alimentação, entretenimento e estimulou o surgimento de faculdades e outros serviç os.

A Festa também tem um papel de ser espelho para a criação de festas menores de produtos locais como a festa do café, da pizza, do socol, do tomate, que também se utilizam do voluntariado na organização e que geram renda para as comunidades que as realizam, possibilitando a realização de benfeitorias nos bairros e comunidades rurais que as realizam.

7.5 A Festa da Polenta e o vendanovense: Identidade coletiva, auto-estima e a relação com o “outro”.

A Festa da Polenta, por aglutinar as tradições resgatadas e inventadas e os valores locais como o trabalho, a cooperação e a solidariedade, representa a principal marca da identidade de Venda Nova. Os entrevistados resumiram sua importância e significado como a vitrine que exhibe a imagem da cidade e de seu povo. Inferimos, sobre esse papel de vitrine, que a festa reproduz nos seus três dias de duração o modelo de desenvolvimento e organização dessa sociedade. Seu significado e importância também foram descritos com outras nuances por alguns dos entrevistados:

É a síntese dessa cultura italiana que permaneceu. É o centro das atrações da italianidade da região. Pessoas que vieram de longe e se impressionam com as coisas feitas de maneira tão simples, mas que ao mesmo tempo abrangem o teor de festa da modernidade. (Entrevistado A, 82 anos)

Um segundo relato:

Festa da Polenta é para Venda Nova o grande instrumento de ligação, de juntar a comunidade, o voluntariado acho que é fundamental na formação de boa parte da comunidade, até pelas mudanças que o mundo teve nesses 30 anos da festa. (Entrevistado B, 44 anos)

As descrições acima reforçam valores de identidade cultural tradicionais que permanecem preservados na atualidade e traços como o voluntariado, apontado como mola propulsora e um dos diferenciais da Festa.

Essa identidade coletiva bem demarcada fortalece o sentimento e o desejo de pertença – base para o sentimento de segurança ontológica mencionada por Giddens – de fazer parte de uma cidade que tem identidade e valores positivos, que são admirados pelos “outros”, entendidos aqui como sujeitos externos à comunidade. Isso favorece o sentimento de elevada auto-estima do vendanovense, mesmo quando não mora na cidade:

O vendanovense que sai, que mora fora, geralmente se destaca nos grupos onde atua. Nas salas de aula, no trabalho, na igreja. Ele geralmente faz questão de dizer de onde é, e quando diz a maioria o reconhece como o “da terra da polenta”, e isso é motivo de grande orgulho. E geralmente faz propaganda da sua própria cidade, leva produtos, leva folders e acaba convidando sempre amigos pra Festa da Polenta. Num primeiro contato, isso pode até parecer presunção, mas com o tempo se percebe que é auto-estima elevada e que o vendanovense sempre espera ser reconhecido pelos “de fora” e não enaltecer seus próprios feitos ou a beleza e qualidade de vida da sua cidade. (Entrevistado G, 56 anos)

Essa diferenciação entre o “vendanovense” e o “outro” desperta, por um lado, um sentimento de distanciamento do “nativo” e, por outro, o desejo de pertença ao grupo nos “outros” que se identificam com os valores locais:

Quando cheguei encontrei um grupo fechado. Mas penso que quando você chega num lugar, tem que ler os valores de onde está. Eu era pescador de caranguejo e remador [...]. Os valores que eu trouxe não serviam de nada aqui. Muitos confundem essa postura com preconceito, mas acho que é preciso entender os valores e os limites locais e respeitá-los. Eu me identifiquei muito com o espírito solidário das pessoas daqui e aí me encaixei aqui, me adaptei às condições locais. Venda Nova é fechada pra quem quer vir e mexer no *statu quo*. Mas quem vem e se adapta não tem problema, é muito bem-vindo. E isso é natural em qualquer grupo humano. Quem se sente rejeitado aqui, se sentiria em qualquer lugar (Entrevistado H, 54 anos)

Percebemos que isso é recorrente e esse sentimento de pertença em Venda Nova passa por incorporar e aderir aos valores locais:

Eu acho que tive uma coisa que todo mundo deve ter: eu quando vim pra cá [há quase 50 anos], eu não trouxe costumes, eu aceitei os costumes. Eu não impunha a minha cultura. [...] Mas todo mundo aqui tinha assim, uma formação muito religiosa e bons costumes. Bons costumes. E eu fui me encaixando, fui me encaixando, observando e aprendendo, aprendendo... (Entrevistado C, 66 anos)

O aumento da população de não descendentes de imigrantes italianos é destacado aqui:

Aqui tem uma mistura de etnias, você vê que os descendentes de imigrantes não são mais maioria, isso é fácil de ver, anda na rua, olha pelos botecos da cidade, boteco é uma boa referência, você acha que o cara é viajante, mas mora aqui. (Entrevistado B, 44 anos)

Essa informação abriu caminho para o olhar sobre a relação com um “outro” diferente: aquele que chega e não incorpora os valores locais. Percebemos que um sentimento de distanciamento acontece em relação a esse “outro”. Existe um receio de que os valores se percam ou que uma lógica externa que não a local predomine sobre a cidade. Alguns manifestam esse sentimento sutilmente:

Venda nova foi dos índios. Depois dos portugueses. Foi dos italianos, ficou uma nata aqui na época, foi uns 50 anos assim, naturalmente. Agora mesclou. É um processo natural. Mas as pessoas aqui abriram espaço. [...] Acho que tem que ter um amor maior, pela terra, pelos costumes. [...] Essa região das montanhas do ES é impar no Brasil. Eu conheço o Brasil todo, mas não vi nada melhor não. Só que nós daqui estamos deixando escapar. O valor da nossa região, o povo ainda não valorizou o suficiente. Está se vendendo muita terra pra gente de fora. (Entrevistado C, 66 anos)

E outros, como o entrevistado B, transmitem essa preocupação de forma mais explícita, desabafando que “Venda Nova está virando quintal de gente de fora que compra chácaras e só vem nos fins de semana. Os moradores da cidade começam a ser empregados destes.”

7.6 Mudanças, seus impactos na sociedade local e possíveis caminhos para o futuro da festa

Quando analisamos Venda Nova e a Festa da Polenta no atual contexto globalizado, vemos que elas competem não só com festivais culturais, mas com destinos turísticos em todo o mundo, pois as distâncias são cada vez mais relativas.

A Festa, ao longo de seus 30 anos, já passou por momentos difíceis, transições e ameaças decorrentes de influências do contexto moderno, em que se pensava que a festa fosse acabar. Por exemplo, houve um momento da história da Festa no ano de 1988, quando se transferiu o cemitério do Centro para o bairro Providência e houve alguns vândalos de fora da comunidade que violaram e saquearam túmulos e levaram para a festa ossos humanos. Foi um

episódio muito chocante para a comunidade. Nesse momento chegou-se até a questionar a continuidade da Festa, porque atraía pessoas de fora, muitas delas indesejáveis. E também se discutiram as mudanças que aconteciam no cenário global e a organização se adaptou ao contexto:

Mas também se discutiu que esse era o mundo que a gente tava enfrentando, cheio de transformações, e que não dava pra colocar uma redoma de vidro em volta de Venda Nova e da festa e depois ter que mandar seu filho estudar fora e conviver com esse tipo de gente que freqüentava Venda Nova. A gente tinha era que se preparar pra isso. (Entrevistado B, 44 anos)

Outra mudança que gerou apreensão foi o deslocamento da festa do Colégio Salesiano para o Centro de Eventos, em 1995:

Houve insegurança pelo fato de o espaço ser muito grande. Muita gente achava que podia dar errado, que o pessoal tava acostumado aqui [no colégio] e que era mais aconchegante, mas não tem jeito... acho que toda inovação, cada mudança causa uma certa apreensão, será que vai dar certo? Achavam o espaço muito aberto, muito amplo, não vai ter aquele aconchego, né? Mas acabou dando tanta gente que encheu aquilo também e ficou do mesmo jeito do aqui. (Entrevistado D, 57 anos)

Essas mudanças, inseguranças e dificuldades foram ultrapassadas com avaliação e reposicionamento, hora com adaptações, hora com grandes saltos qualitativos como a mudança do local da festa e a criação da AFEPOL. Porém, essas mudanças não comprometeram a essência da festa, ao contrário, foram fundamentais para sua continuidade. Os novos desafios que os dias atuais impõem devem ser, da mesma forma, encarados e superados. Esta é a prova de fogo por que passam as tradições: seu teste diante da reflexividade, avaliando se elas permanecem tendo sentido no contexto atual e se devem, portanto ser mantidas, reinventadas ou eliminadas. Todos os entrevistados tinham muito claro a visão desse objetivo:

A festa é pra Venda Nova um baita ícone que tem que ser preservado, eu até acho que pra ela se sustentar e se manter, ela tem que ter esse "plus" aí sim, mas sempre aliado às tradições. Não precisa ter trio elétrico, banda grande, nada disso, ela precisa ter esse diferencial. O que as pessoas procuram aqui? Queijo, todo lugar tem queijo. Polenta, também pode ter. O que eles procuram aqui é história, esse é o produto. Nos dias da festa é que se tem oportunidade

de se contar isso. Então tem que receber melhor o turista, sentar, bater papo, ter isso preparado, na festa, nas propriedades. (Entrevistado B, 44 anos)

Nesse contexto, as preocupações locais giram em torno da continuidade e manutenção da identidade cultural e das tradições. Pelos relatos dos entrevistados, as atenções sobre a manutenção dessa identidade concentram-se em três aspectos: a *profissionalização* da Festa, a continuidade do *voluntariado* na organização e a existência de *lideranças* comprometidas com as tradições.

No item *profissionalização*, há entrevistados que acham que a festa deve continuar evoluindo no sentido de melhorar no salto que já foi dado, resgatar e inventar outras tradições, como o Tombo da Polenta (fotos 01 a 03, p. 131 e 132), organizar melhor a estrutura, capacitar o voluntariado, etc. Há outros que defendem que a festa precisa de um novo salto, um novo patamar, algo mais radical, como a expansão do calendário anual com a realização de “mini festas da polenta” ao longo do ano, porém com mão de obra remunerada, a fim de impulsionar a economia local e gerar renda, sem que isso altere o formato original da Festa da Polenta em outubro – que deve se manter com voluntariado, que é um de seus pilares.

Essa ideia de estender a imagem da Festa da Polenta a outros eventos ao longo do ano é justificada por um dos entrevistados pelo fato de a cidade estar numa região montanhosa, com poucos recursos hídricos, portanto sem possibilidade de investimentos no setor industrial. Assim, o setor de serviços figura como a grande vocação local, onde o turismo desponta como destaque e a Festa da Polenta ganha ainda mais importância como vitrine da cidade e como geradora de oportunidades de trabalho e renda. Dois outros entrevistados concordam com essa visão.

Percebemos que a Festa da Polenta funciona dentro de uma lógica de igualdade. Busca-se não oferecer privilégios para autoridades ou

patrocinadores, uma vez que a causa filantrópica e o voluntariado dão essa tônica:

Se a pessoa é voluntária, autoridade ou patrocinador, ele não precisa ter mérito. Está fazendo pela causa. Não tem vantagens. E o que em muitos lugares atrapalha é isso. [...]. Igualando, o fruto é mais positivo. O povo de Venda Nova não puxa saco. Quer ter, é porque tem mérito. Não fez, não fez. [...] Não existe tratamento diferenciado na Festa [da Polenta]. Não tem essa de camarote vip, não tem essa estória de não enfrentar fila para pegar prato. Autoridades, patrocinadores, todo mundo tem tratamento igual e isso é a essência da festa. (Entrevistado E, 51 anos)

Porém, na linha de explorar o diferencial local das tradições e da cultura, outra ideia relatada por um dos entrevistados é de que o poder público municipal capitaneie ações para transformar a Festa da Polenta “num grande produto de amplitude nacional”. Sugestões como o prolongamento da duração da festa para 15 dias, a exemplo do Festival de Gramado ou a Oktoberfest para diluir o público e melhorar o atendimento; uma estrutura profissional que privilegie espaços restritos, camarote VIP e tratamento diferenciado aos patrocinadores, uma lógica diferente da lógica da igualdade da atual festa:

Eu acho que agora é um outro momento em que a Festa da Polenta, o Centro de Eventos, tem que passar por uma grande avaliação, com a comunidade, os voluntários e também o poder público, porque a festa é de utilidade pública. Não é desapropriar a festa, mas ela deve ser tratada com muito carinho, porque tem produtos ligados a ela o ano inteiro e é uma marca de Venda Nova. [...]. Pode-se fazer um elo com o poder público e avaliar melhores formas de conduzir. Os antigos vêem isso com muita restrição nesse momento. Talvez seja necessário uma grande liderança na festa e uma liderança política pra mudar certas coisas para manter a festa e preservar a cultura e as tradições. A gente não pode confundir tradição e cultura com atraso. (Entrevistado B, 44 anos)

A maior participação do poder público, porém, mostra-se complexa, pois a imparcialidade política e a independência do poder público são algumas das características mais valorizadas pela AFEPOL, segundo relatos dos entrevistados.

Há preocupação com a formação de novas *lideranças* e com a continuidade do *voluntariado*, pois, apesar das adesões de jovens, as novas safras de

voluntários não são muito volumosas e, por fim, a festa acaba sendo realizada quase sempre pelas mesmas pessoas, que também envelhecem.

Nesse exercício de futuro, o entrevistado segue fazendo um comparativo com outras festas culturais italianas e alemãs no Estado para projetar a permanência da Festa no tempo, ressaltando o papel das lideranças e do voluntariado:

Quanto ao futuro eu acho que [a *Festa da Polenta*] vai continuar, porque são poucas as festas tradicionais mesmo, tem a festa dos alemães em Santa Maria de Jetibá, a festa do Colono, que é grande, em Santa Tereza. Domingos Martins tem a *Sommerfest*, mas fora isso não se tem muita festa pra manter a cultura. Eles tentam emplacar, mas é difícil. Então ela deve ir bastante tempo ainda, nesse nível que vem acontecendo, mas depende de uma diretoria criativa e da boa vontade das pessoas. (Entrevistado D, 57 anos)

Todos os entrevistados mencionaram que a profissionalização é fundamental para a continuidade da festa. Porém, divergem sobre o nível dessa profissionalização e, principalmente, que aspectos devem ser profissionalizados. Uma linha, mais ousada, vê na estrutura de camarotes uma forma de atrair patrocinadores, um público diferenciado e assim garantir a sustentabilidade do evento sem perder as características culturais. Já os mais conservadores acham que não se deve abrir mão do voluntariado e da igualdade no tratamento do público e patrocinadores, pois acabaria com seu diferencial, transformando-a numa *commoditie*.

O diferencial da festa ainda é você fazer uma festa extremamente familiar, onde você vê as pessoas trazendo a família, sabendo que não vai ter confusão, e as pessoas que vem, de todos os lugares que vem, tem um nível cultural acima da média das outras festas, Nem se compara o nível das pessoas com a festa do peão, por exemplo. E isso é o diferencial da festa. As pessoas que vem de fora são pessoas que gostam da cultura, que estão ligadas à cultura, onde você pode também conversar e bater papo e não só ouvir barulho. Tem muitas pessoas idosas que não tem espaço em outro tipo de festa. Pessoas que têm criança também. (Entrevistado E, 51 anos)

No aspecto da continuidade, preocupam as lideranças e o voluntariado. Os entrevistados atentam para o fato de que as lideranças são sempre as mesmas e formadas em sua maioria por uma geração entre 40 a 60 anos, que já estão

há 20 ou 30 anos à frente da organização e não é em todas as famílias que esse hábito passa “de pai para filho”. Muitos jovens saem para estudar e estabelecem outras prioridades em suas vidas.

Outro ponto importante é que a maioria dos voluntários que se disponibilizam quer “ser índio e não cacique”, ou seja, trabalhar somente nos três dias da Festa e não na sua organização, que demanda também disponibilidade prévia. As funções de diretoria ou coordenação de equipes demandam responsabilidades, maior comprometimento e disponibilidade de tempo e o próprio ramo de atividade onde os sujeitos atuam acaba determinando essa falta de disponibilidade:

Também as pessoas não têm disponibilidade, tempo para dedicação... você acaba perdendo muito tempo. Porque o profissional liberal, o autônomo, ele pode sair do trabalho dele, mas quem é empregado fica muito mais complicado. [...] Aí nas equipes, as lideranças, a maioria são pessoas autônomas, né, porque tem o trabalho dele e pode sair, senão fica complicado. (Entrevistado C, 66 anos)

Nessa ótica, a lógica da acumulação vai contra o voluntariado. Mas isso não é impeditivo, segundo um dos entrevistados, para se preservar a cultura, desde que a releitura faça sentido no presente:

Como é que eu vou convencer que um cara tem que ficar 3 dias longe da família e das coisas dele trabalhando pra festa? Não tem lógica isso, tá cada vez mais difícil ter gente que se compromete mais do que aqueles 3 dias da festa e olhe lá. As pessoas têm que ganhar com isso pra poder participar, realizar. Tem que ter essa adaptação pros novos tempos. Sair daquela forma romântica e encarando a lógica do mercado, se profissionalizando. E aí se preservam a cultura e as tradições, inclusive o voluntariado, mas mais focado nas atividades essenciais. (Entrevistado B, 44 anos)

A preocupação com o voluntariado é tamanha que há outras iniciativas de envolvimento de crianças e jovens no trabalho voluntário da Festa, objetivando a continuidade desses valores:

O grande propulsor da festa é o voluntário. O voluntário trabalha por prazer. [...] esse é o grande diferencial. Pessoas de todos os níveis, de todas as classes, fazendo um serviço que todo mundo acharia que seria simples e menor, mas

eles tão criando esse espírito, essa consciência de participação também com as crianças e adolescentes para trabalhar na limpeza, acho que foi uma grande ideia pros valores.(Entrevistado D, 57 anos)

Mas ainda assim a continuidade desses valores encontra-se ameaçada e um dos entrevistados enfatiza a importância do processo de adaptação das tradições ao contexto atual para sua preservação:

Fico feliz quando vejo gente jovem se envolvendo com voluntariado, com o grupo de dança ou nas voluntárias do hospital. No meio dessa realidade diferente cheia de opções, há os filhos dos que estão engajados que seguem esse movimento. Se você não der uma nova roupagem à cultura daqui, os jovens vão se envolver com o funk ou outros tipos de coisas, que estão na mídia, na “balada”. Não é juízo de valor com o funk nem nada, apenas a constatação de que se não se reinventar, a Polenta e as tradições vão se perder, ficar sem sentido, sem adesão. Com uma adaptação ao novo, ela pode ser preservada. (Entrevistado B, 44 anos)

Já outros aspectos tradicionais encontram ainda mais dificuldade, como a Missa das Dez:

Eu tenho um certo receio de quando se for essa geração que mantém as tradições, como a cantarola italiana, que tem quase todo domingo na Missa das Dez, essa geração indo, acho que não vai ter continuidade não. Eu não vejo substitutos para essa gente aí. [...] Isso daí é muito difícil pra você passar pras pessoas novas. [...] Isso se perdeu em todas as cidades, só existe aqui em Venda Nova, então é uma coisa que acontece naturalmente, com esse aumento de população de gente que não vem de origem italiana, né, você vai perdendo esses valores e é difícil conseguir manter isso. (Entrevistado D, 57 anos)

Um outro entrevistado comenta a renovação dos voluntários, mas destaca como negativa a entrada de valores modernos, ressaltando a característica tradicional dos vínculos de família que ainda persistem enquanto característica social:

Existiu esse ano [2008] uma rotatividade de voluntários e um ingresso de gente nova. É bom, é sim, mas desde que esse pessoal que entrou tenha um pouco de ideias antigas, porque se vem com ideias modernas e descarta o antigo, senão muda totalmente. Numa empresa moderna, mudar é bom, mas numa festa tradicional, a mudança pode resultar na desistência de muitas pessoas e famílias que sempre participaram. Aqui se trabalha muito por parentesco, por família. E aqui se tem a grande família, tio, cunhado, concunhado, primo, e tem

que ter muito jeito com os melindres, de relacionamento. (Entrevistado E, 51 anos)

Os aspectos instrumentais da profissionalização também são ressaltados nessas três falas:

Acho que agora tem que dar um novo salto, especialmente na profissionalização das equipes. Estruturá-las, planejar melhor suas atividades, que cada uma dimensione recursos e produtos. A festa é organizada por voluntários, mas não quer dizer que precisa ser desorganizada. Temos que lançar mão do planejamento estratégico, [*o entrevistado está lendo um livro sobre planejamento estratégico*] não dá mais pra ficar apagando incêndio. (Entrevistado H, 54 anos)

Eu acho que se conseguir a festa daqui pra frente nesse patamar, onde venham as pessoas que gostem realmente da cultura italiana, seria bom. Alguma coisa tem que inovar, senão as pessoas acabam cansando, de sempre a mesma coisa. Então é um desafio. Eu não arrisco muito a dizer se daqui a 15 anos a festa vai estar nesse pique. [...] A gente fica apreensivo: será que vai continuar? (Entrevistado D, 57 anos)

Porque muita gente achava que a festa ia acabar logo, mas ela continua com algumas coisas novas, por exemplo esse panelão gigante com o Tombo da Polenta, é o diferencial da festa. [...] essas novidades, que tem que tentar sempre buscar uma coisa nova pra não ter aquele que diz que já viu tudo. Essas coisas têm que ir se adequando aos tempos, afinal qualquer boteco passa cartão hoje. (Entrevistado D, 57 anos)

Em suma, pelos relatos, percebemos que existe uma preocupação constante com a permanência da identidade cultural e dos valores tradicionais ligados à imigração italiana. Uma complexa tentativa de equilíbrio entre o resgate, adaptação e resignificação das tradições de um lado, e a inovação para se conectar às novas gerações de outro, sendo que é ponto pacífico que ambos são fundamentais para a continuidade da Festa da Polenta em particular, e para o sucesso da cidade de Venda Nova enquanto produto turístico no geral.

8 UMA ITÁLIA QUE NÃO EXISTE NA ITÁLIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a trajetória de resgate e reinvenção das tradições pelas gerações de descendentes de imigrantes produziu em Venda Nova “Uma Itália que não existe na Itália”:

Os italianos lá da nossa região do Vêneto que vem visitar Venda Nova dizem “nossa parece que a gente está na casa da vovó aqui”. E dizem que veem costumes e coisas que eles já abandonaram e que aqui se conserva. O próprio dialeto vênето é um dialeto que não tem assim, regras pra escrever, não é uma língua oficial, então certos termos desaparecem. Porque entra o italiano, que é uma língua mais rica em vocabulário e os termos antigos da linguagem materna [*o dialeto vênето*] vão desaparecendo. Então eu estava conversando com esses italianos, [...] e eu tava falando italiano, vi que eles conversavam o dialeto e comecei a falar também. Aí um deles chamou os companheiros e falou “escuta como ele tá falando, como nós falávamos antigamente!” (entrevistado A, 82 anos)

Uma cidade que, ao mesmo tempo em que se auto-identifica com a pátria-mãe Itália, mostra-se com características autênticas locais, como sugere a fala seguinte:

O nome de Venda Nova é fortemente ligado à cultura Italiana. Mas hoje Venda Nova não tem mais a cultura italiana. Tem a cultura de Venda Nova. E com isso as pessoas que vieram de fora, não descendentes de italianos [...] eles acabaram abraçando Venda Nova. E a Festa [*da Polenta*] resgatou de fato isso. (Entrevistado E, 51 anos)

Concordamos que a cultura de Venda Nova tem personalidade própria. Ao manter características da época da imigração adaptados ao contexto local, o município reproduz costumes atualmente inexistentes na Itália. É, portanto, “*uma Itália que não existe na Itália*”, que não traduz suas características atuais e nem corresponde ao que esses imigrantes seriam se continuassem a viver lá, seja pela separação espaço-temporal entre elas, ou pelo contexto sócio-histórico e influências diferentes que ambas tiveram nestes mais de 110 anos de trajetória construída, desde 1891, quando da chegada dos primeiros imigrantes a Venda Nova.

Uma “Itália” que só existe ali, em Venda Nova do Imigrante, e que pretende ter seus valores preservados – adaptados e resignificados – uma vez que os enxerga não só como aspecto identitário cultural e social, mas também como produto turístico.

Trazendo a reflexão para a Festa da Polenta, tida como a maior e mais visível manifestação da cultura e das tradições em Venda Nova, temos que ela congrega dentro de si uma gama de tradições, autênticas ou inventadas, que lhe dão corpo e sustentação. Ela carrega em si a representação materializada de pilares nos quais se organiza e se estrutura a sociedade vendanovense: o trabalho, a confiança, a cooperação, a solidariedade e os laços de família e religiosidade. Através dela, consegue-se, além de perpetuar os valores que dão sentido, coesão e identidade àquela sociedade, disseminar seu *modus operandi* de continuar a tradição, de forma que alguns membros da comunidade incorporaram esse mecanismo e o aperfeiçoaram, agregando outros elementos, que encontram sentido na lógica do turismo. É o caso dos rituais do plantio (fotos 19 e 20, p. 140) e colheita do milho, da Serenata Italiana (foto 29, p. 144), e outros.

O grande divisor de águas da Festa foi a fase de profissionalização, quando ela deixou de ser focada na comunidade e passou a ser direcionada para os turistas. Esse marco reflete a mudança do contexto tradicional para o moderno e é personificada na transição da atuação do guardião para a do(s) especialista(s).

Quando observamos o histórico da festa desde sua fundação percebemos a sua importância na perpetuação do voluntariado como marca de Venda Nova. Assim, temos que o modelo de organização da festa é fruto de um modelo social determinado. Mas, ao mesmo tempo, influencia este mesmo modelo social, à medida em que insere nele inovações e adaptações por conta das mudanças que ocorrem em nível local e global. Exemplo disso é a vocação turística de Venda Nova. O agroturismo nasce da projeção dos produtos

caseiros levados pelos estudantes às suas repúblicas e encontra na Festa da Polenta sua principal vitrine. Nesse contexto de oportunidades de mercado através do turismo, a própria festa “se reflete”, mudando seu foco de “*festa-commoditie*” com grandes atrações nacionais, para um espetáculo cultural resgatando as tradições mais simples do cotidiano dos imigrantes italianos. Vemos aqui a presença do elemento reflexividade mencionado por Giddens.

Percebemos também que novos desafios se impõem sobre a Festa e que o exercício da reflexividade deve ser uma constante para que a festa se mantenha no contexto de mudanças do mundo globalizado. Desse exercício nascem o resgate, as resignificações e invenções das tradições e também as inovações. E, nessa mudança de rumos, ela influencia toda a comunidade, estimulando sua inserção na lógica da acumulação e nas oportunidades de negócio proporcionadas pelo turismo. Além disso, ela estimula a participação dos proprietários rurais nas propriedades de agroturismo, dos moradores como voluntários – “os grandes artistas da festa” – do comércio e dos moradores como receptores do turista e como empreendedores em novos negócios.

A Festa da Polenta é, por sua organização, uma escola de empreendedores. Novos negócios surgiram capitaneados por pessoas que adquiriram *know how* em serviços de eventos na Festa. O exercício e o aprendizado proporcionados ali foram encorajadores para a nova atividade econômica da família. Como exemplos, podemos citar serviços de Buffet montados por voluntários da cozinha, de decoração e ornamentação por voluntários da decoração do desfile da rainha. Também entre essas oportunidades geradas pela visibilidade da festa, outros fizeram da polenta um carro-chefe dos produtos da propriedade e hoje fornecem a polenta preparada e congelada para restaurantes e supermercados na Grande Vitória. O que se inova e realiza na Festa da Polenta vira referência em qualidade de serviços, gerando novas demandas e posteriormente elevando o nível de exigência dos habitantes com relação à qualidade da prestação de serviços pelas empresas locais. Isso fica evidente

quando comparamos com municípios vizinhos, em que as pessoas recorrem a serviços oferecidos em Venda Nova por não encontrá-los em suas cidades.

A Festa da Polenta é ainda modelo para outras festas e o modelo de funcionamento da AFEPOL é referência em gestão do Terceiro Setor em Venda Nova e fora dela, tanto que alguns presidentes são chamados para dar palestras sobre essa organização em outras cidades.

A cultura do trabalho é um forte aspecto das cidades originárias da imigração italiana no Espírito Santo e assim também é em Venda Nova. As festas e a diversão envolvem, em sua maioria, o trabalho coletivo e voluntário – desde o grupo de teatro e o coral, até as festas. As pessoas se divertem trabalhando nas festas. O próprio agroturismo nada mais é que utilizar o trabalho na propriedade como atrativo turístico, o que compromete inclusive o tempo de lazer das famílias (sábados, domingos e feriados) com o trabalho.

Observando a cidade, acreditamos que essa cultura do trabalho tenha influenciado sua configuração: na cidade não há uma praça onde os moradores possam ter um momento de ócio e interação, pois isso muitas vezes é visto como hábito de preguiçosos e “vagabundos”, como foi relatado em entrevistas. Os espaços públicos de lazer são os campos de futebol e *boccias* e o clube recreativo. A interação social acontece em sua maioria, nos espaços de atividades comunitárias da igreja e associações diversas, ligadas, portanto, aos valores de religiosidade e trabalho, ou então em espaços privados das residências. Entendemos que a estruturação da sociedade baseada nos laços de família, na religiosidade e na cultura do trabalho influencia diretamente essa configuração espacial da cidade.

Mesmo no contexto globalizado, onde as noções de individualismo e fragmentação da modernidade se destacam, percebe-se em Venda Nova uma tendência para a manutenção da igualdade, pelo menos quando o assunto é trabalho voluntário. O trabalho braçal na Festa da Polenta não é visto como

indigno e restrito a pessoas de classe social inferior, como é no cotidiano das organizações e propriedades rurais. No contexto da Festa, bem como das inúmeras atividades voluntárias existentes no município, o sentido do trabalho está não na funcionalidade pura e simples, mas na continuidade de uma prática dos antepassados, de forma voluntária, por um objetivo coletivo, denotando nobreza na atitude e nos resultados. Podemos observar, assim, empresários, profissionais liberais e altos funcionários do poder público municipal engajados em serviços voluntários como limpeza, cozinha, bar e montagem da estrutura física da festa.

O voluntariado torna-se, assim, espaço de igualdade e coesão em torno de um objetivo comum, que se repete ao longo do ano em diversas atividades, aproximando diferentes níveis sociais dentro da comunidade. Como isso ocorre em diferentes contextos – econômico e social – e durante todo o ano, repetindo-se ritualmente ao longo dos anos, cria-se nesses espaços, apesar das diferenças, uma atmosfera de igualdade e identidade coletiva acima das ambições e desempenho individuais e familiares.

É importante destacar que os “rituais” e estruturas solidárias de organização social não ocorrem de forma repetitiva e sem questionamento como os hábitos ou relíquias caracterizados por Giddens. Todos sabem que, quando plantam o milho com os trajes típicos de seus antepassados, estão intencionalmente fazendo-o como uma dramatização, ou seja, o sentido foi deslocado da funcionalidade primeira (a do plantio pura e simplesmente para a obtenção do milho) para o ritual teatral do plantio (fotos 19 e 20, p. 140) como referência a uma tradição. Isso é feito como forma de perpetuar o sentimento de pertença e de solidariedade que são superiores aos seus sentimentos individuais e também porque faz parte da representação teatral de uma experiência turística a ser vivenciada. É, portanto, uma opção de estilo de vida. Em outras palavras, observamos a influência da lógica do mercado na permanência e a *funcionalidade* dos valores tradicionais. Ela alterou o sentido das tradições que, perdendo sua funcionalidade primeira, não passaram a ser apenas hábitos e

reíquias, mas têm uma nova função ao serem celebrados, lembrados e representados teatralmente em ambientes específicos no calendário anual da Festa da Polenta.

Os elementos: família/comunidade, igreja/religiosidade e trabalho/cooperação são fortes pilares do modelo de desenvolvimento da comunidade de Venda Nova. Esses mesmos elementos, disseminados não mais num contexto tradicional, mas no contexto globalizado transformam a percepção destes, não mais somente como valores “morais e sociais” intrínsecos que identificam essa sociedade, mas como identidade cultural a ser mantida, preservada, perpetuada por seu valor turístico, sem que isso seja visto como negativo. A filosofia de tornar o vendanovense o astro da festa, a exaltação do voluntariado e a intenção de a cidade abraçar a festa o ano todo com o calendário de eventos aglutinados ilustram esse comportamento.

Retomando as reflexões de Giddens sobre tradição, vemos que ela é uma orientação para o passado, onde esse *é constituído para* ter uma pesada influência sobre o presente. Mas também diz respeito ao futuro, pois as práticas estabelecidas são utilizadas como forma de organizar o futuro. O futuro é modelado sem que se tenha necessidade de esculpi-lo como território separado. No caso de Venda Nova, um primeiro olhar nos conduz a ver a tradição sob sua ótica funcional, protegendo a sociedade contra a fragmentação, insegurança e individualismo da modernidade, onde existe uma coesão social baseada numa identidade coletiva. Venda Nova, por manter sua identidade atrelada às tradições dos imigrantes italianos que a fundaram, perpetua o “referencial protetor da pequena comunidade e da tradição” mencionados por Giddens, oferecendo sentido de segurança ontológica que, aliado ao sentido de coletividade e preocupação com o bem comum, oferecem àquela sociedade uma base de “cola social” fundamental para uma configuração social tradicional que se sustenta no contexto da modernidade.

Porém, um olhar atento aos fatos do cotidiano nos mostra que a tradição figura entre as opções que podem ser escolhidas pelos sujeitos. Algo além da funcionalidade de coesão social; um estilo de vida que, inserido na lógica globalizante, proporciona também a inserção no mercado através do turismo.

A Festa da Polenta também se destaca como uma escola de líderes, especialmente para os jovens. Seu modelo de organização participativa, além de ressaltar e manter os rumos da festa através do controle social, dissemina seu *modus operandi*, de forma que a sua postura inovadora e ao mesmo tempo preservadora dos valores sociais e das marcas identitárias são imitados e perpetuados pelos dirigentes e demais líderes comunitários. Em outras palavras, faz parte do “ser vendanovense” esse jeito de “innovar preservando”.

Quando observamos aspectos tradicionais como a Serenata Italiana (foto 29, p. 144), ou o plantio (fotos 19 e 20, p. 140) e a colheita do milho para a Festa da Polenta, vemos não uma repetição do passado, mas sim uma *reinvenção*, tanto para que ela tenha sentido e adesão no presente, como para que mantenha essa conexão com o passado, uma vez que nessa releitura se transmite uma nova visão sobre os elementos do “antigo”. Por exemplo, as limitações, sentimentos de privação e sofrimentos por que passaram os imigrantes são apresentadas – e representadas – agora como momentos alegres durante o plantio, colheita e a serenata. Não é possível reviver o passado da mesma maneira, com os olhos – e a mentalidade da experiência vivida – do contexto atual. Seria um exercício de anacronismo.

Ao analisarmos a atuação de Padre Cleto Caliman como guardião da tradição, vemos que sua ação de conexão entre passado e futuro – pela interpretação dos códigos de ligação – perde o sentido quando o objetivo da Festa da Polenta muda de uma confraternização das famílias locais para uma festa para turistas. Esse momento coexiste com o local absorvendo as mudanças no contexto global, onde o “conhecimento” prevalece sobre a “sabedoria”. O momento da mudança da Festa para o Centro de Eventos e da criação da

AFEPOL, motivados pela explosão da festa em função da divulgação em mídia nacional, refletem o momento da transição entre a atuação do guardião e do especialista. Nos conceitos de Giddens, uma vez desnecessária a interpretação por parte do guardião, forma-se aí o cenário de atuação do(s) especialista(s), que, no caso, são os presidentes, dirigentes e lideranças à frente da organização da Festa da Polenta.

Em outras palavras, os “códigos” da verdade formular já foram desvendados e a única conexão com o passado está no sentido de repetir o que é tradicional como elemento de identidade cultural, que é ponto de coesão social, auto-estima e principal atrativo turístico.

A partir daí, o trabalho é resgatar da memória coletiva o que são tradições e mantê-las. Mantê-las no sentido de representá-las com o cuidado de preservar o possível, de forma agradável – e profissional – para atrair o turista, o que significa reinventá-las. O turista, em contrapartida, oferece à Festa e ao “vendanovense típico” sua admiração e o reconhecimento do valor do que presenciou, e isso retroalimenta a sua auto-estima e o desejo de manter essa identidade cultural.

Quando analisamos as atuações dos presidentes e dirigentes à frente da organização da Festa, elas refletem as características de um especialista: as gestões se seguem por períodos de 2 anos, de acordo com o estatuto da AFEPOL; na escolha do novo gestor (eleição), é levado em conta o que a assembleia avalia que precisa ser executado e quem tem perfil para realizá-lo; cada presidente busca deixar sua marca a cada gestão, de acordo com seu perfil, seus conhecimentos ou seguindo o que é determinado na assembleia de avaliação; e, por fim, o conhecimento acumulado na sua experiência como gestor pode ser transferido para outros contextos, servindo inclusive de bagagem para outras atuações, na comunidade ou fora dela. Uma atuação bem diferenciada da do guardião e condizente com o contexto atual de profissionalização da Festa.

Analisando os rituais e tradições locais, percebemos que os processos de resgate, adaptação às mudanças e resignificações por que passaram ao longo do tempo foram influenciados pelas mudanças no contexto social e econômico da cidade, por sua vez inserida na conjuntura global. Mas também essa profusão e reincidência de tradições reinventadas instiga e influencia a população da cidade a continuar essa perpetuação, numa espécie de círculo virtuoso da manutenção da identidade local, no que entendemos que seja o jeito do vendanovense de “*innovar preservando*”.

Essa perspectiva de “*innovar preservando*” nos parece central para o entendimento das tradições nessa comunidade. Ele pode ser atribuído ao exemplo de conduta inovadora e preservadora deixado por Padre Cleto, como também ao formato de discussão e reflexividade social local, que possibilita ao grupo se repensar enquanto sociedade produtora de valores e enquanto responsável por sua sustentabilidade.

Essa pauta é também constante na agenda da Festa da Polenta, onde o que se busca é o equilíbrio entre inovar para ter ligação, adesão e continuidade nas novas gerações, e ao mesmo tempo sem perder as características que lhe conferem a identidade cultural. Sob essa ótica, o que a princípio parece paradoxal, ganha ares de confluência pela noção de continuidade. É ela que norteia esse equilíbrio, como se a medida de adesão ou dissidência do estilo tradicional – medidos na Festa pela participação voluntária e renovação de lideranças – fosse o termômetro das ações tomadas pela diretoria e pelo grupo. Em suma, a tradição precisa da inovação para ter continuidade.

A pergunta sobre até onde vai a manutenção das tradições em Venda Nova pode ser respondida da seguinte forma: ela depende da articulação e longevidade dos elementos da tradição expostos acima, especialmente da ação dos especialistas na perpetuação e reinvenção das tradições no sentido

de coesão social e identidade cultural na atualidade, mantendo a perspectiva do “*innovar preservando*”.

Por fim, deixamos registrada como sugestão para novos estudos focados na análise das tradições em Venda Nova e, em especial, nesta linha de festas populares, a Festa do Galo Caipira, que não foi explorada neste estudo. A Festa do Galo Caipira é um evento que também mistura celebração religiosa e festa profana, inventada recentemente, em 2003, incorporando curiosamente à tradicional cultura dos imigrantes italianos, elementos do universo caipira brasileiro como a moda de viola e que já vem ganhando dimensão, como alguns entrevistados mencionaram, de “segunda Festa da Polenta”, por sua característica agregadora e pelo diferencial de sua programação, de forte apelo como produto turístico. No contexto de tradição inventada, a festa chama a atenção, pois vem se consolidando como uma tradição anual na comunidade, valorizando a criação do galo caipira, ainda comum nas áreas rurais do município, porém introduzindo à tradicional cultura dos imigrantes italianos outros elementos ao sabor do “caipira brasileiro”. A importância desta festa como aspecto relevante do cenário das tradições em Venda Nova se intensifica e estimula a necessidade de pesquisas complementares.

9 REFERÊNCIAS

BANCK, Geert: Estratégias de sobrevivência de duas comunidades ítalo-capixabas. In: **Estudos em homenagem a Ceciliano Abel de Almeida**, p. 65-84, Vitória, 1978.

_____. **Dilemas e símbolos: Estudos sobre a cultura política do Espírito Santo**. Vitória, 1998

CALIMAN, Cleto. **La Mèrica Che Avemo Fato: a Família Caliman no Espírito Santo**. Vitória, 2002.

CAMILETI, Giovana Gava. **Modernidade e tradição esculpidas no barro: uma reflexão da Associação Paneleiras de Goiabeiras**. Dissertação de Mestrado. Vitória, 2007.

CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira. **O Novo Arrabalde: aspectos da formação urbana de Vitória**. 1985. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, 1985.

COLBARI, Antonia. **Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira**. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.

Da Tapera rumo ao Centro. **Caderno Especial Festa da Polenta**, 2008, p. 05

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990

DOMINGUES, José Maurício et. al, **Entrevista com Antony Giddens**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, No. 16, 1992. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/179.pdf> . Acesso em 22/07/08

Editorial: Quase 115 anos de imigração – do plantio à colheita, os rituais perpetuam a cultura de Venda Nova. **Caderno Especial Festa da Polenta**, 2005, p. 02

ESPÍRITO SANTO, Arquivo Público Estadual (Projeto Imigrantes) – Disponível em <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/historico.html>. Acesso em 10/07/08

GIDDENS, Anthony. **Em Defesa da Sociologia: ensaios, interpretações e tréplicas**. São Paulo, 2001.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro, 2002.

Lei Seca na Igreja: bebidas estão proibidas em festas religiosas. **Site da Rádio FMZ**. Disponível em http://www.radiofmz.com.br/noticias.php?id=2002&id_assunto= acesso em 12/03/09.

O choque no contato do dialeto com a língua portuguesa. **Caderno Especial Festa da Polenta**, 2008, p. 04

O colégio Salesiano e a Festa da Polenta. **Caderno Especial Festa da Polenta**, 2008, p. 08

O trabalho como matriz de uma identidade cultural. **Resumo do grupo de trabalho sobre Identidade Capixaba na 21ª. Reunião da Associação Brasileira de Antropologia**, 1998. Disponível em [http://www.ufes.br/~cisoufes/gts/gt21 .htm](http://www.ufes.br/~cisoufes/gts/gt21.htm). Acesso em 15/07/07

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 2ª. Edição. Fundação Cultural: Vitória, 1975

Padre Cleto, um homem que amava o amor. **Caderno Especial Festa da Polenta**, 2007, p. 09

PANDOLFI, R. e VASCONCELLOS, J. G. M. **Organizações Familiares, Cultura Italiana e Desenvolvimento Local: um estudo do caso do Espírito Santo**. In: Encontro Nacional de Pós graduação em Administração, Anais eletrônicos. Salvador, 2005.

POLLINI, Gabrielle. Italianos e alemães no sul do Brasil: as características principais do fenômeno imigratório e os objetivos da investigação. *In: **Cultura e desenvolvimento: Uma investigação sociológica sobre os imigrantes italianos e alemães no sul do Brasil.*** Est: Porto Alegre, 2005.

ROCHA, Silvia Pimenta Veloso. **O homem sem qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural.** In: Comunicação, mídia e Consumo. Vol 2 No. 3 P.111-122. São Paulo, 2005.

Salesiano, um divisor de águas na educação de Venda Nova. **Caderno Especial Festa da Polenta**, 2008, p. 05

SAUL, Renato P. **Giddens: da ontologia social ao programa político, sem retorno.** Universidade de Brasília, <http://aprender.unb.br/mod/resource/view.php?id=21850>. (Extraído do Google, 13/04/06 - pequenas alterações de edição). Acesso em 15/07/08

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normatização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos: guia para alunos, professores e pesquisadores da UFES.** Vitória, 2005.

VASCONCELLOS, João Gualberto Moreira. **A Invenção do Coronel.** Edufes: Vitória, 1995.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração.** Rio de Janeiro, 2006

ZANDONADI, Máximo. **Venda Nova, um capítulo da Imigração Italiana.** São Paulo, 1980

_____. **A Igreja na História de Venda Nova.** São Paulo, 1984.

_____. **Reminiscências de um século (1998-1989): fatos e contos de uma imigração italiana.** São Paulo, 1987.

TABELA 1: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – 1991 e 2000

Municípios do ES com Maior IDH*

Ranking Nac.	Município(por ordem do ranking estadual)	IDHM 1991	IDHM 2000	IDHM-Renda 1991	IDHM-Renda 2000	IDHM-Longevid 1991	IDHM-Longevid 2000	IDHM-Educ 1991	IDHM-Educ 2000
18°	Vitória - ES	0,797	0,856	0,793	0,858	0,715	0,762	0,882	0,948
274°	Vila Velha - ES	0,759	0,817	0,729	0,79	0,686	0,734	0,861	0,928
803°	Iconha - ES	0,686	0,79	0,617	0,732	0,718	0,808	0,722	0,83
823°	Guarapari - ES	0,692	0,789	0,638	0,712	0,677	0,784	0,761	0,872
836°	Santa Teresa - ES	0,692	0,789	0,615	0,708	0,746	0,831	0,715	0,827
926°	Anchieta - ES	0,684	0,785	0,605	0,679	0,703	0,784	0,743	0,891
1050°	Ibiraçu - ES	0,668	0,78	0,614	0,715	0,63	0,76	0,76	0,865
1112°	Venda Nova do Im. - ES	0,684	0,778	0,648	0,724	0,649	0,762	0,756	0,847
1°	S.Caetano Sul - SP	0,842	0,919	0,832	0,896	0,782	0,886	0,913	0,975
5507°	Manari - PE	0,359	0,467	0,408	0,343	0,441	0,512	0,228	0,546

Fonte: PNUD Brasil (<http://www.pnud.org.br/atlas/tabelas/index.php>)

*Os dois últimos municípios da tabela referem-se, a título de comparação, respectivamente, ao maior e menor IDH-M do Brasil.

TABELA 2: Venda Nova – População residente

	População residente 1991 – 2007		
	1991	2000	2007
Venda Nova	12.036	16.165	18.610
ES	2.600.618	3.097.232	3.351.669
Venda Nova/ES (%)	0,46	0,52	0,56

Fonte: IpeaData e IBGE.

TABELA 3: Venda Nova – Taxa geométrica de crescimento

	Taxa de geométrica crescimento 1991 – 2007 (média anual)	
	1991 – 2000 (%)	2000 – 2007 (%)
Venda Nova	3,33	2,03
ES	1,96	1,13

Fonte: IpeaData e IBGE. Elaboração própria.

TABELA 4: Venda Nova – PIB a preços correntes

PIB a preços correntes em R\$ milhões (2002 – 2005)*				
	2002	2003	2004	2005
Venda Nova	88,4	114,9	137,9	140,6
ES	26.756	31.064	40.217	47.191
Venda Nova /ES (%)	0,33	0,37	0,34	0,30

Fonte: IJSN. *Segundo nova metodologia de cálculo das contas nacionais.

TABELA 5: Venda Nova – PIP – Taxa de variação total (%)

PIB – Taxa de Variação Real (%)			
	2002-2003	2003-2004	2004-2005
Venda Nova	14,24	11,07	-4,95
ES	2,09	19,84	9,45

Fonte: IJSN. *Segundo nova metodologia de cálculo das contas nacionais.

TABELA 6: Venda Nova – Renda média *Per capita* e percentual de pobres

Renda Média Per capita e Percentual de pobres						
	Renda Média (R\$)			Percentual de pobres (%)		
	1991	2000	Variação	1991	2000	Variação
Venda Nova	189,3	297,8	57,3	45,7	23,1	-49,4
ES	194,8	289,6	48,7	41,7	28	-32,8

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano e IpeaData.

TABELA 7: Venda Nova – Habitação – Acesso básico a serviços

Habitação – Acesso básico a serviços						
	Água Encanada		Energia Elétrica		Coleta de Lixo ¹	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Venda Nova	93,1	98,6	98,4	99,8	91,4	96,0
ES	80,8	93,2	93,3	98,7	70,4	91,9

¹ Somente domicílios urbanos.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano.

TABELA 8: Venda Nova – Empregos formais por setor econômico

	Empregos formais por setor econômico					
	Venda Nova			ES		
	2000	2006	Variação (%)	2000	2006	Variação (%)
Indústria	356	791	122,19	86.286	122.875	42,4
Construção Civil	45	65	44,44	23.437	44.008	87,77
Comércio	583	1.085	86,11	91.160	144.584	58,6
Serviços	672	1.310	94,94	245.847	365.554	48,69
Agropecuária	398	721	81,16	24.964	30.359	21,61
Total	2.054	3.972	93,38	471.698	707.380	49,96

Fonte: RAIS/MTE.

TABELA 9: Venda Nova – Número de empresas por setor econômico

	Número de empresas por setor econômico					
	Venda Nova			Espírito Santo		
	2000	2006	Variação (%)	2000	2006	Variação (%)
Indústria	54	69	27,78	5.454	6.841	25,43
Construção Civil	10	22	120,00	2.734	3.051	11,59
Comércio	146	223	52,74	19.054	24.937	30,88
Serviços	99	136	37,37	17.531	21.564	23
Agropecuária	48	104	116,67	5.397	7.739	43,39
Total	357	554	55,18	50.170	64.132	27,83

Fonte: RAIS/MTE.

TABELA 10: Venda Nova – Indicadores de mortalidade e longevidade

	Indicadores de Mortalidade e Longevidade			
	Mortalidade Infantil ¹		Esperança de vida ao nascer	
	1991	2000	1991	2000
Venda Nova	41,9	21,9	64,0	70,7
ES	42,1	29,2	64,2	68,2

¹ Mortalidade até 1 ano de idade (por 1.000 nascidos vivos)
 Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano.



Foto 1: Público aguardando o Tombo da Polenta (vista do palco)
Festa da Polenta 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 02: O Tombo da Polenta – Edição 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 03: Cantarola italiana antes do Tombo da Polenta - Edição 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 04: Detalhe da estrutura e equipe da cozinha – Edição 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 05: Visão geral da estrutura da cozinha – Edição 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 06: Bênção de abertura da Festa da Polenta 2008, pelo pároco da cidade
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 07: Homenagem aos voluntários na abertura da Festa da Polenta 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 08: Homenagem ao padre Cleto Caliman na abertura da Festa da Polenta 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 09 – O apresentador da Festa com Dona Sunta, personagem que incita a participação dos nativos durante todo o ano na programação da rádio local utilizando expressões do dialeto, trajés, costumes e hábitos dos imigrantes italianos.
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 10: Show de sábado à noite, voltado ao público jovem – Edição 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 11: Show de música italiana - Edição 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 12: O grupo infantil de dança italiana Di Ballo Bambini – 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 13: O grupo local de dança italiana Di Ballo Granello Giallo – 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Fotos 14 e 15: Cenas do Paiol do *nonno*: jogo de *boccias* (esq.) e preparação do açúcar mascavo(dir.) – 2008

Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 16: Paiol do *nonno*: engenho de cana tocado a boi

Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 17: Casa da *nonna*, cenário da festa: fazendo pães como as matriarcas imigrantes
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 18: Casa da *nonna*, cenário da festa: a polenta e o café no fogão a lenha
Fonte: Acervo E.J. Manzi

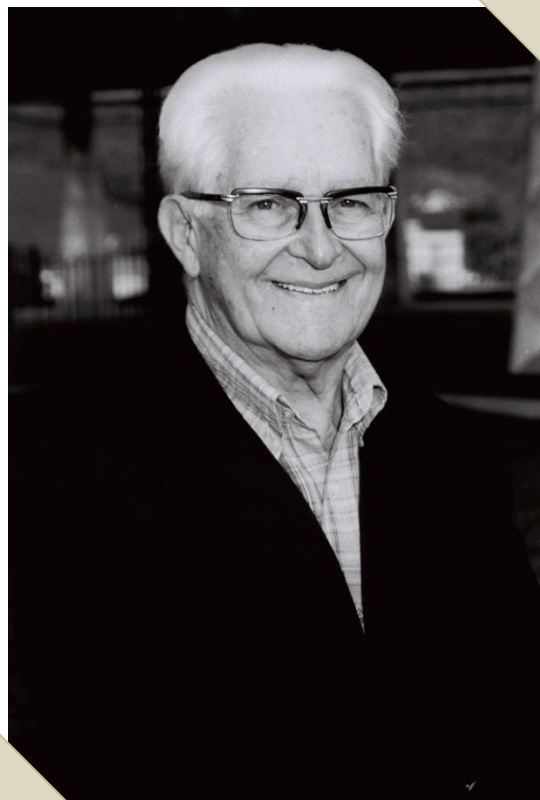


Foto 19: Padre Cleto Caliman
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 20: Padre Cleto Caliman no ritual "Os Tempos do Nunca Mais"
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Fotos 21 e 22: o ritual do Plantio do milho para a festa: divisão do trabalho masculino e feminino (esq.) e três gerações plantando juntas (ambas) – 2008
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 23: o ritual do Plantio do milho para a Festa da Polenta 2008: o grupo inteiro
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 24: após o Plantio do Milho para a Festa da Polenta 2008, a cantarola italiana
Fonte: Acervo E. J. Manzi

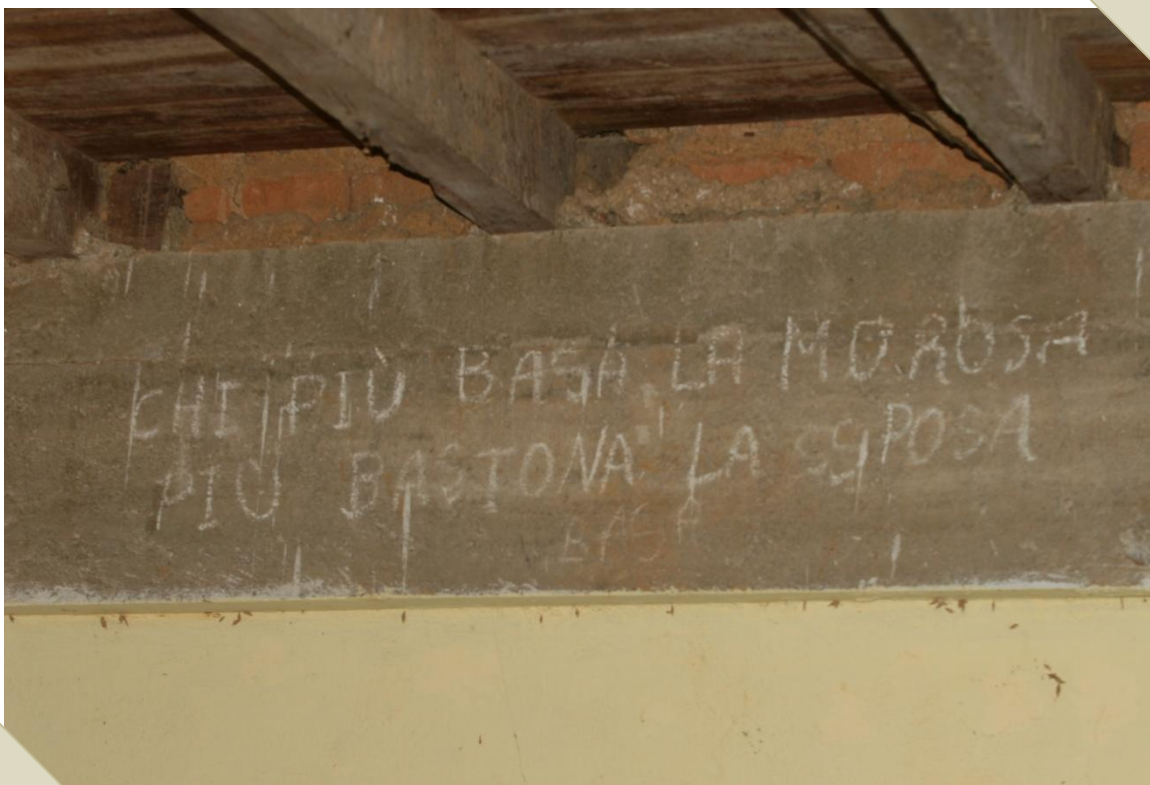


Foto 25: Detalhe do local do Plantio do Milho 2008, um provérbio vênето: “quem muito beija a namorada, muito bate na esposa”
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 26: O ritual Os Tempos do Nunca Mais em 2008: passagem do cocar do anfitrião anterior para o atual

Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 27: Os Tempos do Nunca Mais: canções de Seresta

Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 28: Os Tempos do Nunca Mais: mesa farta com alimentos trazidos pelos participantes
Fonte: Acervo E. J. Manzi



Foto 29: Serenata Italiana 2008: Grupos saem cantando das comunidades e celebram o encontro no pátio do Colégio Fioravante Caliman, como na 1ª. Festa da Polenta
Fonte: Acervo Leandro Fidelis

ANEXO I

Os presidentes da Festa da Polenta

De 1979 até 1983: Padre Cleto ficava à frente, com o apoio direto de voluntários coordenadores de equipe;

De 1984 até 1988: Sávio Caliman continua contando com a equipe de coordenadores, que decidiam tudo juntos;

De 1989 até 1991: Alberto Falqueto é escolhido pelo grupo de voluntários;

De 1992 a 1993: Como primeiro presidente eleito (no dia 31/10/91) depois de instituída a AFEPOL, Vitor Targa assume. No primeiro ano o vice foi Alberto e no segundo, Tarcísio José Caliman;

De 1994 a 1995: Tarcísio José Caliman, que tem como vice nas duas presidências, Fernando Antônio Altoé;

De 1996 a 1997: Fernando Altoé é o presidente e Paulo Mazzoco, o vice;

De 1998 a 1999: Paulo Mazzoco presidente e Reginaldo Caliman, vice;

De 2000 a 2001: Fernando Altoé presidente e Alberto Falqueto, vice;

De 2002 a 2003: Paulo Mazzoco/ Antônio Carnielli;

De 2004 a 2007: Tarcísio José Caliman, tendo Eugênia Darck Recla Detogni e José Luiz Moysés como vice no primeiro e no segundo biênio;

De 2008 a 2009: José Luiz Moysés e Marli Zandonadi.

Fonte: site oficial da Festa da Polenta, 2009

ANEXO.II

ESTRUTURA DE ORGANIZAÇÃO DA FESTA – EQUIPES (2008)

Diretoria da Associação Festa da Polenta- AFEPOL

Presidente
Vice-presidente
Secretário
Diretor Cultural
Vice-diretora cultural
Diretor financeiro
Vice-diretor financeiro
Diretor de patrimônio
Diretora de esporte

- A diretora define as diretrizes do evento Festa da Polenta, como programação cultural, os shows principais, investimento em infra-estrutura e outros que forem necessários para o andamento da Festa. Também faz contato com patrocinadores, controla o fluxo de caixa e o patrimônio da AFEPOL.

Equipe e função

Cozinha: com 130 componentes, prepara os pratos típicos;

Cozinha do bar: com 130 membros, a equipe produz iguarias vendidas em porções;

Bar: com 76 membros, faz o serviço de atendimento e estruturação do bar;

Churrasco: com 35 componentes, prepara e comercializa o churrasco;

Recepção para o almoço: com 10 voluntários, organiza as filas;

Limpeza: com 60 componentes, recolhe pratos e copos usados e limpa as mesas;

Portaria: com 53 componentes, controla entrada e saída do público;

Infra-estrutura: com 20 componentes a equipe faz a montagem de palcos, tablados, caixa, divisórias e outros;

Paio do Nonno: com 49 componentes, prepara o cenário, com objetos e gastronomia, e a programação do local que reproduz os antigos costumes das propriedades rurais;

Casa da Nonna: com 55, prepara o cenário dos principais ambientes de uma casa do início da imigração, com utensílios, móveis e gastronomia. No local também é comercializado os souvenirs da Festa da Polenta;

Ornamentação: com 25 voluntários, ornamenta os galpões e o palco do desfile de eleição da Rainha da Festa da Polenta;

Desfile: com 03 componentes, seleciona as pré-candidatas à Rainha da Festa da Polenta, ensaia e orienta. Também convida os jurados e os voluntários responsáveis pela contagem da pontuação;

Caixa e bilheteria: com 105 componentes, vende as fichas e ingressos, sob a organização da diretoria financeira;

Compras: com 02 componentes, faz tomadas de preço e compra toda matéria-prima da cozinha, do bar e outros setores;

Finanças: com 10 pessoas contra a entrada e saída de recursos e ainda faz toda prestação de contas.

* A AFEPOL conta ainda com voluntários para captação de patrocínio junto ao comércio local, organização da corrida rústica e Caminhada do Voluntariado e comunicação. Ainda são voluntários os membros do grupo de dança, Coral Sol da Manhã e da equipe Dei Bambini.

Fonte: site oficial da Festa da Polenta, 2009.

ANEXO III

LETRA DA MÚSICA “LA BELLA POLENTA”

Canto Popular Vêneto - Autor: Anônimo - 1919

Original em dialeto vêneto

Tradução

Quando si pianta la bela polenta,
la bela polenta si pianta così,
si pianta così, si pianta così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum.

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando la cresce la bela polenta,
la bela polenta la cresce così,
si pianta così, la cresce così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando fiorisce la bela polenta,
la bela polenta fiorisce così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si smissia la bela polenta,
la bela polenta si smissia così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così, si smissia così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si taia la bela polenta,
la bela polenta si taia così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così, si smissia così,
si taia così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si mangia la bela polenta,
la bela polenta si mangia così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così, si smissia così,
si taia così, si mangia così.

Quando se planta a bela polenta,
a bela polenta se planta assim,
se planta assim, se planta assim.

Bela polenta assim.

Cia cia pum, cia cia pum.

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando cresce a bela polenta,
a bela polenta cresce assim,
se planta assim, cresce assim.

Bela polenta assim.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando floresce a bela polenta,
a bela polenta floresce assim,
se planta assim, cresce assim,
fioresce assim.

Bela polenta assim.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se mescla a bela polenta,
a bela polenta se mescla assim,
se planta assim, cresce assim,
fioresce assim, se mescla assim.

Bela polenta assim.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se corta a bela polenta,
a bela polenta se corta assim,
se planta assim, cresce assim,
fioresce assim, se mescla assim,
se corta assim.

Bela polenta assim.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se come a bela polenta,
a bela polenta se come assim,
se planta assim, cresce assim,
fioresce assim, se mescla assim,
se corta assim, se come assim.

Bela polenta così.
Cia cia pum, cia cia pum,
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si gusta la bela polenta,
la bela polenta si gusta così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così, si smissia così,
si taia così, si mangia così,
si gusta così.

Bela polenta così.
Cia cia pum, cia cia pum,
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando fenisce la bela polenta,
la bela polenta fenisce così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così, si smiscia così,
si taia così, si mangia così,
si gusta così, fenisce così.

Bela polenta così.
Cia cia pum, cia cia pum,
Cia cia pum, cia cia pum.

Bela polenta assim.
Cia cia pum, cia cia pum,
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se saboreia a bela polenta,
a bela polenta se saboreia assim,
se planta assim, cresce assim,
fioresce assim, se mescla assim,
se corta assim, se come assim,
se saboreia assim.

Bela polenta assim.
Cia cia pum, cia cia pum,
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando acaba a bela polenta,
a bela polenta acaba assim,
se planta assim, cresce assim,
fioresce assim, se mescla assim,
se corta assim, se come assim,
se saboreia assim, acaba assim.

Bela polenta assim.
Cia cia pum, cia cia pum,
Cia cia pum, cia cia pum.